

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

NÚBIA DA CUNHA SIMÃO

VIOLÊNCIA E CIDADANIA

**A RECEPÇÃO DO PROGRAMA CHUMBO GROSSO JUNTO AO JOVEM EM
CONFLITO COM A LEI**

**GOIÂNIA
Junho de 2012**

NÚBIA DA CUNHA SIMÃO

VIOLÊNCIA E CIDADANIA

**A RECEPÇÃO DO PROGRAMA CHUMBO GROSSO JUNTO AO JOVEM EM
CONFLITO COM A LEI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação- Mestrado da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (FACOMB) da Universidade Federal de Goiás (UFG), para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania
Orientador: Prof. Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva

GOIÂNIA
Junho de 2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GPT/BC/UFG

Simão, Núbia da Cunha.

S593v Violência e cidadania [manuscrito]: a recepção do programa Chumbo Grosso junto ao jovem em conflito com a lei / Núbia da Cunha Simão. – 2012.

xv, 170 f.

Orientador: Prof. Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, 2012.

Bibliografia.

Anexos.

1. Chumbo Grosso, Programa – Goiânia (GO) – Violência. 2. Delinquência – Mídia. I. Título.

CDU: 070.11:343.22

NÚBIA DA CUNHA SIMÃO

VIOLÊNCIA E CIDADANIA

A RECEPÇÃO DO PROGRAMA CHUMBO GROSSO JUNTO AO JOVEM EM
CONFLITO COM A LEI

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Goiás (UFG), para obtenção do grau de Mestre, aprovada em pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. MAGNO LUIZ MEDEIROS DA SILVA
(Orientador – Facomb/UFG)

Prof. Dr. ANA CAROLINA PESSÔA ROCHA TEMER
(Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação- Facomb/UFG)

Prof. Dr. NILDO VIANA
(Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia- FCS/UFG)

Dedico este trabalho a minha mãe Ivone Simão da Cunha (em memória) e a meu pai Ademar Souza da Cunha.

AGRADECIMENTOS

Por sua participação nesta dissertação, agradeço ao meu orientador, o professor doutor Magno Luiz Medeiros pela boa vontade e paciência demonstrados ao longo deste trabalho. À professora doutora Ana Carolina Pessoa Temer e ao professor doutor Nildo Viana por suas fundamentais orientações no trabalho de qualificação desta pesquisa e a todos os colegas e professores do mestrado em comunicação na pessoa do querido secretário Thomaz Rodrigues Santana. Agradeço minha irmã Wânia da Cunha Simão, meu companheiro Aurélio Alves de Melo.

Contraste social,
o povo pobre é que vive mal
O coletivo de favelado agora é arrastão
Discriminados na rua, na praia, na condução
A televisão esquece da pobreza
Impondo a playbozada como
Padrão de beleza.

(Trecho do rap intitulado “Contraste Social” de MV BILL)

RESUMO

A presente dissertação busca estudar como se dá a recepção de informações e imagens de violência, transmitidas cotidianamente no programa Chumbo Grosso, junto ao jovem em conflito com a lei. Para tanto faz-se uma análise das origens e do conceito de violência, buscando problematizar a apropriação midiática da violência. De modo a explicar o abuso do uso de imagens e informações de violência pela mídia busca-se fazer uma retomada das consequências da globalização para a comunicação, principalmente quando se observa o acirramento da concorrência e a luta pela conquista de audiências. Audiência que muitas vezes é conquistada quando se apela para as sensações e sentimentos da população, no modelo de telejornal que se convencionou chamar de sensacionalismo. E, chama-se atenção neste estudo para o programa Chumbo Grosso, que veiculada a violência urbana da região metropolitana de Goiânia. Optando por centrar-se em imagens de cadáveres e mutilações, especialmente e realizar comentários elogiando o combate ao crime, mesmo que para isso seja negado o direito à vida daqueles suspeitos de crimes. Num contexto em que imagens e informações de violência são exploradas de forma exaustiva, observa-se ainda que a tomada de decisões e ações políticas relaciona-se, sobretudo, de informações, item essencial para a cidadania, observa-se a necessidade da discussão da informação veiculada, especialmente, na televisão, para a consolidação da cidadania no Brasil. E, justamente aqueles que mais sofrem a falta de direitos básicos, e aqui poderíamos considerar os direitos de segunda geração, tais como o emprego com carteira assinada, são os jovens. Em pleno processo de ressocialização necessitam da garantia dos direitos civis, políticos e sociais para se inserirem de forma cidadã na sociedade, e são também por isso o grupo selecionado para a pesquisa de recepção. Trabalha-se portanto, com a questão problema de como jovens em conflito com a lei interpretam e re-elaboram as informações sobre violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso. Partindo-se das seguintes hipóteses de que os jovens em conflito com a lei, a partir da leitura cotidiana da espetacularização da violência urbana tornam-se insensíveis a tais atos, num sentido de desvalorização da violência, tanto da morte como das mutilações veiculadas, reconhecem-se como sujeitos que podem perder a vida, no combate à violência proposto no programa, em que a polícia tem de agir de forma cada vez mais rígida. Ou seja, reconhecem-se como não portadores dos direitos civis, ou de primeira geração, num processo de negação da cidadania, e ainda assim, percebem que o programa apela tanto no uso de imagens como de informações e comentários sobre a violência e seu combate.

Palavras-chave: Violência. Mídia. Cidadania. Juventude. Recepção.

ABSTRACT

This dissertation seeks to study how is the reception of information and images of violence, the program broadcast daily Fuzz, with the juvenile in conflict with the law. To this end it is a resume of the origins and concept of violence, seeking to question the ownership of media violence. In order to explain the abuse of the use of information and images of violence in the media seek to make a resumption of the consequences of globalization for communication, especially when we observe the intensification of competition and struggle for audiences. Hearing that often is achieved by appeals to the feelings and sentiments of the population, the model of so-called TV news sensationalism. And, attention is drawn to the program in this study Fuzz, who conveyed to urban violence in the metropolitan area of Goiânia. Choosing to focus on images of corpses and mutilation, especially praising comments and make the fight against crime, even if this is denied the right to life of those suspected of crimes. In an environment where information and images of violence are explored thoroughly, there is even making political decisions and actions depend mainly on information, essential item for citizenship, there is the need for discussion of the information conveyed especially on television, to the consolidation of citizenship in Brazil. And the ones that suffer most from lack of basic rights, and here we measure the second-generation rights such as employment, is young people. In the process of rehabilitation must be guaranteed civil rights, political and social to be inserted in a citizen in society, and is also why the group selected for the reception research. Work is therefore concerned with the problem of how young people in conflict with the law re-elaborate and interpret the information conveyed by the program on violence Fuzz. Based on the following assumptions that young people in conflict with the law, from reading the daily spectacle of urban violence become desensitized to such acts, in a sense of trivializing violence, much of the mutilation of death as disseminated, recognize themselves as subjects who may lose their lives, to combat violence in the proposed program, in which the police have to act more and more rigid. That is, do not recognize themselves as bearers of civil rights, or first generation, a process of denial of citizenship, and yet realize that the program appeals to both the use of images as information and commentary on violence and its combat .

Key Words: Violencia. Media. Citizenship. Youth. Reception.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 01 – VIOLÊNCIA - ALÉM DAS PRÁTICAS E HÁBITOS COTIDIANOS .	16
1.1 Origem e conceituações para a violência.....	16
1.2 Principais teorias e o fenômeno da violência	18
1.3 Conceito de violência	24
CAPÍTULO 02 – O CAMPO JORNALÍSTICO E A TELEVISÃO	27
2.1 Por que falar de campo jornalístico e televisão	27
2.1.2 O campo jornalístico.....	29
2.1.3 Sobre a televisão.....	33
2.1.4 O não olhar sobre as estruturas- a televisão que não deixa ver	38
2.2 Sensacionalismo: resposta à disputa por audiências.....	41
2.2.1 Sobre mídia e telejornalismo	43
2.2.2 Reflexões preliminares: O indivíduo no telejornal sensacionalista	46
2.3 Programa Chumbo Grosso: quando a violência é sensacionalista	48
CAPÍTULO 03 - SOBRE CIDADANIA E JUVENTUDE	56
3.1 Cidadania - de civitas romano a Marshall - breve panorama	56
3.2 Informação, necessidade fundamental para a cidadania	58
3.3 Consumo e Cidadania	61
3.4 Considerações específicas: O sensacionalismo como a negação da cidadania.	64
3.5 Juventude - uma ressocialização complexa	66
CAPÍTULO 4 – SOBRE RECEPÇÃO	72
4.1 Das hipóteses à coleta de dados	72
4.2 Recepção, um longo percurso.....	74
4.3 Entrevista em profundidade.....	80

CAPÍTULO 05 - A RECEPÇÃO DO PROGRAMA CHUMBO GROSSO JUNTO AO JOVEM EM CONFLITO COM A LEI	84
5.1 A pesquisa no Centro de Internação para Adolescentes – CIA.....	86
5.2 Adolescente e sociedade: percepções.....	89
5.2.1 Das mediações.....	93
5.3 Da discussão dos resultados.....	96
5.4 Recepção de informações de violência.....	99
5.4.1 Mediação família	100
5.4.2 Mediação escola	102
5.4.3 Mediação igreja	104
5.4.4 Mediação CIA.....	105
5.4.5 Sobre a recepção de imagens e informações de violência - a mediação individual	110
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
ANEXOS	137

INTRODUÇÃO

Enquanto construtora de identidades coletivas, a mídia tem papel fundamental na história da sociedade brasileira. Por meio de signos e sinais, constrói e transforma imagens e realidades. Imprescindível para a conquista da República e a consolidação do capitalismo, ela desafia a comunidade científica interessada em entender seus reflexos sobre a sociedade.

Nesse processo, o receptor é um usuário crítico, que ressignifica e transforma as mensagens midiáticas. Num momento em que dados apontam o crescimento de assassinatos entre jovens e de crimes praticados por esse grupo etário, números apontam o aprofundamento das desigualdades sociais. Diante deste contexto surgem inúmeras reflexões, entre elas, como se dá a recepção das imagens e informações de violência.

O aumento da criminalidade no Brasil possibilitou que um leque de imagens e informações de violência ganhasse espaço, de maneira generalizada nos mais variados horários da televisão brasileira. Hoje são comuns os programas do dito gênero popular, orientados ao relato das infrações penais.

Um dos problemas dessa transmissão, sem precedentes, de imagens e informações da violência, é como jovens, em conflito com a lei, percebem tal construção imagética e de informações, que é quase sempre transmitida de forma difusa e desordenada.

A influência da mídia na percepção da violência por jovens em conflito com a lei, por meio da conformação de representações da violência pela televisão é o objeto de estudo desta dissertação. Dito em outras palavras, nosso trabalho propõe-se a um diálogo sobre as possibilidades de influência da mídia, enquanto colaboradora de identidades coletivas.

Portanto, a proposta desta pesquisa é estudar como jovens em conflito com a lei que cumprem medida socioeducativa, no Centro de Internação para Adolescentes (CIA), localizado na área física do 1º Batalhão da Polícia Militar, no setor Marista, em Goiânia, Goiás, interpretam e elaboram as informações e imagens de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso, transmitido de segunda-feira a sexta-feira, das 13h00 às 14h15, pela TV Goiânia, afiliada da TV Bandeirantes, em Goiás.

Parte-se da hipótese principal de que a superexposição da violência leva os jovens a tornar a violência algo comum nas suas vidas. Ou seja, a partir da leitura cotidiana da violência os jovens tornam-se insensíveis a tais atos, num sentido de desvalorização tanto da vida, como das mortes e mutilações veiculadas pelo programa Chumbo Grosso e vividas no cotidiano.

São elencadas para tal estudo duas hipóteses secundárias, a primeira admite que os jovens reconhecem-se como sujeitos que podem perder a vida, no combate à violência proposto pelo programa. Há, em vários momentos do programa, um apelo para que a polícia aja de forma cada vez mais rígida no combate ao crime, quer seja, matando os acusados, sem prévio julgamento. Ou seja, parte-se da hipótese de que os jovens em conflito com a lei reconhecem-se como não portadores dos direitos civis, num processo de negação da cidadania.

A segunda hipótese concebe que os sujeitos receptores percebem que o programa explora de forma apelativa tanto imagens, como informações e comentários sobre a violência e seu combate para garantir a audiência.

Como neste trabalho, conforme já mencionado, objetiva-se verificar como se dá a recepção de informações e imagens de violência, veiculadas no programa Chumbo Grosso, junto ao jovem em conflito com a lei, divide-se este estudo em cinco capítulos: capítulo um- Violência- além das práticas e hábitos cotidianos, capítulo dois- O campo Jornalístico e a Globalização, capítulo três- Sobre cidadania e Juventude, capítulo quatro- Metodologia e capítulo cinco- A recepção da veiculação da violência junto ao jovem em conflito com a lei.

O capítulo um traz uma retomada das origens e do conceito de violência. São apresentadas e discutidas as principais teorias que tentam explicar a violência. Neste momento também é explicitado o conceito de violência que oferece embasamento para o trabalho. Ao final do capítulo tem-se uma problematização sobre a apropriação midiática da violência.

Para compreender o abuso do uso de imagens e informações de violência pela mídia, especialmente a televisão, faz-se o uso da teoria dos campos sociais de Pierre Bourdieu analisando o campo Jornalístico. Desta forma no capítulo dois busca-se fazer uma retomada do conceito de televisão. E, sobre o apelo às sensações e sentimentos do público, que se convencionou chamar de

sensacionalismo¹. E, chama-se atenção neste estudo para o programa Chumbo Grosso, que veicula especialmente, imagens e informações da violência ocorrida na região metropolitana de Goiânia.

No capítulo três discute-se cidadania e juventude. Num contexto em que imagens e informações de violência são exploradas de forma exaustiva, observa-se ainda que a tomada de decisões e ações políticas depende, sobretudo, de informações, item essencial para a cidadania, observa-se a necessidade da discussão da informação veiculada, especialmente, na televisão, para a consolidação da cidadania no Brasil.

E, justamente aqueles que mais sofrem a falta de direitos básicos, e aqui poderíamos mensurar os direitos de segunda geração, tais como o emprego, são os jovens. Em pleno processo de ressocialização necessitam da garantia dos direitos civis, políticos e sociais para se inserirem de forma cidadã na sociedade, e são também, por isso, o grupo selecionado para esta pesquisa de recepção. Neste capítulo tem-se uma discussão sobre consumo e cidadania e sensacionalismo e cidadania.

No capítulo quatro tem-se a exposição sistematizada dos métodos empregados para analisar a recepção do programa Chumbo Grosso junto ao jovem em conflito com a lei. Discute-se para tanto as pesquisas de recepção, fazendo-se uma retomada da forma como o receptor foi tratado nas principais teorias que embasam a pesquisa em comunicação. Explicita-se que para verificar as hipóteses propostas por esta pesquisa conjugada à recepção será utilizado o método de entrevista semi-estruturada em profundidade.

O capítulo cinco é dedicado à análise dos resultados e discussões baseadas nas informações obtidas junto aos jovens em conflito com a lei, sobre a recepção de informações e imagens de violência veiculadas pelo Programa Chumbo Grosso. Para tanto é feita uma descrição do Centro de Internação para Adolescentes- CIA assim, como são apresentadas peculiaridades dos indivíduos receptores que vivem a restrição de liberdade. São apontadas as mediações família, escola, igreja, CIA e

¹ O termo sensacionalismo remete, principalmente, ao modelo desenvolvido pelos norte-americanos World e Journal, duas publicações que disputavam leitores de Nova York no século XIX e que se tornaram paradigmas para o sucesso editorial de curto prazo. “A utilização de manchetes estampadas em corpo tipográfico diferenciado e histórias com narrativas fantasiosas passaram a ser recursos comuns de publicações que desejavam atrair o leitor” (ANGRIMANI, 1995, p. 20).

individual enquanto categorias de análise da recepção das imagens e informações de violência. E é apresentado o teste das hipóteses.

CAPÍTULO 01 – VIOLÊNCIA - ALÉM DAS PRÁTICAS E HÁBITOS COTIDIANOS

1.1 Origem e conceituações para a violência

A violência é um fenômeno ao mesmo tempo complexo e ambíguo. Apesar de tão presente na história da humanidade, não é simples a tarefa de definir a violência. Diversos conceitos têm sido propostos para falar de muitas práticas, hábitos e disciplinas, de tal modo que o comportamento social em alguns aspectos poderia ser visto como violento, inclusive o baseado nas práticas “educativas”.

Assim, nem sempre a violência fundamenta-se em crimes e delitos, mas ela permeia nosso cotidiano, nossas mentes e almas na forma de um sentimento de insegurança. Ou seja, não necessariamente fazem-se necessárias provas, corpos, para configurar algo como violência. Isso porque, “a violência é ressignificada segundo tempos, lugares, relações e percepções e não se dá somente em atos e práticas materiais”. (ABRAMOVAY, 2006, p.15).

Segundo Zaluar (2004, p. 228-229) o termo violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física, ou recurso do corpo para exercer sua força vital), essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo assim, carga negativa, ou maléfica. Portanto, é a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento causado), que vai caracterizar um ato como violento, percepção que varia cultural e historicamente.

Desde a Grécia antiga estudiosos tentam desvelar a violência, ora enquanto fenômeno de natureza biológica, ora relacionada aos aspectos sociais. “A concepção de que a violência é uma ação antinatural e contrária à natureza do homem surge a partir da distinção de Aristóteles (séc. 4 a. C.) quanto ao movimento natural e o movimento violento”. (CHAUÍ, 2006, p. 121).

Desde Aristóteles vários filósofos construíram metafisicamente uma concepção de natureza humana. Alguns colocaram em sua construção especulativa a ideia de que, tal natureza, carrega em si a violência ou algum elemento que a provoca.

No Iluminismo, importante época para a história da ciência, filósofos como Rousseau (2000) e Hobbes (2008) buscaram compreender, embora de formas contraditórias, as manifestações violentas. Para o primeiro autor, o homem é bom

por natureza, mas a convivência em sociedade desperta nele o comportamento violento.

Já, Thomas Hobbes, na sua construção de uma filosofia legitimadora do absolutismo, destaca-se como um dos ideólogos do ser humano “mau por natureza”, com sua tese do *homo homini lúpus* o “homem é o lobo do homem” (HOBBS, 2008), pois o egoísmo seria a “força motriz” da natureza humana. A construção de Hobbes parte, como era comum na época, de um suposto “estado de natureza”, no qual a humanidade vivia sob o signo do egoísmo.

Para Hobbes (2008, p. 75), o ser humano busca lucro, segurança e poder e assim sendo é originalmente mau. Para conquistar o que deseja o homem usa de “força ou astúcia, para subjugar as pessoas (...) durante o tempo necessário para chegar ao momento em que não haja qualquer poder suficientemente grande para lhe ameaçar”.

No século XX, passa-se para suas motivações, ou seja, investiga-se como e por quais motivos ocorre a violência. Nestes estudos destacam-se Arendt (1999; 2001), Michaud, (1989) e no Brasil, Chauí (2006).

Para Arendt (1999) as situações de violência estão intimamente ligadas ao poder, vigor e autoridade, ou seja, com a falta de poder e autoridade é possível surgir espaço para o exercício da agressão desenfreada e da violência. A autora chega à conclusão que em determinadas circunstâncias todos os seres humanos podem cometer abusos de poder, ou seja, todos podem tornar-se carrascos.

Michaud (1989, p. 83) analisa o problema sob a ótica da busca da satisfação pessoal. Do ponto de vista da corrente da psicanálise freudiana, o autor enfatiza que “a autoconservação (pulsão da vida) apóia-se na agressividade (...)” “do mesmo modo, a pulsão de amor precisa de empresa agressiva para garantir sua satisfação. O prazer da destruição e da agressão mistura-se com motivos elevados ou eróticos no momento das guerras e das perseguições”.

Michaud já chamava a atenção para a relação entre violência e sua representação.

A situação é, pois, de imediato tão clara como inexplicável: de um lado, a violência é totalmente real, de outro aparece unicamente em determinado tipo de representação do campo social. Possui uma positividade inelutável e ao mesmo tempo, flutua e metamorfoseia-se conforme as convicções que a apreendem (MICHAUD, 1980, p. 8).

O autor afirma que a positividade da violência muda de aspecto segundo quem fala por ela, quem a avalia, quem a interpreta e quem a sofre. Os torturadores metamorfoseiam sua violência em “dever de Estado” a polícia faz “reinar a ordem nas ruas”; os tiranos quando cometem violência dizem defender “o direito natural do seu poderio,” além das inúmeras violações cometidas em nome da “segurança do Estado”.

Chauí (2006, p. 123) define ainda violência como todo ato físico, psíquico, moral ou político em que um sujeito é tratado como coisa ou objeto. Ou seja, os efeitos e causas da violência podem estar relacionados a aspectos psicológicos, políticos, culturais ou físicos, e ainda simbólicos.

É importante ressaltar que a violência não necessita de dois ou mais seres humanos, pois no suicídio o próprio indivíduo violenta-se, assim como em inúmeras outras situações, como no caso de mulheres que vítimas de agressões verbais ou até mesmo físicas, se submetem a estar com determinados companheiros e demais situações em que conscientemente o indivíduo expõe-se à violência.

Talvez, por ser parte viva do cotidiano humano a violência tenha sido tão estudada. Ao longo do desenvolvimento das ciências diversas foram as correntes de pensamento teórico a tentar explicar esse fenômeno, tendo como fundo as percepções sensoriais e biológicas, defesa de interesses pessoais, exercício de poder, autodefesa, reações psicológicas, dentre outras motivações. De modo a compreender melhor o percurso dos estudos sobre a violência estudaremos a seguir as principais teorias que tentam explicar o termo.

1.2 Principais teorias e o fenômeno da violência

De modo a compreender-se melhor como a violência vem sendo estudada pode-se reconhecer algumas correntes de pensamento que têm norteado estes estudos. Desta forma, tem-se as teorias biológica, psicofisiológica, psicológica, psicanalítica e social, como também os estudos do comportamento animal².

A teoria biológica entende que as práticas de violência estão relacionadas à necessidade de sobrevivência. O homem agride para permanecer vivo. Os seres

² Existem mais correntes de pensamento que analisam a violência, mas como o objetivo deste estudo não é explicar detalhadamente cada uma destas teorias enfatiza-se tratar apenas de breve histórico, para evidenciar a importância dos estudos de recepção das informações de violência.

humanos buscam fugir da dissolução entrópica ao agredir outras células ou organismos.

Assim, lutar é considerado algo inerente à natureza biológica que ao destruir outros organismos garantiria sua sobrevivência. Porém, muito se tem criticado a teoria biológica, pois a mesma tende a reduzir o homem ao instinto, desconsiderando o ponto de vista social. Para autores como Chauí (2006, p. 122) a violência refere-se às relações sociais entre os homens, tendo como campo a ética e a política e não uma origem puramente natural.

Além da teoria biológica tem-se a teoria psicofisiológica. Essa teoria busca explicar a relação entre o estresse e o potencial agressor. Busca-se também descobrir se o uso de medicamentos pode contribuir para a redução ou o aumento de casos de violência.

Para Michaud (1989, p. 71) “os agentes estressantes (*stressors*) podem ser devidos a ataques microbianos, a variações de parâmetros do meio ambiente (temperatura, barulho, luz, etc)”. Visão que aproxima o estresse (causa) do ato violento (consequência).

Mais uma vez, como a teoria biológica, a teoria psicofisiológica também é criticada por excluir fatores sociais e culturais da análise das reações violentas. Ou seja, um indivíduo doente que em geral manifesta irritabilidade e agressividade devido à vivência regular de situações que o estressam, tais como, o uso constante de medicamentos e suas reações adversas, a impossibilidade de realizar determinados movimentos ou de viverem certas situações, estaria fadado a praticar atos de violência.

Diferentemente desta corrente de estudos observa-se que cada indivíduo reage de uma maneira e isto se relaciona também com a cultura e o meio social em que o mesmo está inserido.

Frequentemente esta teoria é usada em julgamentos, em geral, na defesa de pessoas que praticaram crimes, sob o uso de entorpecentes. Como no julgamento de Suzane Richthofen e seu namorado que foram acusados da morte, a pauladas, dos pais dela, que dormiam em casa. O advogado de defesa argumentou que os acusados estavam semi conscientes, devido ao uso de drogas, para atenuar a pena. Os acusados foram julgados culpados e permanecem presos.

Já, a teoria psicológica de origem *behaviorista* tem como tese básica a de que o comportamento agressivo é gerado pela frustração e toda frustração gera um comportamento agressivo. “J. Dollard criou uma teoria geral da agressão e da violência (...). Esta tese ficou conhecida como “teoria da frustração-agressão”. (VIANA, 2004, p. 18).

Para Michaud (1989, p. 79) “as abordagens clínicas e estatísticas oferecem um painel de fatores traumáticos na construção da personalidade agressiva. Um estudo da personalidade de criminosos de guerra, após a derrota da Alemanha nazista atesta a hipótese do trauma provocar esses comportamentos”.

Os estudos dessa teoria atestam um aumento nos comportamentos violentos em situações de expropriação, como a falta de alimentos, abrigo, liberdade de ir e vir, entre outros.

O estudo da agressão numa perspectiva *behaviorista* parte do postulado de que o ser humano age de acordo com seus interesses, atua visando a eficácia de sua ação para conseguir aquilo que quer. Se uma pessoa recebe o que quer devido a suas atitudes agressivas, irá sempre apelar para a agressão para conseguir realizar seus desejos. Esta é a lógica estímulo-resposta. (VIANA, 2004, p. 18)

Tais estudos também relacionam ações de violência no presente com agressões sofridas em situações anteriores. Por exemplo, um indivíduo vítima de agressão sexual que mais tarde torna-se um pedófilo. Assim, para os adeptos desta corrente, boa parte de sua conduta violenta pode ser explicada pela violência sofrida. Esta também é uma teoria apropriada por juristas para argumentarem na defesa de indivíduos que praticaram atos violentos.

A teoria psicológica é considerada insuficiente para alguns autores, pois evita discutir a questão da motivação do comportamento, tomando-o como suficiente, além de negar a subjetividade humana promovendo muitas vezes uma simplificação.

Visto que o *behaviorismo* não tem nenhuma teoria sobre o homem, só pode tomar em consideração o comportamento, e não a pessoa que se comporta. Se alguém sorri para nós porque deseja esconder sua hostilidade, ou se uma vendedora de casa comercial sorri porque foi instruída para proceder assim (nas melhores casas comerciais) ou se um amigo nos sorri porque está feliz em nos ver nada disso oferece a menor diferença para o *neobehaviorismo*, porque ‘um sorriso é um sorriso. (FROMM 1975, p.72 *apud* VIANA 2004, p. 19).

Outra vertente é a baseada nos estudos freudianos. A teoria psicanalítica relaciona a pulsão sexual com a prática de atos violentos. Para os adeptos dessa vertente a violência é parte da realização humana e portanto, inerente ao homem. “Ou seja, a *destrudo* acompanha estruturalmente a libido na complexidade do indivíduo; é, portanto, algo inerente à experiência subjetiva e intersubjetiva dos indivíduos”. (SODRÉ, 2002, p. 24).

Para Viana (2004, p. 9) essa teoria é uma “concepção instintivista (que) parte da ideia de que existe um instinto responsável pelos atos violentos. A concepção de “instinto de morte” elaborada por Freud na última fase de sua obra”. Tal concepção é duramente criticada:

(...) o homem achava-se sob o domínio de um impulso para destruir a si próprio e aos outros, e pouco podia fazer para fugir a essa trágica alternativa. Segue-se que, do ângulo do instinto de morte, a agressão não era essencialmente uma reação a estímulos, mas um impulso de fluxo constante enraizado na constituição do organismo humano. (FROMM, 1975, p. 39-40 *apud* VIANA 2004, p. 11).

Já para Michaud (1989) esta teoria enfatiza que o amor procederia das pulsões sexuais e o ódio das pulsões da luta do ego para se firmar e se manter. Dentro dessa linha de estudo, informa-se que a violência atrairia a atenção ao se enraizar no ser humano de forma semelhante à libido ou à propulsão sexual e amorosa.

Porém, a concepção psicanalista centrada nos instintos é bastante questionada. “O motivo para a recusa do instinto de morte nos meios psicanalistas encontra-se na falta de provas clínicas de sua existência” (MCINTIRE, 1978 *apud* VIANA, 2004, p. 9).

Para (FROMM 1975, p. 40 *apud* VIANA 2004, p. 11) a teoria freudiana sofre graves deficiências, pois:

Está baseada inteiramente em especulações abstratas e em comprovação empírica que mal pode convencer. Além disso, ainda que Freud brilhantemente tentasse interpretar os impulsos humanos em termos de uma nova teoria, sua hipótese mostra-se inconsistente com o comportamento animal. Para ele, o instinto de morte é uma força biológica em todos os organismos vivos: isso devia significar, também, que os animais expressam-no contra eles próprios ou contra os outros animais. Consequentemente, devia-se registrar maior índice de doença ou de morte prematura nos animais menos agressivos em direção exterior, e vice-versa; mas, é claro, não existem dados que apóiem esta ideia. (FROMM, 1975, p. 40 *apud* VIANA 2004, p. 11).

Assim, segundo a teoria psicanalítica existem dois modelos que buscam explicar a violência. Em um caso, a violência poderia resultar de uma frustração da satisfação da libido. Em outro caso, atos violentos resultam da luta pela sobrevivência, “agredir alguém seria, assim, garantir imaginariamente a sobrevivência própria, transferindo a morte para o outro”. (SODRÉ, 2002, p. 24).

Outra concepção também pode ser fortemente relacionada aos instintos, a denominada “Comportamento animal” ou etologia. Para Michaud (1989, p. 72), a partir de Eibesfeldt, o campo da etologia foi estendido ao comportamento dos homens. Dentro dessa leitura, a agressão é intraespecífica, funcionando com a precisão que caracteriza o instinto, ou seja, estaria inscrita de modo programado e automático nas reações, pois advimos do mundo animal.

O criador desta corrente de pensamento foi Konrad Lorenz, Prêmio Nobel de Medicina e simpatizante do nazismo quando de sua vigência. Na obra de Lorenz não há uma explicitação do termo “animal”, “pressupondo que se trata do comportamento tanto dos animais quanto dos seres humanos”. (VIANA, 2004 p. 13). Ou seja, para os adeptos desse pensamento a agressão é um instinto tanto presente nos animais, como nos seres humanos.

A origem desta concepção encontra-se na analogia entre o comportamento animal e o comportamento humano. Os estudos de K. Lorenz sobre pássaros e peixes são a fonte de sua tese sobre a agressividade humana. “Por conseguinte, é preciso discutir o comportamento agressivo nos animais e, posteriormente, nos seres humanos, bem como ver a legitimidade da transposição de um para outro”. (MONTAGU, 1970 *apud* VIANA, 2004, p. 13)

Assim a etologia busca compreender o estabelecimento de hierarquias sociais, por exemplo, a violência tem duas funções precisas: permitir a repartição territorial dos grupos de animais e a escolha de parceiros sexuais, o que garantiria a predominância dos mais aptos à sobrevivência. Para Michaud (1989) estudos relacionados ao “comportamento animal” também indicam que quanto maior o grau de parentesco menor a possibilidade de violência.

Porém, esta linha de pensamento é duramente criticada justamente pela analogia que faz entre os seres humanos e os animais, ignorando por sua vez, aspectos sociais, políticos e culturais.

A crítica à etologia encontra-se também, no fato do seu principal autor, Lorenz não utilizar nenhum recurso metodológico, além da analogia entre o comportamento animal e humano e, por ignorar as motivações da violência em seus estudos.

Outra vertente de estudos tornou-se conhecida pelos estudos de Émile Durkheim, L. A. Coser e Georg Simmel e recebeu o nome de teoria social. Posições funcionalistas, dividem o estudo da violência na ênfase no controle em Durkheim e Berger e no conflito para Simmel e Coser. (VIANA, 1999).

De acordo com o pensamento funcionalista³ os vários elementos sociais exercem funções na sociedade de forma a obter-se a coesão social. Desta forma, é fácil observar que para Durkheim (1974) o crime é um elemento natural também contribuindo para a coesão social. “A criminalidade é um fato de toda sociedade sadia, (...) o crime, na verdade, reforça a coesão social e por isso é normal, somente quando há um estado de anomia é que ele se torna ‘patológico’”. (VIANA, 2004, p. 20).

De acordo com os escritos do próprio autor “o crime é, pois, necessário; ele se liga às condições fundamentais de toda a vida social e, por isso mesmo, tem sua utilidade; pois estas condições de que é solidário são, elas próprias, indispensáveis à evolução normal da moral e do direito”. (DURKHEIM, 1974, p. 61).

Tal concepção sempre recebeu inúmeros ataques, principalmente pois, várias teorias vieram desmentir a ideia da sociedade percebida enquanto corpo, em que cada parte executaria determinada função, para enfim se observar a coesão social.

Mas, os estudos de Durkheim (1974) sobre a violência também foram questionados por tratar apenas da violência criminal, reduzindo o fenômeno e também por considerar o crime um elemento de coesão social, enquanto diversos autores consideram-no como fissuras da sociedade. “O problema metodológico está em tomar os fatos sociais como coisas e desta forma, naturalizá-los, pois desde que não façam um rompimento com a organização social não são ‘anormais’”. (VIANA, 2004, p. 21).

Outra perspectiva dentro da chamada teoria social foi a abordagem do conflito, em que se usará como expoente Coser. Coser considera que o conflito

³ O sistema social (foco da corrente funcionalista) na sua globalidade é entendido como um organismo cujas diferentes partes desempenham funções de integração e de manutenção do sistema.

produz coesão, sendo um mecanismo estabilizador da sociedade. Na perspectiva deste autor as distensões sociais servem para revitalizar as normas ou para fazer emergir novas regras para a vida em sociedade.

Segundo Michaud (1989, p. 93) a visão de Coser sobre a violência está intimamente ligada à rigidez da estrutura social. “A violência de um conflito que ameaça desagregar o consenso básico de um sistema social está ligada á rigidez da estrutura”.

Viana (2004, p. 21) ressalta que para Coser “o que provoca o conflito são os ‘sentimentos de hostilidade e repulsão’, sendo, portanto, que suas causas últimas residiriam nos sentimentos humanos”.

A perspectiva da violência enquanto conflito também é amplamente criticada pois, trata dos sentimentos que levam à violência como naturais e não busca compreender suas causas. “Assim, Coser acaba também realizando uma naturalização do conflito e da violência, já que não coloca em evidência a gênese social dos sentimentos”. (VIANA, 2004, p. 21).

Sobre as teorias mencionadas acima observa-se que foi feito apenas um panorama geral das mesmas, devendo para estudos específicos buscar-se o adequado aprofundamento teórico.

1.3 Conceito de violência

Desde o início da história, o homem assiste e/ou é protagonista de cenas de violência. No entanto, o dicionário resume, sem comentários, a história dos numerosos sentidos que a palavra violência teve e tem na cultura ocidental, desde a antiguidade. Esses múltiplos sentidos poderiam ser resumidos na ideia de que a violência é um ato brutal e antinatural de transgressão e violação da natureza, do direito, da justiça, das leis, dos costumes, do sagrado, das mulheres e dos mais fracos.

Quando a relação entre dois ou mais seres realiza-se por meio da força física, psíquica ou moral, dizemos que há violência, identificando-a com a coerção, a coação ou a repressão. Desta forma, diferentes culturas definem de diversas maneiras a margem que separa o natural e o ilegítimo. Há pluralidade de medidas e critérios para avaliar a própria identificação da violência com a força.

No entanto, apesar de inúmeras significações para diversas práticas que variam cultural e historicamente, busca-se neste estudo compreender a violência enquanto fenômeno social, relacionado, portanto, também ao modo de produção capitalista que tende a enfatizar a concorrência e o espírito competitivo, alijando grande parcela da população de estruturas básicas como educação, saúde, e moradia digna, sem contar nos problemas relacionados a falta de empregos formais.

A violência é aqui compreendida como “uma relação social caracterizada por uma imposição de algo realizada por um indivíduo/grupo social a outro indivíduo/grupo social contra sua vontade ou natureza”. (VIANA, 1999, p. 224).

Apesar de reconhecer nas desigualdades inerentes ao capitalismo uma forte motivação para a violência, não se quer afirmar a violência, simplesmente, como fruto da pobreza. Como se sabe existem múltiplas determinações para um fenômeno, entendidas na concepção marxista, enquanto determinação imediata e fundamental.

A violência não é produto dos sentimentos, instintos, frustrações, etc., pois existe uma multiplicidade de formas de violência e, por conseguinte, uma multiplicidade de determinações. Além disso, o concreto é resultado, tal como já dizia Marx, de suas ‘múltiplas determinações’, não sendo o efeito de uma ‘causa única’. Assim, torna-se necessário ultrapassar as concepções ideológicas de violência e buscar um referencial teórico que consiga dar conta deste fenômeno complexo. (VIANA, 2004, p. 21-22).

Tomemos o exemplo abaixo para compreender a complexidade da causalidade: Um trabalhador da construção civil sofre um acidente de trabalho devido à queda de um andaime. Muitos diriam “a queda do andaime foi a causa do acidente.” No entanto, esta é a sua determinação imediata, pois tal queda foi possível porque o empresário da construção civil não forneceu as condições necessárias de segurança para evitar gastos e diminuir custos, permitindo uma maior acumulação de capital e ampliando a possibilidade de acidentes. A acumulação de capital é a determinação fundamental e a queda do andaime é a sua determinação imediata. (VIANA 2001, p. 95).

Segundo Viana (1999, p. 227) para Marx a compreensão de um fenômeno pressupõe a descoberta de suas múltiplas determinações e principalmente sua determinação fundamental, que acompanhada de outras variáveis vai conduzir a apreensão do seu caráter concreto. “Ao deixar de lado o problema da opressão, da dominação e da exploração, acaba-se ofuscando a visão de que a violência e o

conflito são uma relação entre desiguais, em que uns detêm o poder e outros são submetidos a ele”. (VIANA, 1999, p. 231).

Desta forma, podem-se compreender as diversas formas de violência, como por exemplo, a institucional, isso porque o Estado age em prol da permanência do *status quo* em benefício daqueles que detêm os meios de produção. “A razão de ser da violência estatal se encontra na resistência e na luta dos explorados contra a exploração e a dominação”. (VIANA, 1999, p. 232).

Assim, compreende-se que muitas vezes a violência criminal deve-se em “parte à separação entre o trabalhador e os meios de produção e por outro lado, ao processo de separação entre a unidade de produção e unidade de consumo”. (VIANA, 1999, p. 232). A população expropriada dos meios de produção encontra, muitas vezes, na violência a forma de obter bens de consumo e sentir-se parte da sociedade capitalista, como bem argumenta o autor:

Outras formas de violência criminal têm suas raízes na mentalidade e sociabilidade desenvolvidas na sociedade capitalista baseada na competição, na mercantilização e na burocratização das relações sociais, que criam uma intensa luta por ascensão social e status, visando a ficar numa posição cada vez mais elevada na pirâmide social, o que leva diversos setores da sociedade a aderir à violência criminal sem que isto esteja diretamente ligado com a mera sobrevivência. (VIANA, 1999, p. 232).

Não se quer negar a existência de outras motivações para a violência, porém como se fará um estudo de recepção junto a jovens em conflito com a lei, buscou-se definir o conceito de violência usado para esta compreensão. Conceito que pode diferir, inclusive, daquele concebido pelos jovens em conflito com a lei.

CAPÍTULO 02 – O CAMPO JORNALÍSTICO E A TELEVISÃO

2.1 Por que falar de campo jornalístico e televisão

No entanto, a par da relevância da mídia para a construção de representações da realidade social, chama a atenção o alcance da televisão e a rotina de produção das notícias. Para tanto far-se-á uma análise da importância deste veículo midiático e das relações sociais e comerciais que circundam o jornalismo enquanto campo social.

Compreende-se campo como um espaço em que se manifestam relações de poder entre dominados e dominantes, universos específicos, como o campo das artes, o campo religioso entre outros. Observando-se a sociedade, partindo-se da metodologia de Pierre Bourdieu, é possível identificar diversos campos sociais, entre eles o campo jornalístico.

O próprio autor repete em sua literatura sobre a importância de conhecer-se os mecanismos que animam determinado campo para compreender dada realidade social. Para além das forças do capital e do trabalho há um sem número de estruturas que influenciam determinado campo e, por conseguinte, a sociedade.

A necessidade humana de informar-se sobre os mais diversos assuntos permitiu e continua permitindo a permanência do homem na terra. Com a Revolução Industrial o ressurgimento das cidades fez com que as informações, antes facilmente obtidas dentro dos feudos, necessitassem de mecanismos de transmissão, para além do contato face a face. Ademais a necessidade de divulgar as informações da Revolução Francesa pelos burgueses fez surgir o espaço que mais adiante iria consolidar-se enquanto o campo jornalístico, que desde então exerce uma influência sobre outros campos sociais, levando ao conhecimento do grande público aquilo que é selecionado como relevante.

Deve-se observar que o campo de produção e distribuição das informações possui, como os outros campos, mecanismos próprios que irão influenciar no tratamento aos dados obtidos e que nem sempre serão um exato reflexo da realidade ao chegarem ao conhecimento dos indivíduos.

O alcance do campo jornalístico sempre foi maior que os outros, por seu produto ser justamente, a informação. Mas, o seu alcance de fato ganhou proporções maiores com o advento do rádio primeiramente, e depois da televisão.

Se antes para se informar era necessária a leitura e a dedicação de um tempo diário, com os meios de comunicação eletrônicos, a comunicação mudou completamente.

Atualmente é possível que o indivíduo informe-se enquanto faz outras atividades e para além das informações é oferecido um misto que trata e transforma quase tudo em algo agradável aos olhos e ouvidos e que entretém, distraí.

Há quem ao chegar cansado de um dia de trabalho busque desligar-se assistindo televisão, ou agende seus horários e até comentários pelo que é oferecido na televisão. É comum ver pessoas comendo enquanto assistem um telejornal, assim como fazendo inúmeras outras atividades. No Japão, por exemplo, há tempos as pessoas possuem televisões portáteis e assistem-nas nos mais variados locais e ocasiões.

O problema desta transmissão de informações sem precedentes está no tratamento dado aos acontecimentos que se tornam notícias. Ao dar visibilidade a determinados assuntos e indivíduos em detrimento a outros a televisão colabora para que boa parte da sociedade tenha uma visão que nem sempre é a realidade e que por vezes, não favorece a reflexão.

Mas, apenas condenar o jornalismo e, por conseguinte a televisão certamente não levaria a uma possibilidade de transformação da realidade. Portanto, pretende-se desvelar os mecanismos do campo jornalístico. Verificando a repercussão dos mecanismos deste campo na televisão, a influência do campo jornalístico, especialmente da televisão sobre os diversos campos sociais e a colaboração da informação sem reflexão para a conformação de modelos políticos econômicos, como o neoliberal.

2.1.2 O campo jornalístico

Para conceituar campo⁴ jornalístico é preciso voltar brevemente à importância da comunicação para a humanidade. Diversos autores afirmam que foi devido à capacidade humana de comunicar-se que o homem garantiu sua sobrevivência na Terra. Em princípio informações sobre caça, pesca e abrigo, depois informações sobre saneamento básico foram fundamentais para a preservação da espécie. Assim sendo, como produto social, a comunicação perpassa todas as esferas do cotidiano humano.

No início a comunicação face a face, primeiramente com gestos, posteriormente sons e desenhos e depois a fala para se chegar então aos códigos que traduzem as falas em linguagem escrita. Cronologicamente, as formas de comunicação, que possibilitaram ao homem registrar e transmitir o saber, são: a escrita, a tipografia (com o advento do livro), o rádio, a televisão e o computador. (PEREIRA e MORAES, 2009, p. 68).

Mas, afinal de que comunicação falar-se-á?

A palavra comunicação vem do latim *communicatio*, em sentido amplo significa “estar encarregado de reunião”, que reforça a ideia de atividade. Embora o termo comunicação possa assumir diversos sentidos, neste trabalho utilizar-se-á, comunicação enquanto uma ação sobre o outro. (TEMER, 2005, p. 276).

Nesse sentido, a comunicação está permeada pelas relações de forças que perpassam os diversos campos.

Para Bourdieu, a comunicação se dá enquanto “interação socialmente estruturada”, isto é, os agentes da “fala” entram em comunicação num campo onde as posições sociais já se encontram objetivamente estruturadas. O ouvinte não é o “tu” que escuta o “outro” como elemento complementar da interação, mas se defronta com o “outro” numa relação de

⁴ Assim, partindo de uma tipologia realista weberiana especialmente ligada ao campo religioso, Bourdieu concebe o campo como a estrutura de relações objetivas que analisadas podem explicar as interações entre os agentes sociais. Pode-se compreender o campo como um espaço de permanente disputa, para a entrada e a permanência, em um determinado universo. O campo é um espaço de forças opostas levando a um jogo, uma competição permanente. Um espaço parecido com um mercado em que os agentes comportam-se como jogadores, mercado com produtores e consumidores de bens, numa luta pela acumulação de capital social, que levaria o agente a ser dominante, ser reconhecido como agente dominante naquele campo. “Os campos são espaços estruturados de posições (postos), cujas propriedades dependem de sua posição nestes espaços e que podem ser analisados independentemente das características de suas ocupantes (em parte determinada por elas)” (BOURDIEU, 1980, p. 79 *Apud* BONNEWITZ, 2003 p. 38).

poder que reproduz a distribuição desigual de poderes agenciados ao nível da sociedade global. (ORTIZ, 1983, p. 13)

Com a Revolução Industrial em meados do século XVIII, e o êxodo rural, as cidades multiplicaram-se por toda Europa. As informações, antes transmitidas face a face, com o distanciamento das pessoas no meio urbano, passaram a serem reportadas por veículos de comunicação, meios, como os impressos, que garantiram o acesso das pessoas ao que acontecia ao seu redor e poderia influenciar na sua existência. Ao conjunto de meios de comunicação ou veículos, dá-se o nome de mídia⁵.

Mas, foi somente no século XIX que o campo jornalístico configurou-se enquanto espaço social estruturado. No momento em que começa a haver uma disputa entre jornais impressos, alguns voltados para a dramatização do reportado, conhecidos como sensacionalistas e outros para análises e comentários com maior precisão e objetividade informativa.

O campo jornalístico organiza-se segundo uma estrutura homóloga à dos outros campos com o diferencial que o aspecto comercial é mais evidente. (BOURDIEU, 1997). Ele é o lócus de oposição entre o reconhecimento que os jornalistas obtêm dos colegas de profissão e do reconhecimento pela maioria do público, que invariavelmente atrairá anunciantes, que desejam vender para tal número de expectadores.

(...) ele é o lugar de uma oposição entre duas lógicas e dois princípios de legitimação: o reconhecimento pelos pares, concedido aos que reconhecem mais completamente os “valores” ou os princípios internos, e o reconhecimento pela maioria materializado no número de receitas, de leitores, de ouvintes ou de espectadores, portanto, na cifra de venda (Best-sellers) e no lucro em dinheiro, sendo a sanção do plebiscito, nesse caso, inseparavelmente um veredito do mercado. (BOURDIEU, 1997, p. 105)

Mas, são as características da produção e circulação dos bens jornalísticos, ou seja, das notícias que se destacam quando se quer compreender os mecanismos de funcionamento do campo jornalístico, numa lógica cíclica da constante busca por

⁵ Opta-se neste estudo por denominar de comunicação, como parte da “aceleração do processo circulatório dos produtos informacionais (culturais)” (SODRÉ, 2006, p. 15). E, também pelo uso do termo midiatização em lugar de mediação ou mediatização, isso porquê, o termo mediação tem a ver com interação, que envolve mediações simbólicas, que são desde sempre linguagem, trabalho, leis, artes. “Está presente na palavra mediação o significado da ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes (o que implica diferentes tipos de interação) (...)” (SODRÉ, 2010, p. 21).

audiência. Neste sentido, há que se observar que os jornalistas para além da dependência das avaliações do próprio grupo, estão sujeitos às avaliações do público que pode ou não atrair anunciantes.

Uma das formas de garantir público é dar a notícia em primeira mão. Como quando da queda dos aviões no World Trade Center, em 2001, nos Estados Unidos, em que no Brasil a emissora de televisão “TV Bandeirantes” conseguiu imagens do atentado bem antes dos outros veículos de comunicação. No jargão jornalístico expor um acontecimento em primeiro lugar, significa dar o *furo* nas outras emissoras. Lembrando que, quem garante público atrai àqueles que querem comunicar algo a estas pessoas, os anunciantes. O que leva os diversos veículos midiáticos àquilo que Bourdieu (1997, p. 107) “denomina concorrência pela prioridade (...) que atrai e favorece os agentes dotados de disposições profissionais que tendem a colocar toda a prática jornalística sob o signo da velocidade (ou da precipitação) e da renovação permanente”.

A problemática sobre a busca pelo *furo* é que tal renovação permanente com sua necessária velocidade impede, por exemplo, que reflexões mais profundas sejam veiculadas, o que “favorece uma espécie de amnésia permanente que é o avesso negativo da exaltação da novidade e também uma propensão a julgar os produtores e os produtos segundo a oposição do “novo” e do “ultrapassado”” (BOURDIEU, 1997, p. 107).

Além do *furo* outra preocupação central dos jornalistas é o tempo de produção, seu produto, as notícias, é extremamente perecível e deve ser veiculado até determinado momento para que seja processado e disponibilizado para o público. Por exemplo, um jornal impresso diário, no geral tem até às 19h de cada dia para ser fechado, para então ser “rodado”, impresso. A essa pressão de tempo o jargão jornalista nomeia o *dead line*.

A concorrência pela prioridade gerada por meio da escolha direta da clientela gera na prática cotidiana dos jornalistas ideias como “fazer simples”, “fazer curto”, “isso vende bem”, fazendo com que os jovens profissionais entrantes no campo sejam por vezes, mais resistentes aos padrões estabelecidos.

E os jornalistas são sem dúvida tanto mais propensos a adotar o “critério do índice de audiência” na produção (“fazer simples”, “fazer curto” etc.) ou na avaliação dos produtos e mesmo dos produtores (“passa bem na televisão”, “vende bem” etc.) quando ocupem uma posição mais elevada (diretores de emissora, redatores-chefe etc.) em um órgão mais diretamente dependente do mercado (uma emissora de televisão comercial por oposição a uma

emissora cultural etc.), sendo os jornalistas mais jovens e menos estabelecidos mais propensos, ao contrário, a opor os princípios e os valores da “profissão” às exigências, mais realistas ou mais cínicas, de seus “veteranos” (BOURDIEU, 1997, p. 106).

Outro efeito da concorrência é a observação entre os diversos veículos de comunicação, para verificar o que foi veiculado, e mesmo quem levou o *furo*, gerando em vez de originalidade uma uniformidade. Ao observarem os concorrentes os jornalistas tendem a “tirar proveito de seus fracassos evitando seus erros, e de contrapor-se a seus sucessos tentando tomar emprestados os supostos instrumentos de seus êxitos, temas de números especiais que os jornalistas se sentem obrigados a retomar, livros resenhados (...)”. (BOURDIEU, 1997, p. 108). Então é comum observar entre diferentes noticiários os mesmos temas, mesmos entrevistados e por vezes abordagens similares.

Em suma, a estrutura do campo jornalístico tem por base a atração de público que indiretamente atrai anunciantes que cria uma dependência mercadológica do campo maior do que a observada em outros. Para atrair público e anunciantes os veículos tendem a disputar as novidades, ou seja, por meio do *furo* a outros meios de comunicação.

É uma limitação terrível: a que impõe a perseguição do *furo*. Para ser o primeiro a ver e a fazer ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros, acaba-se por fazerem todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização. (BOURDIEU, 1997, p. 27).

No entanto, ao se observarem continuamente os veículos tendem a reportar os mesmos acontecimentos e muitas vezes de forma similar. A produção do fazer simples para vender bem oferece ao público quase sempre mais do mesmo.

Significa dizer que, embora sua eficiência se efetive quase sempre através das ações de pessoas singulares, os mecanismos de que o campo jornalístico é o lugar e os efeitos que eles exercem sobre os outros campos são determinados em sua intensidade e sua orientação pela estrutura que o caracteriza. (BOURDIEU, 1997, p. 109).

A problemática da dependência estrutural mercadológica do campo jornalístico está em que como difusor de informações, tende a disseminar informações sobre os diversos campos, dando visibilidade a determinados agentes, exercendo influência mercadológica indireta.

Tal influência sobre os demais campos está no fato de que na sociedade atual todos dependem dos veículos de comunicação para divulgar seus trabalhos, embora existam círculos restritos, a maior parte sofre a influência midiática.

Assim, o reforço da influência de um campo jornalístico, ele próprio cada vez mais sujeito à dominação direta ou indireta da lógica comercial, tende a ameaçar a autonomia dos diferentes campos de produção cultural, reforçando, no interior de cada um deles, os agentes ou as empresas que estão mais propensos a ceder à sedução dos lucros “externos” porque são menos ricos em capital específico (científico, literário, etc) e estão menos seguros dos lucros específicos que o campo lhes garante imediatamente ou em prazo mais ou menos longo. (BOURDIEU, 1997, p. 110).

Para reportar informações em um veículo midiático o agente de um determinado campo deve se submeter à estrutura de produção do campo jornalístico, o que demanda rapidez, novidade e certa circularidade pelos diversos veículos. Não há espaço para longas reflexões, nem para falar sobre aquilo que não está na conjuntura, às fissuras estruturais que provocam o vivido no hoje nem sempre tem espaço, frente à concorrência pela prioridade cujo tempo é o vilão.

O que se agrava quando se analisa o veículo televisão. Juntando imagens e sons a televisão exerce um poder simbólico sem precedentes devido ao seu grande alcance, pelas características técnicas, tais como, a facilidade de compreensão própria do meio, que não exige leitura, a distração provocada pelas imagens e sons e a não necessidade de concentração, enquanto se assiste à televisão, pode-se estar desenvolvendo diversas outras atividades.

2.1.3 Sobre a televisão

Assim como outros meios de comunicação, a televisão ocupa um espaço de mediação entre a realidade e as pessoas. A gestão da experiência cotidiana contemporânea está intrinsecamente ligada às representações provenientes do campo jornalístico, especialmente da televisão. “E, insensivelmente, a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação da realidade. Caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão” (BOURDIEU, 1997, p. 29).

A televisão oferece uma produção contínua de visibilidade e de imagens, que funcionam para o sujeito como oferta incessante de objetos para o desejo, e até uma suposição de conhecimento sobre esse desejo. Essa suposta onisciência do ‘outro’

dispensa muitas vezes o trabalho do pensamento acerca dos embates com o real, da penosa tarefa de simbolizar, esse trabalho psíquico que nos constitui como sujeitos do desejo. Ficamos perigosamente ancorados no eu imaginário e submetidos à violência própria das informações imaginárias.

Em outras palavras, com o advento da televisão, nos anos 1950, significação e imagem confundem-se cada vez mais. Por vezes, a televisão substitui o trabalho do imaginário e do significante, fazendo com que o contato com o outro não passe pela reflexão, por sua simbolização. A televisão formata-se por vezes, como meio de produção de sentido que prescinde o pensamento, um espelho no qual, em alguma medida, julgamos ver refletida nossa imagem e a do mundo que nos cerca.

E, a televisão por seu alcance e sua influência seria um importante instrumento para a discussão dos problemas estruturais de uma sociedade e o possível encontro de soluções. “Por seu poder de difusão, a televisão levanta para o universo do jornalismo (...) um problema (...) terrível (...) ela produz efeitos (como a despolitização da população) que, embora não sejam sem precedente, são inteiramente inéditos” (BOURDIEU, 1997, p. 62). Muito devido à sua falta de autonomia.

A televisão é um instrumento de comunicação muito pouco autônomo, sobre o qual pesa toda uma série de restrições que se devem às relações sociais entre os jornalistas, *relações de concorrência* encarniçada, implacável, até o absurdo, que são também *relações de conivência*, de cumplicidade objetiva, baseadas nos interesses comuns ligados à sua posição no campo de produção simbólica e no fato de que têm em comum estruturas cognitivas, categorias de percepção e de apreciação ligadas à sua origem social, à sua formação (ou à sua não-formação) (BOURDIEU, 1997, p. 51).

De um lado sua grande dependência financeira, porque já é consenso, que “fazer televisão é caro”, de outro, a concorrência e aspectos técnicos próprios do veículo como o tempo e o modo como os agentes devem pronunciar-se, além dos tradicionais mecanismos do campo jornalístico, como a busca pelo *furo* e o *dead line*, que dificultam sobremaneira a reflexão sobre a estrutura dos problemas sociais representados.

(....) há um universo de relações objetivas entre as diferentes emissoras de televisão que estão em concorrência, mas uma concorrência definida em sua forma, de maneira invisível, por relações de força não percebidas que podem ser apreendidas através de indicadores tais como as fatias de mercado, o peso aos olhos dos anunciantes, o capital coletivo dos jornalistas prestigiosos etc. (BOURDIEU, 1997, p. 56).

A velocidade com que as informações associadas a imagens são repassadas gera uma falsa impressão de realidade e de comunicação.

A comunicação é instantânea porque, em certo sentido, ela não existe. Ou é apenas aparente. A troca de lugares-comuns é uma comunicação sem outro conteúdo que não o fato mesmo da comunicação. Os “lugares comuns” que desempenham um papel enorme na conversação cotidiana têm a virtude de que todo mundo pode admiti-los e admiti-los instantaneamente: por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor. Ao contrário, o pensamento é, por definição, subversivo: deve começar por desmontar as “ideias feitas” e deve em seguida demonstrar. (BOURDIEU, 1997, p. 40-41).

Devido à influência da televisão no campo jornalístico, os telejornais tornaram-se espaços privilegiados nos quais a sociedade informa-se e, de maneira transversal, vê e compreende a sua dinâmica social e política. Para boa parte da população o que é importante para o país (e também para o mundo) está no telejornal, e o que nele não está representado, seja o assunto esporte, a política, as ações policiais ou questões ligadas a cidadania, não é significativo, não têm importância. Assim, “os mal-estares sociais não têm uma existência visível senão quando se fala deles na mídia, isto é, quando são reconhecidos como tais pelos jornalistas”. (CHAMPANHE in BOURDIEU, 2003, p. 63).

Quanto mais um jornal estende sua difusão, mais caminha para assuntos (...) que não levantam problemas. Constrói-se o objeto de acordo com as categorias de percepção do receptor. É o que faz com que todo o trabalho coletivo que tende a homogeneizar e a banalizar, a “conformizar” e a “demitir” etc., (...) convenha perfeitamente. (...) é aí que a crítica simplista é perigosa: ela dispensa todo o trabalho que é preciso fazer para compreender fenômenos como o fato de que, sem que ninguém o tenha pretendido realmente, sem que as pessoas que financiam tenham tido de intervir tanto, tenha-se esse produto muito estranho que é o “jornal televisivo”, que convém a todo mundo, que confirma coisas já conhecidas, e sobretudo que deixa intactas as estruturas mentais. (BOURDIEU, 1997, p. 63-64).

O telejornalismo especificamente, que se apresenta como uma exposição da realidade, “dispõe dessa força excepcional que é a da imagem televisiva, (assim) os jornalistas podem produzir efeitos sem equivalentes”. (BOURDIEU, 1997, p. 27). Inclusive certamente contribuir com um “efeito de agenda” sobre a pauta para debates interpessoais e sociais.

O fenômeno do agendamento, ou seja, aquilo que se torna visível por meio dos veículos de comunicação, especialmente a televisão influencia o que as pessoas vão falar, mas sobretudo de certa forma, como irão falar, gerando muitas vezes abordagens superficiais, que repetem preconceitos e em nada contribuem para rupturas ou mudanças, no sentido de uma progressão social. “(...) Quando

acontece um tema- um caso, um debate- (...) ele só se torna determinante, central, quando retomado, orquestrado, pela televisão, e investido, ao mesmo tempo, de uma eficácia política” (BOURDIEU, 1997, p. 71) Assim, aquilo que é veiculado pela televisão fornece os elementos básicos por meio dos quais o indivíduo elabora a sua realidade.

Os perigos políticos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o efeito de real, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. As variedades, os incidentes ou os acidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas etc. capazes de desencadear sentimentos fortes, frequentemente negativos, como o racismo, a xenofobia, o medo-ódio do estrangeiro, e a simples narração, o fato de relatar, *to Record*, como repórter, implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou de desmobilização). (BOURDIEU, 1997, p. 28).

O elemento agravante é que existe uma parcela da população e poder-se-ia dizer grande, que associa a noção de “espelho da realidade” ao jornalismo, especialmente o televisivo. Ignorando-se aspectos relativos à propriedade comercial e às rotinas de produção do material jornalístico, que demonstram com clareza, que embora o telejornal tenha como base a realidade, ou a veiculação de fatos reais, a transformação desses fatos em matérias jornalísticas gera distorções.

Os mal-estares não são todos igualmente “mediáticos”, e os que o são sofrem inevitavelmente um certo número de deformações a partir do momento em que são tratados pela mídia porque, longe de se limitar a registrá-los, o tratamento jornalístico fá-los experimentar um verdadeiro trabalho de construção, que depende muito amplamente dos interesses próprios deste setor de atividade. (CHAMPANHE in BOURDIEU, 2003, p. 63).

Os limites da representação do real impostos ao telejornal poderiam ser desvelados partindo-se do fato dele ser um produto vendido a dois públicos diferentes: um público genérico, que assiste o telejornal em suas casas ou locais diversos – o telespectador, e outro público diferenciado, que atua como financiador das produções televisivas - o anunciante. Atingir ao telespectador, “vender” para este público o produto telejornal, é em princípio a estratégia principal dos diretores e editores de televisão. E é esse público conquistado, a audiência, que garante a adesão do segundo público, o anunciante. De fato, todo o investimento do anunciante é feito em função do público potencial do telejornal: mais do que o

intervalo comercial medido em minutos e segundos, o anunciante “compra” a possibilidade de atenção do público.

Ao investir na “atenção” do telespectador o anunciante é também um comprador exigente, que imediatamente afasta-se de programas que julgue comprometer sua credibilidade ou faça ataques diretos ou indiretos que de qualquer forma afetem a sua imagem. Desta forma, “os mecanismos anônimos, invisíveis, através dos quais se exercem as censuras de toda ordem (...) fazem da televisão um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica”. (BOURDIEU, 1997, p. 20).

Ademais para conquistar o telespectador e garantir os anunciantes, o conteúdo televisivo, em boa parte, estrutura-se com base na carga emocional, dando destaque a fatos que digam respeito a rupturas ou transgressões sociais. Assim, a partir dessa escolha são elaboradas as “pautas” jornalísticas, ponto de partida para a elaboração das matérias jornalísticas. Para cada fase desse processo, ou seja, entre a elaboração da pauta e a matéria jornalística efetivamente veiculada, são produzidas “representações” significativas dos acontecimentos. Cada uma dessas fases, igualmente, é reelaborada a partir de regras do mundo simbólico da televisão e do jornalismo, nas quais a violência, o crime, a corrupção, ganham destaque, não pela importância em si, mas pela carga emocional potencial que carregam.

É necessário acrescentar, no entanto, que o receptor comum que assiste à produção telejornalística diária, muitas vezes não percebe as pressões econômicas entre anunciante e público e que a atração desse é baseada em grande parte na emoção, muito menos têm informações sobre as características técnicas deste veículo. De fato, boa parte da vida dos indivíduos é determinada pelo que ele vê na televisão, na medida em que ela oferece as informações que ajudam a construir a imagem do mundo em que vive. Este indivíduo, de forma consciente ou não, absorve por intermédio do telejornalismo as informações que “delimitam” o seu mundo, que dizem de que forma deve ocorrer sua interação com o Estado e com a sociedade, ou ainda, quais são as condições dadas para a sua sobrevivência física, social e cultural.

Mas, é importante ressaltar que a informação veiculada na televisão não determina o que cada um vai fazer ou vai pensar, não há um cérebro maquiavélico

por trás de cada emissora procurando doutrinar a massa acrítica (...); a massa de telespectadores não obedece irrefletidamente o que vê na tela; o que ocorre é que a televisão se apresenta com mecanismos necessários para integrar expectativas diversas e dispersas, os desejos e as insatisfações difusas, conseguem incorporar novidades que se apresentem originalmente fora do espaço que ela ocupa e, em sua dinâmica, vai dando contornos do grande conjunto, com um tratamento universalizante das tensões. Mas, certo que ao dar visibilidade a determinados assuntos e agentes a televisão influencia os diversos espaços sociais, exercendo uma pressão econômica indireta.

2.1.4 O não olhar sobre as estruturas- a televisão que não deixa ver

Refere-se “a intrusão de poderes da mídia, isto é, poderes econômicos mediatizados pela mídia, no universo da ciência mais pura”. (BOURDIEU, 1997, p. 87). O problema da mercantilização no interior dos campos por meio da exposição de certos agentes como falsos dominantes para o grande público é que estes agentes vão reprisar preconceitos e lugares comuns e longe de incitar o pensamento ou a mudança das estruturas mentais neste público, vão colaborar para que conflitos com origens sociais, políticas e econômicas venham a ser tratados como individuais e conjunturais, provocando uma cegueira sobre as estruturas que precisam ser alteradas.

Essa cegueira estrutural está relacionada a um uso cínico do conhecimento, “que consiste em servir-se do conhecimento das leis do meio para tornar suas estratégias mais eficazes, outro, que se pode dizer clínico, que consiste em se servir do conhecimento das leis ou das tendências para combatê-las”. Ou seja, em vez de apropriar-se do que os diversos agentes têm para oferecer de forma a transformar realidades, a mídia, especialmente a televisão opta por dar voz a agentes que vão colaborar para que a situação permaneça como está. Terríveis desigualdades sociais, por exemplo, uma escola de péssima qualidade, para se mencionar os problemas mais visíveis. Cegueira sobre a falta das estruturas, visível sobretudo, na cobertura dos acontecimentos localizados nos subúrbios das grandes cidades:

Mesmo se a observação atenta da vida comum nesses subúrbios, com seus problemas cotidianos, for mais esclarecedora, a maioria dos jornalistas tendem a se concentrar na violência, a mais espetacular, e por isso, excepcional. (...) e a dar de modo misturado, como causas dessas

desordens, as explicações colhidas pela imprensa, os abusos policiais, a desocupação dos jovens, a delinquência,...) (CHAMPANHE in BOURDIEU, 2003, p. 69).

A não reflexão sobre os acontecimentos servem para que a maior parte da população aceite como natural, por exemplo, o momento econômico mundial de globalização⁶ e adoção do modelo político econômico neoliberal⁷, para dizer de um macro efeito midiático que coaduna com a cegueira sobre as estruturas, que fecha o foco no indivíduo para problemas que estão postos socialmente.

Penso no que foi chamado de “retorno do individualismo”, espécie de profecia auto-realizante que tende a destruir os fundamentos filosóficos do *welfare state* e, em particular, a noção de responsabilidade coletiva (nos acidentes de trabalho, na doença ou na miséria), essa conquista fundamental do pensamento social (e sociológico). O retorno ao indivíduo é também o que permite “acusar a vítima”, única responsável por sua infelicidade, e lhe pregar a “auto-ajuda”, tudo isso sob o pretexto da necessidade incansavelmente reiterada de diminuir os encargos da empresa.⁸ (BOURDIEU, 1998, p. 16).

Então, para este tipo de jornalismo de televisão não é mais necessário um jornalista, quer-se animadores, que transformem acontecimentos sociais em sensações individuais, para reforçar um reforço à barbárie em que se racionaliza bem pouco ou quase nada, mas aquilo que atraí por causar no receptor sensações de ódio, amor, certamente pouco vai causar de mudança nas estruturas mentais, ou seja, pensamento.

(...) a sacrificar cada vez mais o editorialista e o repórter-investigador em favor do animador-comunicador, a informação, análise, entrevista aprofundada, discussão de conhecedores ou reportagem em favor do puro divertimento e, em particular, das tagarelices insignificantes dos *talk shows* entre interlocutores habituais e intercambiáveis (...). (BOURDIEU, 1997, p. 133).

O retorno ao jornalismo sensacionalista é um retrocesso social, assim como o *laissez faire* de Adam Smith também o é. A busca pelo sensacional pode levar a formas de mobilização puramente sentimentais e caricaturadas, ou igualmente passionais, porém agressivas e, próximas do linchamento simbólico reafirmando preconceitos e sem algum aprofundamento capaz de produzir algo novo, ou transformar o existente. (BOURDIEU, 1997, p. 74).

⁶ Processo de trocas de produtos, serviços e informações entre indivíduos de diversos países.

⁷ O neoliberalismo é um sistema econômico que se fundamenta na crença de que o mercado pode reger-se longe da influência do Estado, que por sua vez, abandona a sociedade civil à própria sorte.

⁸ Grifo da pesquisadora.

E se atualmente, o neoliberalismo⁹ apresenta-se como algo inevitável é preciso que se saiba refletir que há um trabalho simbólico que dia a dia em várias, ou poderia dizer na maior parte das cidades do mundo, é feito na televisão com ajuda de jornalistas e de agentes dos diversos campos. “Galileu dizia que o mundo natural está escrito em linguagem matemática. (...) Foi armando-se da matemática (e do poder da mídia) que o neoliberalismo tornou-se a forma suprema da sociodicéia conservadora” (BOURDIEU, 1998, p. 50).

Assim, boa parte dos acontecimentos das periferias das grandes cidades tratados pelos telejornais (que buscam as sensações para atrair público, sua grande maioria) como fenômenos isolados estão relacionados aos reflexos do modelo político econômico neoliberal. Há um sofrimento social sem precedentes que é tratado como individual, de certa localidade, pela televisão, e por grande parte da mídia. “Seria necessário que todas as forças sociais críticas insistissem na incorporação aos cálculos econômicos dos custos sociais das decisões econômicas” (BOURDIEU, 1998, p. 55).

Não se pode trapacear com a *lei da conservação da violência*: toda violência se paga; por exemplo, a violência estrutural exercida pelos mercados financeiros, sob a forma de desemprego, de precarização etc., tem sua contrapartida em maior ou menor prazo, sob a forma de suicídios, de delinquência, de crimes, de drogas, de alcoolismo, de pequenas ou grandes violências cotidianas. (BOURDIEU, 1998, p. 56).

Então, poder-se-ia dizer que o problema da importância da televisão no campo jornalístico está sobretudo, por seu grande alcance o que a televisão não deixa ver é o que mais impressiona. Porque as pessoas repetem as falas destes animadores de televisão: “ele não tem emprego porque não quer”, “fica vagabundando, roubando” e isso quase que se transforma num discurso mundial sobre a pobreza, num retorno ao arcaico. Onde o Estado precisava para se impor de força física e financeira sem convicções, os patrões ratificavam o trabalho noturno, aos finais de semana, as horas irregulares de trabalho.

De modo geral, o neoliberalismo faz voltar, sob as aparências de uma mensagem muito chique e muito moderna, as ideias mais arcaicas do patronato mais arcaico. (...) Essa revolução conservadora de tipo novo tem como bandeira o progresso, a razão, a ciência (a economia, no caso), para justificar a restauração e tenta assim tachar de arcaísmo o pensamento e a ação progressistas (BOURDIEU, 1998, p. 49).

Compreender os mecanismos do campo jornalístico, especialmente sobre a televisão é uma maneira de demonstrar a importância simbólica deste veículo. Busca-se desvelar tais mecanismos em busca de uma retomada de consciência que pode levar a audiência, tão buscada pela televisão a vê-la de modo diferente e provocar mudanças na produção das informações, na seleção do que será divulgado e como será feita tal divulgação, para uma sociedade com menos sofrimentos sociais.

É fundamental expor que a televisão serve ao neoliberalismo e, à conformação de inúmeras realidades, como guerras, por exemplo, com este gota a gota simbólico que dificulta a vista sobre os problemas estruturais, pois como desvelamos acima, ela está no campo jornalístico, cujos mecanismos incluem a disputa por audiência, por veicular os acontecimentos antes de outros veículos, tendo a concorrência como realidade atemporal, em que pese sempre o aspecto mercadológico, numa eterna produção para a heteronomia.

Trata-se de um perigoso círculo vicioso, em que os agentes que comandam a televisão optam por apenas mostrar a conjuntura ignorando aspectos políticos, econômicos e históricos de dada realidade. Assim reforçam-se preconceitos e crenças na naturalidade dos acontecimentos. Desta forma colabora-se para o fortalecimento da mercantilização das relações sociais. Tem-se uma televisão que se afirma enquanto meio para entretenimento negando, por sua vez a sua inegável condição de meio de informação e reflexão para grande parcela da população, ou reafirmando esta condição, mas puramente baseada nas leis de mercado.

Busca-se assim, colaborar com a compreensão dos mecanismos que conformam o campo jornalístico, “para desdramatizar a análise e também para orientar racionalmente a ação” para usar as mesmas palavras de BOURDIEU (1997, p. 78).

2.2 Sensacionalismo: resposta à disputa por audiências

É importante destacar que existem diferentes possibilidades de transmissão de material informativo e/ou jornalístico pela televisão, o que inclui desde uma apresentação jornalística sem *voyeurismo* acompanhada de análises objetivas, até campanhas de ódio ou a glorificação gratuita da violência.

O conteúdo do jornalismo, portanto, não pode ser tratado de forma homogênea. O formato clássico, de jornalismo puro¹⁰ não está isento de interferências ou é ideologicamente neutro, mas o seu conteúdo obedece a regras diferenciadas daquelas usadas no jornalismo sensacionalista, que questionam inclusive o próprio conceito de jornalismo.

Desde a “pré-história” da imprensa os noticiaristas, mesmo amadores, descobriram o potencial da fórmula sangue, sexo e violência como forma de atrair o público. No jornalismo, o sensacionalismo aparece como característica nos primeiros jornais na França e nos Estados Unidos, mas a imprensa de escândalo originou-se nos Estados Unidos, no jornal *World* de *Pulitzer*. No Brasil, o sensacionalismo está incorporado aos padrões de vários Informativos brasileiros desde a década 1930.

Na televisão brasileira o sensacionalismo aparece inicialmente em programas como “O Homem do Sapato Branco”, apresentado nos anos 1970 por Jacinto Figueira Junior, embora apresentações pontuais de nomes como Dercy Gonçalves, Flávio Cavalcanti e Chacrinha, possam também ser apontados como sensacionalistas. Mas, é na década de 1990 que o sensacionalismo incorpora-se de forma mais clara ao formato do telejornal brasileiro.

A diversificação do acesso à informação televisiva – o surgimento de novas redes da década de 1980 – abre espaço para uma nova etapa de popularização da televisão de sinal aberto¹¹. Para conquistar esse “novo” público de menor poder aquisitivo, as redes que não são majoritárias na audiência apelam para o sensacionalismo, um modelo que tem como característica o destaque dado ao cotidiano violento das grandes cidades e o uso de uma linguagem excessivamente coloquial, eventualmente apelando para gírias e palavras de baixo calão.

O pioneiro desse modelo foi o “Aqui Agora”, veiculado no SBT, mas a sua fórmula foi copiada pela Rede CNT, através do “190 – Urgente” e “Cidade Alerta”¹²;

¹⁰ Squirra, após ponderar sobre os diversos tipos de jornalismo eletrônicos, propõe que o termo telejornalismo “se refira aos programas jornalísticos de televisão, num contexto de ‘relatos puro de jornalismo’”. (SQUIRRA, 1995, p.128).

¹¹ Entre fatores dessa popularização estão o acesso a aparelhos de televisão por uma camada de menor poder aquisitivo em função de planos econômicos e a migração do grupo de maior poder aquisitivo para os canais segmentados (cabo e satélite).

¹² O programa que saiu da grade da emissora em 2005.

(Rede Record), “Brasil Urgente” e “São Paulo Acontece” (Rede Bandeirantes) “Rota do Crime” (Rede Manchete de Televisão) e outros mais.

O conjunto destes telejornais e o conteúdo violento que eles levam para dentro das casas dos telespectadores merece, portanto, uma atenção mais aprofundada. Até porque, embora aparentemente tenha perdido espaço no material de veiculação nacional, o sucesso do modelo e a velocidade foram copiados e adaptados por diferentes emissoras, e abriram espaço para produções locais caracterizadas pelo baixo custo e pelo caráter pouco ético na escolha das matérias jornalísticas, que tende a apresentar a violência de forma ainda mais crua, exacerbando as características do modelo.

2.2.1 Sobre mídia e telejornalismo

Conforme já explicitado os limites da informação jornalística na televisão são muitos. A televisão, enquanto mídia pode tornar-se um simulacro dramatizado. De fato, “há uma distinção entre a ética da comunicação e a ética da imprensa, porque a ética na imprensa deve primar pela busca da verdade factual, da objetividade, da transparência, da independência editorial e do equilíbrio” (BUCCI & KELH, 2004, p. 127).

Como linguagem ou sistema de linguagens o jornalismo é também uma rede de mediações. Além de ser uma atividade profissional humana, e, portanto sujeita aos limites humanos, o jornalismo é também uma forma de relatar o mundo, um signo em si mesmo, uma rede de mediações e um construtor de significados, cuja significação remete a ideia de um sistema perito¹³.

Nesse sentido, convém perguntar se, uma vez que a condição do jornalismo é informar, e as características do sensacionalismo limitam essa possibilidade, se o conceito de jornalismo realmente aplica-se a esse tipo de programação televisiva? Ou, perguntar-se: os programas sensacionalistas na televisão, marcados pelas

¹³ Miguel define o jornalismo como sistema perito porque: “O leitor/ouvinte/espectador, no papel de consumidor de notícias, mantém em relação ao jornalismo uma atitude de confiança, similar à dos outros sistemas peritos. Essa confiança pode analisada em três momentos: 1) confiança quanto à veracidade das informações recebidas; 2) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato; 3) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização das notícias diante do estoque de ‘fatos’ disponíveis”. (MIGUEL, 1999, p.199).

representações dramatizadas da violência, podem ser conceituados como jornalismo?

Para responder a essa questão, são necessárias algumas considerações especiais sobre características próprias desse veículo e das condições sociais e econômicas que geraram o seu desenvolvimento.

A domesticidade da televisão cuja presença constante e habitual na vida diária, combinada com o aparente realismo das imagens (que se tornam ainda mais forte quando se tem a informação de que elas são mostradas ao vivo) faz com que as imagens mostradas integrem-se à realidade do receptor, que sejam aceitas como algo vivido, como algo real.

A televisão herdou do cinema técnicas de câmera e corte, porém, a imagem televisiva tem uma identidade própria, marcada por uma maior fragmentação e pelo sincretismo¹⁴, mas também pela ausência de tempo para se construir um tratamento estético mais elaborado. É por meio da imagem que a televisão apresenta-se como “testemunha ocular da história”¹⁵ mas, a trama televisiva (seja na ficção ou no jornalismo) é construída pela articulação do discurso verbal e imagético de forma didática e redundante.

Os telejornais transformam a realidade ao elaborar o material jornalístico: seja por meio de recursos técnicos ou ideológicos. O conteúdo do telejornalismo é o resultado de um tipo de trabalho fragmentado, em que o ritmo de produção, muitas vezes, limita tanto quantitativamente quanto qualitativamente o seu conteúdo. Além disso, a necessidade de atingir um público diversificado resulta muitas vezes em um conjunto sem unidade aparente.

No entanto, além dessas características próprias da televisão e do telejornalismo de uma forma geral, o telejornalismo sensacionalista reforça ou potencializa alguns aspectos específicos.

No sensacionalismo o discurso é construído a partir de uma redundância exagerada, de maneira que o telespectador possa perder partes sem deixar de entender a situação em si, a trama central (ou o fato transformado em trama). Cada

¹⁴ Nos estudos sobre comunicação de massa o conceito de sincretismo pode ser definido como a tendência para homogeneizar a diversidade dos conteúdos da comunicação de massa (principalmente a informação e a ficção), a contaminação entre o real e o imaginário. O real toma a aparência de ficção e a ficção toma a aparência do real, confundindo-se na realidade do receptor.

¹⁵ Slogan do **Repórter Esso**, telejornal de grande expressão na década de 1960.

fato noticiado contém uma narrativa em potencial, tanto no que se refere à edição de imagens, quanto de texto, a informação toma as características de uma narrativa, dando ao fato noticiado uma dimensão romanesca. “convida para a dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico” (BOURDIEU, 1997, p.25). Essa característica é reforçada pelo desvendamento da história por etapas: como em um livro ou filme policial, os enigmas são desvendados passo a passo.

Além disso, a linguagem é trabalhada para que o telespectador não necessite fazer esforços para entender o que está sendo dito. Destaca-se a preponderância da função fática, secundada pelas funções expressiva, conativa e referencial. (JACKOBSON, 1995). Ao cumprir a função fática, o discurso da TV estabelece-se como um contato permanente entre o emissor e o receptor/telespectador. Soma-se a isso a recepção quase sempre doméstica dessa mensagem: “O receptor percebe a mensagem de tevê como algo “natural” no interior de sua casa...”. (SODRÉ, 1977, p. 59-61), induzindo a convicção de que tem alguém conversando “comigo” (receptor/telespectador) de uma forma quase pessoal. Há um rompimento da sensação de unilateralidade da comunicação, permanecendo uma “noção inconsciente de diálogo”.

O programa sensacionalista é construído a partir da emoção. Ela garante que o público fique “ligado”, não migre para outro canal ou outra atividade. Nesse sentido, é importante destacar que os conteúdos emocionais estão sempre presentes no jornalismo televisivo, mas nos telejornais ditos “sérios” esses conteúdos são contrabalançados por apresentadores mais formais, pautas diversificadas, técnicas de filmagem e texto que repassam uma ideia de neutralidade.

No sensacionalismo com pretexto de ser popular buscam-se obter mais audiência com matérias jornalísticas de maior apelo dramático, em que predomina a moral simples do bem contra o mal, de mocinhos contra bandidos. Para conquistar a audiência, esses programas não têm pudor em transformar um acontecimento sem maior importância em manchetes espalhafatosas, usando para isso excessos emocionais e uma linguagem exacerbada e excessivamente coloquial, quase sempre por meio de insinuações apoiadas em ambivalências lingüísticas. A soma destas características compõe o sensacionalismo.

É importante ressaltar que a própria tecnologia televisiva, em que o tempo é algo extremamente precioso e dispendioso corrobora para que as reflexões sobre o cotidiano sejam reduzidas.

2.2.2 Reflexões preliminares: O indivíduo no telejornal sensacionalista

Programas sensacionalistas buscam cada vez mais os pontos no lobo, pontos quase sempre conseguidos com suspense, chamadas empolgantes e imagens ao vivo. Aliás, uma das marcas deste modelo de telejornalismo é a sua relação perenemente com o factual, quase sempre reforçada pela transmissão “ao vivo” ou uma simulação dessa transmissão. E, de fato, o sensacionalismo trabalha com muitas cenas (em princípio) inéditas e constrói-se a partir dessas imagens, valorizadas em função da emoção que elas podem transmitir. As matérias ao vivo sucedem-se, sem tempo definido, com repórteres e noticiarista revezando-se na narração de detalhes em uma verborragia constante. Cada cobertura encerra-se em uma nova chamada, na informação de que está a caminho de uma nova cobertura, em que tudo será mostrado com detalhes e em primeira mão.

Mais do que um telejornal ao vivo, no entanto, em geral os programas noticiaristas, cuja principal característica é o sensacionalismo constroem-se a partir de um noticiarista atuando em tempo presente, ou seja, de um apresentador que reforça constantemente essa informação, seja de forma objetiva (dizendo textualmente que as cenas e ele mesmo estão ao vivo) seja de forma indireta, com a função fática da linguagem, dirigindo-se de forma direta para o público/receptor. A todo o momento é solicitado ao público interagir (ligar para redação, mandar cartas, e-mails ou fax) e a partilhar a indignação emocionada do apresentador.

Com essa estratégia, busca-se transmitir a ideia de que a informação na tela é mais verdadeira do que o verdadeiro, pois é verdadeira em tempo real. (BOUDRILLARD, 1997, p. 60). Além disso, noticiaristas e repórteres atuam a partir de um diálogo simulado com o receptor/telespectador, reforçado por falas internas nas quais os membros da equipe jornalística são chamados pelos nomes e convidados a expor ideias e emoções. Também eventuais observações aparentemente triviais e espontâneas (“liga esse ar aí que a gente está cozinhando”, “hoje estou gripado”, “não estou bom com você”, etc.) são estimuladas, abarcando

um conjunto de comportamentos que reforçam a pretensa domesticidade da situação.

Cada matéria deste modelo de transmissão de informações é uma narrativa, uma “história”, contada de forma que o apresentador possa forjar um contato direto com o receptor, uma interação entre o indivíduo e a televisão, numa espécie de “diálogo televisual”. Os comunicadores – apresentador e repórteres – criam estratégias para sustentar o clima de conversa com um receptor distante, geralmente usando um estilo vibrante e um tom de indignação.

Essa simulação de diálogo é reforçada pelo gestual do noticiário e dos repórteres, que usam as mãos para demonstrar seu envolvimento emocional. Caminham pelos espaços da reportagem ou mesmo pelo cenário montado no estúdio, prometendo sempre voltar “daqui a pouco” com mais detalhes, sempre apontando e gesticulando. Como um visitante indignado, em muitos momentos apresentador e repórteres dirigem-se diretamente a câmera, em uma pretensa invasão do espaço do receptor, como que exigindo ou partilhando uma reação emocional.

Assim o conjunto do material é elaborado na forma de um drama, em uma simulação de suspense e urgência, elementos usados para fazer o telespectador ficar ansioso com o que está por vir. Para tanto, as sequências visuais utilizam recursos consagrados no cinema tais como o plano geral em oposição aos detalhes, a aproximação mais lenta. No telejornalismo sensacionalista o suspense fabricado assume a aparência de real: cada notícia/história é uma obra inacabada, um processo em andamento, a possibilidade de algo que está por vir (uma nova informação, uma outra declaração, uma segunda testemunha).

As matérias pré-gravadas mantêm o mesmo estilo das matérias ao vivo, o que pode levar um telespectador desatento a não perceber a diferença. Convenientemente também repórteres e noticiários, geralmente, não procuram esclarecer se o material está sendo transmitido ao vivo ou trata-se de uma gravação.

Para a contínua confusão entre o que é ao vivo e o que é gravado, a fragmentação é fundamental. Em geral, os assuntos são divididos em segmentos que se sobrepõem, já que os participantes do programa estão sempre insinuando que há novidades no próximo bloco, que uma informação mais chocante ou mais detalhes do caso serão divulgados após os comerciais.

Em muitos casos tais programas organizam-se como uma novela (telenovela) com reportagens que se assemelham a capítulos sequenciais nos quais a informação é apresentada (desvendada) em pequenas partes cumulativas, com personagens convidados para explicar cenas e situações, exemplificar casos, dar depoimentos, opiniões e outros artifícios semelhantes. Isso torna possível a introdução de “ganchos”, o fim anunciado do suspense que, de uma forma geral, não é desvendado e apenas gera um novo suspense.

A moral simples do bem contra o mal, de mocinhos contra bandidos, está embutida nesse pretense diálogo, embora de forma disfarçada: apresentadores e repórteres alternam dúvidas (“Será que nada pode ser feito?” “A situação financeira da prefeitura – ou da polícia; ou do país – é tão grave que não permite que sejam buscadas soluções?”) com indignação convicta de que o problema é grave e que “alguém” está sendo incompetente ou desonesto.

Além disso, muito do que é mostrado é o resultado de entrevistas ou depoimentos de participantes das histórias, testemunhas, vizinhos e assistentes que “contam” uma história, ou melhor, a sua versão do fato. Assim, o material apresentado é, quase sempre, uma interpretação do real narrado sob o ponto de vista do enunciador ou dos enunciadores, pessoas próximas ao fato (mas nem sempre testemunhas desse fato) cujas opiniões são continuamente exploradas sempre no sentido mais pejorativo e simplista.

A simplificação dos fatos e o formato das narrativas tornam os programas deste tipo incapazes de explorar os temas de forma mais profunda. De uma forma geral, as questões mais complexas são via de regra deixadas de lado. O que coaduna com a já mencionada cegueira estrutural. Pois, os problemas são quase sempre mostrados como se fossem individuais e isolados, ignorando-se aspectos culturais, sociais, políticos e, sobretudo, econômicos.

2.3 Programa Chumbo Grosso: quando a violência é sensacionalista

O programa Chumbo Grosso é exibido de segunda a sexta-feira, das 13h00 às 14h15, pela TV Goiânia, afiliada da TV Bandeirantes, no Estado de Goiás. Ele pode ser definido como um gênero popularesco orientado ao relato de infrações à lei e do cotidiano dos policiais, muito centrado nas chamadas ocorrências. Em geral, o

programa registra e dota de visibilidade a dinâmica cruel da violência na região metropolitana da capital goiana, quase sempre enaltecendo as ações policiais.

O programa foi transmitido pela primeira vez no dia 5 de agosto de 2002, e desde então é apresentado por Batista Pereira¹⁶. Interessante observar que o apresentador condena as práticas criminais. E, não raro insinua que devem ser combatidas com uma ação mais rígida pela polícia. No entanto, ele mesmo foi condenado judicialmente. O que denota uma contradição entre o seu discurso e sua história pessoal.

O repórter apresentador começou sua carreira em Belo Horizonte, passando por várias cidades como Terezina, Fortaleza, Ribeirão Preto, mas foi em Goiânia onde conseguiu o seu grande destaque na televisão. Nas eleições para o legislativo estadual de 2010, a candidatura a deputado estadual por Goiás do apresentador foi barrada devido ao programa “Ficha Limpa”. Durante o seu mandato de vereador por Uberlândia pelo PDS, entre 1993 e 1995, Batista teve seu mandato cassado. Ele foi considerado culpado por crime contra a administração pública (peculato- uso indevido de dinheiro público) e, portanto, não pôde se candidatar nas últimas eleições. Durante o período em que sua candidatura estava em curso, o apresentador foi substituído pelos repórteres do programa, retornando tão logo da cassação da candidatura.

Observa-se constantemente o uso pelo apresentador do termo “bandidinhos” e “Bandidos” para se referir aos jovens acusados de infrações penais. E, o favorecimento da pena de morte, aplicada por policiais militares, sem o prévio julgamento do acusado. O apresentador costuma repetir “tem que matar mesmo”, “a polícia militar está certa”.

Batista Pereira costuma utilizar linguagem coloquial, palavras de baixo calão, gírias e sugerir informações de forma implícita com o uso de objetos como um cacete e de 2002 até meados de 2011 o estúdio contava com um boneco para treino de lutas. No estúdio quando o apresentador queria demonstrar sua indignação logo após algum VT costumava bater com o cassetete no boneco. O estúdio foi substituído por um virtual.

¹⁶ João Batista Pereira é casado, pai de dois filhos, nasceu no dia 28 de agosto de 1960, filho de José Pereira Neto e Jorgina Moraes da Silva. Batista Pereira cursou Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Presença contínua no programa é a personagem “Bambino”, que em *voz off* comenta o noticiário e contribui com o uso de elementos teatrais como a dramatização e a irreverência. Também é destaque o agradecimento do apresentador à audiência. Ele costuma sorrir muito e falar alto. Segundo Setzer (2000, p. 20) em relação aos sons, nota-se como muitos locutores usam a voz: “eles têm consciência de que idealmente, nada pode ser calmo na TV, e com sua gritaria contribuem para prender a atenção do telespectador”. Comum no gênero sensacionalista, o programa é fortemente marcado por efeitos sonoros tanto na abertura como durante o programa (o barulho do helicóptero, sons de balas e sirenes, etc).

De acordo com o sítio de notícias da emissora TV Goiânia o programa Chumbo Grosso, apresentado por Batista Pereira, tem perfil jornalístico policial. Ainda segundo o sítio, o “programa mostra a realidade, sem disfarces nem meio termo. É um programa que aborda de maneira clara e objetiva a questão da segurança pública”. O apresentador é definido como o “mais versátil e influente comunicador da televisão Goiana, ele denuncia, cobra, e principalmente, fala com o telespectador de igual para igual”. O sítio ressalta ainda que o Chumbo Grosso “tem a maior audiência no horário, com 17,6% de *SHARE*. São mais de 2.500 televisores ligados no programa, superando em quase 50% seu concorrente direto”.

O Programa tem como temática central as questões da violência criminal. Desta forma, são frequentes matérias sobre assassinatos, violência sexual, acidentes com roubos e mortes. Existe uma tentativa de aproximação com o público feita por meio de matérias diretas, aquelas em que o repórter narra o fato no local do acontecimento, fazendo uma reconstrução do fato por meio das entrevistas de testemunhas e transeuntes.

Desta forma, tem-se a ilusão de que tudo é mostrado como aconteceu, como se o telespectador estivesse no local do crime e um policial pudesse reconstruir como tudo aconteceu em detalhes. Não há distinção entre o material gravado e o produzido ao vivo. Justamente para dar a sensação de que a cobertura é feita em tempo real.

Uma característica marcante do programa além das matérias informativas diretas é o *merchandising*. Em vários momentos, o apresentador pára o programa e

faz anúncios diretos de produtos, afiançando suas qualidades e transferindo-lhes a credibilidade que tem junto ao seu público.

Um anúncio que acompanha o programa desde o seu lançamento é o do produto Calcitran B12. Atualmente, além deste produto, são anunciados diariamente o Supermercado Tatico, Lipomax Shake (complemento alimentar), Clotrimix creme, Colégio Nacional Policursos, Arroz Bianco, Cical concessionária de veículos seminovos, Ótica Paris e Faculdade Universo.

Em média são veiculadas por dia, cerca de oito matérias. Quase sempre com a temática da segurança pública, principalmente homicídios, roubos, apreensões e acidentes com vítimas fatais apresentados, em geral nesta ordem.

Assim, além da cobertura policial ou “policialesca”, o programa investe em interpretações extra-jornalísticas, estimulando polêmicas fictícias e repetindo rótulos, adjetivos e definições de conotação negativa. Além de reafirmar o óbvio, a redundância verbal sobrepõe-se à repetição de imagens. Cenas são constantemente reapresentadas ao mesmo tempo em que se repetem os comentários e termos de indignação.

Somam como características do programa o apelo popular, a linguagem simplificada que buscam envolver o telespectador na história contada e recontada diversas vezes.

Em todos os casos a fragmentação e a ausência de uma coerência interna dos assuntos apresentados favorecem o sensacionalismo e dificultam a racionalização dos fatos pelo receptor, aumentando a sua dependência das informações repetitivas e fomentando a percepção inconsciente de que ele está desprotegido.

A picotagem dos assuntos e a verborragia incessante dos repórteres e do apresentador dificultam a análise da importância de cada assunto ou fato por si só. Além disso, a cada novo bloco, muito do que já foi mostrado repete-se. Informações são repetidas, ainda que na voz do apresentador e dos repórteres mantenha-se o tom de que tudo “está acontecendo agora”, que uma grande novidade está surgindo naquele segundo: tudo é urgente, tudo é agora, tudo necessita de uma resposta imediata ou uma “ação” imediata, quase sempre da polícia (da sociedade ou das autoridades).

De uma forma geral, percebe-se no programa Chumbo Grosso a estratégia do sensacionalismo¹⁷. Ou seja, a busca por oferecer informações que destacam fatos incomuns, mas de fácil cobertura, principalmente em relação a ações criminosas, as relações de indivíduos e a comunidade com o poder público (municipal, estadual e nacional), acidentes de trânsito, principalmente aqueles em que houve mortes e mutilação¹⁸ e outras ações do cotidiano que não fluíram na dinâmica desejada. Enfim, situações que despertem e prendam a atenção do telespectador para o desenrolar da situação.

Assim, o grande destaque do programa é a violência em suas diferentes possibilidades de manifestação: os tiroteios e intervenções policiais, os crimes passionais ou por motivos fúteis, a violência policial e do crime organizado, a morte no trânsito, e outros fatos da vida diária com potencial para comover o público.

Sobre essa questão, convém destacar que a violência exposta no programa Chumbo Grosso, que neste estudo, foi considerado preliminarmente sensacionalista, é ao mesmo tempo, evidente e sutil. Evidente quando aponta para o crime, para o conflito, para as vítimas. Mas também é sutil quando se percebe que, sob a aparência de “máquina da informação”, serve como elemento reprodutor de uma ordem social perversa, onde um grupo que detém os meios de produção ou parte deles, observa e fala sobre os desvalidos que estão expropriados com a retórica do “distanciamento indignado” – distante para manter a aparente neutralidade, indignado para obter visibilidade e solidariedade daqueles que, na verdade, os sustentam através da audiência (ou, no caso do Estado, do voto).

Para compensar o distanciamento e forjar uma aproximação com as vítimas, os repórteres do programa estão sempre presentes nos locais citados, falando com os moradores com intimidade forjada e uma postura de quem está a serviço da população carente. Além do crime, da violência explícita, o programa dá destaque a

¹⁷ Necessita-se fazer uma pesquisa empírica específica sobre gêneros jornalísticos para se definir com clareza se o programa Chumbo Grosso é Jornalismo e mesmo que tipo de comunicação prática, se dialógica ou não dialógica, por exemplo.

¹⁸ Sobre mutilação, o apresentador do programa mantém um sitio de notícias (portal Batista Pereira) em que há um ícone “Fotos chocantes” destinado apenas a explorar a perda de partes do corpo humano em acidentes. Em geral, quando o programa começou as imagens eram comuns, hoje as imagens tem uma ligeira distorção, mas ainda é possível observar as mutilações.

uma “estética do desespero”. Mães reclamam a morte dos filhos, parentes desesperam-se perante os corpos mutilados.

Também o assalto, a insegurança nas ruas, desperta a veemência de repórteres e noticiaristas. Chamam mais atenção os casos em que a reportagem antecipa a chegada da polícia, geralmente atendendo à solicitação de moradores ou comerciantes locais, denunciando ameaças de gangues e pressões de grupos ligados ao tráfico (ou a outro tipo de contravenção) aos comerciantes e moradores. Nestes casos multiplicam-se as expressões indignadas dos participantes do Chumbo Grosso, seja ele o repórter no local, que tenta entrevistar passantes e curiosos, enquanto fica “por ali” esperando pela chegada das “autoridades competentes”, seja o apresentador no estúdio, conduzindo o espetáculo.

Novamente, trata-se de uma relação na qual a violência praticada é sutil: os repórteres comprometem a própria dignidade (fazendo o seu trabalho, mesmo que injusto com o outro, mesmo que assediando e atormentando) e a dignidade de pessoas em princípio inocentes, para saciar a curiosidade do telespectador, que em termos absolutos é na verdade aquele que – com essa curiosidade – que provoca toda essas ações violentas.

Pode-se caracterizar também como violência a abordagem dos cinegrafistas que buscam incansavelmente imagens dos acusados e os repórteres, que por sua vez forçam as chamadas “declarações” dos acusados.

É preciso deixar claro, portanto, que a opção pelo sensacionalismo é (pelo menos) também uma opção do emissor. A informação jornalística possui todo um potencial que vai além da mera ilustração dos fatos diários, pois é uma relação de exposição de poder das emissoras e um espaço para visibilidade para o Estado. Ao escolher o modelo que apela para as sensações do emissor, acima de tudo, está escolhendo a forma como vai construir essa relação, está delimitando o seu campo de atuação.

Considerado esses aspectos, permanece a questão: realmente existe a possibilidade de informar para a cidadania quando os limites técnicos e sociais do veículo televisão são potencializados pelo sensacionalismo?

Se informar significa mostrar a realidade, a resposta deve ser negativa para o Programa Chumbo Grosso. Como se observa, a questão da verdade está afastada das representações da mídia. De fato, ao invés de pensar na televisão como um

espelho do real, seria melhor considerá-la como uma brecha para a alma, para espaços vazios do cérebro humano, para o inconsciente social.

De fato, a incapacidade dos programas sensacionalistas em retratar o real não deve minimizar a importância das representações construídas por este telejornal, pois elas apontam questões relevantes.

Dessa forma, o programa não retrata a realidade, mas antes representa um exercício sutil de construção de pretensas realidades, gerando a sensação de que tudo é permanentemente desorganizado.

A audiência do programa é mantida pela promessa de mesmo no caos, existir espaço para a indignação e que sempre existe algo pior do que o desespero da vida ordinária, comum e tediosa do que a vida vivida dentro das casas dos telespectadores.

No entanto, a estética do programa, a condução dos casos/reportagens, igualmente transmite a noção de que para os indivíduos de baixa renda a vida é uma constante de preocupação e desespero, de perdas e falsas conquistas, da ausência de soluções. A violência da vida sem esperança.

Nesse sentido, o programa é um des-contrutor da cidadania, pois apresenta apenas as carências, a ausência de soluções (embora grite indignada por elas), a vida despida de qualquer possibilidade de uma relação de respeito entre o indivíduo de baixo poder aquisitivo e o Estado e com a sociedade.

Desta forma o telejornalismo sensacionalista retira dos indivíduos na tela – e, ousa-se dizer, dos receptores – o direito que lhes é mais caro, o direito a esperança, a felicidade. O direito a ter direitos.

Esse modelo de produção televisiva pode ser comparado à vida diária da parcela da sociedade que não consegue exercer plenamente a sua cidadania. Trata-se de programas informativos pobres em imagem e em retórica, monótonos quase sempre, ocasionalmente ridículos, surpreendentes às vezes, mas sempre obras inacabadas nas quais o indivíduo/telespectador é apresentado como vítima passiva, indivíduo incapaz de lutar até mesmo pela própria vida ou por seus direitos.

O programa sensacionalista repete-se em um ciclo óbvio de denúncias nunca apuradas, de carências permanentes, de reivindicações nunca atendidas, formando um retrato pobre, distorcido e mal acabado de uma vida incompleta e insatisfatória.

Porém, resta saber como se dá a recepção das informações e imagens de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso, junto ao jovem em conflito com a lei.

CAPÍTULO 03 - SOBRE CIDADANIA E JUVENTUDE

3.1 Cidadania - de *civitas* romano a *Marshall* - breve panorama

A palavra cidadania remete ao latim *civitas* e surgiu na extinta civilização romana. Sua denominação que significa 'cidade'. Ela foi cunhada para se referir aos direitos exercidos pelos cidadãos romanos.

Neste contexto, cidadão era quem os costumes e o direito romano considerava como tal, excluindo-se totalmente, escravos, mulheres e estrangeiros. Portanto, era considerado cidadão o homem, livre, nascido em Roma.

Porém, apesar da expressão *civitas* ter sido cunhada primeiramente em Roma, determinadas práticas e anseios datam ainda do século VIII a. C. quando os profetas Isaías e Amós lutavam contra a opressão do povo, buscando um respeito igualitário às regras sociais, o amparo à viúva e a proteção do oprimido. (BERNARDES, 1995)

Foi na Antiga Grécia que surgiu o conjunto de valores mais identificáveis com o de cidadania almejado atualmente. "A cidadania era para os gregos um bem inestimável. Para eles, a plena realização do homem fazia-se na sua participação integral na vida social e política da Cidade-Estado. (BERNARDES, 1995, p. 23)

A cidadania grega sofreu ampliações e restrições durante seu processo histórico. Clístenes (509 a. C.) estendeu garantias sociais aos estrangeiros, como por exemplo, o direito de administrar e ocupar cargos públicos. Mesmo neste período, mulheres e escravos foram excluídos.

Apesar da constante busca pelos direitos para todos, somente nos séculos XVII e XVIII a sociedade irá recuperar o conceito de cidadania mais próximo do cunhado em Roma. Emmanuel Kant, importante filósofo oferece base às causas iluministas que buscam na razão a emancipação do homem. O autor defende que o conceito de participação aproxima-se do debate acerca da cidadania contemporânea em que o pacto moral permitiria a vida em sociedade.

Para Kant (1993, p. 153) "o cidadão não deve reconhecer entre os seus pares nenhum ser superior. Quem tem faculdade moral ou profissional de obrigar juridicamente o ser humano, deve necessariamente ser obrigado a respeitar a mesma lei".

Os princípios do pensamento kantiniano estão expressos na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que surge em meio ao movimento que impulsionará a Revolução Francesa, em 1789. O conceito de cidadania está contido nos dezessete artigos da declaração. Sobre a liberdade de pensamento e opinião, por exemplo, apregoa-se ser “um dos direitos mais preciosos do homem”.

Apesar da importância dos estudos de Kant para a definição de cidadania, é no século XX que surge na Inglaterra o pensamento clássico que remonta os estudos de T. H. Marshall. Apesar de duramente criticado por sua inspiração evolucionista, seus estudos sedimentam a importante concepção de que cidadania é algo conquistado ao longo de um processo histórico. Sendo, portanto, improvável sua imposição legal, pois a mesma deve surgir de um permanente diálogo social permeado pela experiência e pelo aprimoramento.

Sob esta ótica, existiriam gerações de direitos. Os direitos civis e políticos, são considerados direitos de primeira geração, pois, correspondem ao direito à liberdade, igualdade, propriedade, direito de ir e vir, direito à vida, à participação política, de postular representatividade.

Seriam direitos de segunda geração, os direitos sociais, referentes ao trabalho digno, acesso a saúde, moradia, educação, previdência e de seguridade social, em geral. Posteriormente, a partir da concepção de gerações de direitos, surgiria a terceira geração de direitos. Considerados direitos difusos e coletivos abrangeram o meio ambiente, o direito a viver em um país sem guerras, entre outros.

No entanto, até o presente momento, apesar da conceituação de cidadania ser estudada por diversas ciências o seu exercício ainda é um desafio. Pois, se acredita como Marshall nos processos sociais que nos levarão à consolidação da cidadania, por exemplo, o direito à informação, fundamental quando se pensa que para participar politicamente de uma determinada decisão o indivíduo deve estar informado sobre os antecedentes que permeiam tal situação.

3.2 Informação, necessidade fundamental para a cidadania

O acesso às notícias e as “novidades” é uma necessidade humana especialmente em uma sociedade em que as trocas ocorrem em nível global. Lembrando que nas sociedades primitivas essa necessidade está ligada à própria sobrevivência (no caso de informações sobre a caça ou a pesca, quando tais atividades eram mantenedoras da comunidade) (STEPHENS, 1993, p. 79). O acesso às informações é também uma necessidade política e social: comunicar-se é, ao mesmo tempo, uma forma de interagir socialmente e de interferir nas decisões da comunidade.

Conseqüentemente, negar informações, dar informações falsas ou incompletas são formas de violência, uma vez que afastam o indivíduo das condições essenciais para participar das decisões da sua comunidade em diferentes níveis, entre eles, o político.

Ainda que a cidadania esteja em permanente construção como um produto da história social e da consciência, ser cidadão envolve o sentido de interagir, de trocar informações, de pertencer a uma comunidade, ser respeitado e respeitar essa convivência social, ter espaço para a sobrevivência física, ter acesso aos direitos políticos, civis (liberdade, propriedade, segurança e justiça, incluindo igualdade perante a lei) direitos sociais (como educação, trabalho, assistência médica e social, moradia) e culturais, ou seja, (respeito à identidade e as diferenças religiosas e culturais).

O que inclui, portanto, uma relação de respeito e confiança do cidadão com o Estado. Ou ainda, o reconhecimento pelo poder público de que o indivíduo é pleno em seus direitos e deveres; e o reconhecimento pelo cidadão de que tem o direito e o dever de interferir na constituição do Estado e de seus órgãos, de forma a assegurar a si mesmo, aos demais cidadãos e as gerações futuras a ampliação do acesso a tais direitos.

A conquista dos diferentes direitos que constituem a cidadania sempre foi marcada por avanços e retrocessos, mas um ponto em comum aparece historicamente: mesmo classificada como um direito social, a educação permanece elencada como condição à cidadania plena. Nesse sentido, é importante destacar

que a educação, e particularmente a alfabetização, formam o prerequisite para o acesso a uma parcela diferenciada da informação.

No Brasil, o acesso à educação formal, ou a simples alfabetização, nunca esteve ao alcance de todos. Como consequência, até o surgimento dos meios eletroeletrônicos também o acesso a informação foi privilégio de poucos.

Nos primeiros séculos a situação de Colônia impunha restrições legais para a publicação de livros e periódicos, mas o baixo número de pessoas alfabetizadas era por si só um impedimento maior. Mesmo depois da chegada da Família Real, e a posterior mudança de *status* do país, pouco mudou essa situação.

O Brasil era, então, um país de senhores e escravos, e é justamente a escravidão o fator mais negativo para a cidadania no Brasil. Carvalho (2006, p. 19) afirma que assim como o escravo não era cidadão, também à população legalmente livre (mulatos, empregados de vários níveis, comerciantes de pequeno porte e muitos outros) era negado o exercício da cidadania, pois ela dependia dos grandes senhores, ou “padrinhos”, para morar, trabalhar e defender-se do arbítrio do governo e de outros proprietários. Nem mesmo pode-se chamar de cidadãos os grandes senhores de terra que, desconhecendo o sentido de cidadania, seguiam a máxima de que “para os amigos tudo, para os inimigos a lei”, que infelizmente ainda pode ser verificada em determinadas circunstâncias na sociedade brasileira.

Dentro deste contexto, a imprensa brasileira demorou para alcançar o grande público. Em parte das situações, os jornais eram atrelados aos interesses dos mandatários locais e a políticas provincianas. O longo período de escravidão e a posterior permanência do sistema de concentração de terra, baseada no latifúndio monocultor, consolidaram as diferenças e as distâncias sociais, sempre excluindo os menos abastados, quando não dos direitos políticos, quase sempre dos sociais.

Também é um fator agravante o fato de que, ainda que alguns movimentos políticos coloniais tenham contado com a participação de parcelas da população que não tinham acesso à cidadania plena, a ausência de uma luta pela independência que mobilizasse todo o território nacional e a conivência da burguesia local com interesses internacionais, pouco contribuiu para a formação de uma população cidadã.

O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. De cabeça para baixo, com receio da coroa. Sem imprensa. Sem relações. Sem escolas.

Doente. Sem fala autêntica. (...). Entre nós (...) o que predominou foi o mutismo do homem brasileiro. A sua pouca participação na solução dos problemas comuns. (FREIRE *apud* MELO, GOBBI, SATHLER, 2006, p. 22).

No império, assim como no nascedouro da república que viria a sucedê-lo, os direitos civis e políticos eram privilégios de poucos, dos brancos, ricos e letrados, daqueles que conheciam e faziam as leis, em geral em seu próprio benefício. Em um período de direitos civis tão precários, é difícil falar de direitos sociais. Mesmo depois de 1930, quando houve uma aceleração do debate sobre os direitos sociais, ou ainda depois de 1943, quando foi implantada a Consolidação das Leis do Trabalho-CLT, as garantias reais de cidadania para os brasileiros de baixa renda eram poucas.

Da mesma forma, o acesso à mídia era limitado. Além da baixa escolaridade, o pouco hábito de leitura e o próprio custo dos jornais, mesmo os diários, funcionava como fator de exclusão. Excluídas da mídia institucionalizada, uma significativa parcela da população investe em meios alternativos, processos comunicacionais, em geral, marcados pela oralidade: os cantadores, as histórias e anedotas, os romances de cordel, o jornalismo ambulante dos caixeiros viajantes e muitos outros: “As classes populares têm assim, meios próprios de expressão e somente através deles é que podem entender e fazer-se entender”. (BELTRÃO, 2003, p.125).

É nesse contexto que o rádio instala-se no país. O impacto destes novos veículos é visível. O mundo enfrentava a sua segunda grande guerra e o rádio atraía um novo público para as notícias. Embora em um primeiro momento nem todos tivessem acesso aos aparelhos de rádio, pela primeira vez os iletrados ou mesmo analfabetos brasileiros puderam ter acesso às informações diretamente da mídia, e, sobretudo, de uma mídia que trabalhava a partir da oralidade, a partir de uma linguagem acessível às classes populares.

Ainda que a propriedade destes veículos massivos estivesse concentrada na mão de uma elite burguesa, o rádio, e mais tarde a televisão, abriram novas possibilidades para o jornalismo e trouxeram para o dia a dia do indivíduo comum informações que afetavam diretamente o exercício dos direitos políticos.

Em 1950, quando a televisão é implantada no Brasil, o ciclo do rádio ainda estava incompleto. O novo veículo, trazido por Chateaubriand como símbolo da modernidade de um país que estava a caminho do futuro, conquistou o público e em poucas décadas tornou-se o principal veículo de informação dos brasileiros.

De 1950 aos dias atuais a televisão consolidou-se como veículo para divulgação de informações, servindo também para propagandear as ideias de consumo que na atualidade atuam como vínculo social. Ter determinado objeto é uma maneira de relacionar-se socialmente, estar no mundo

3.3 Consumo e Cidadania

Conforme explicitado anteriormente entende-se cidadania como a forma de participação de um indivíduo na sociedade. Segundo o Radar Social, estudo divulgado no ano de 2005 pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), embora o país tenha conseguido melhorar alguns de seus principais indicadores sociais, a distribuição de renda ainda é um dos piores problemas do país. O Brasil tem a segunda pior distribuição de renda do mundo de acordo com o índice de Gini, que mede a desigualdade de renda em valores de zero (igualdade absoluta) a um (desigualdade absoluta). O índice do Brasil é de 0,60, sendo superado só por Serra Leoa (0,62). A Áustria é uma das nações que tem a melhor distribuição de renda do mundo (0,23).

De acordo com a pesquisa, 1% dos brasileiros mais ricos (1,7 milhão de pessoas) detém uma renda equivalente a da parcela formada pelos 50% mais pobres (86,5 milhões de pessoas).

Em março de 2010, pesquisa da Unesco veiculada pelo jornal Estado de São Paulo revelou que Goiânia está entre as dez cidades mais desiguais do mundo, ficando atrás apenas das cidades da África do Sul. E é no Brasil, a cidade onde se verifica maior desigualdade social. A frota de carros mais novos do Brasil e, talvez entre as mais caras, convive com um dos piores serviços de transporte público.

O relatório baseia suas conclusões no coeficiente Gini - cujos indicadores medem a concentração de renda de um país. Na avaliação do coordenador do relatório e diretor do Centro de Estudos e Monitoramentos das Cidades do Programa da Onu para os Assentamentos Humanos (Onu-Habitat), o mexicano Eduardo Lopez Moreno, existe vínculo direto entre desigualdade e criminalidade. Mais do que custos sociais, o abismo entre ricos e pobres também provoca prejuízos econômicos. "Estatisticamente, existe sim um vínculo. É muito possível que a cidade mais desigual gere muito mais facilmente distúrbios e problemas sociais. As autoridades desses países vão deslocar recursos que deveriam ir para investimentos para conter esses

movimentos sociais. O custo social acaba se traduzindo em custo econômico", afirmou Moreno. (ESTADÃO, 2010, p. 01)¹⁹

Dados que revelam a forte concentração de renda no país e também profundas desigualdades sociais em Goiânia e no Brasil. Nesse quadro, a busca por direitos à educação, saúde, trabalho e propriedade deveriam ser fundamentais.

Embora pesquisa também divulgada pelo Ipea em 2011 tenha revelado que o valor do salário mínimo tem contribuído para a redução das desigualdades sociais. "A participação do rendimento do trabalho na renda nacional aumentou 14,8% entre 2004 e 2010. No mesmo período, o nível de desigualdade de renda caiu 10,7%"²⁰. Diante de tais dados a busca pela cidadania seria ainda um objetivo real dos indivíduos de uma nação e esta se manifestaria nos inúmeros movimentos sociais.

No entanto, observa-se hoje que a mídia, interface entre uma realidade específica e toda a sociedade e mais especificamente, a televisão colabora ou reforça um outro tipo de inclusão social, a do consumo. O gozo pleno dos direitos vem sendo substituído pelo acesso aos bens de consumo, no que se pode caracterizar, conforme Santos (2002) de cidadania do terceiro milênio, que substitui carteiras de identidades por cartões de crédito.

Em agosto do ano 2000 um grupo de cento e cinquenta moradores de favelas, desempregados e trabalhadores sem-teto organizados escolheram o Shopping Rio Sul, na Zona sul da cidade do Rio de Janeiro, como local de um protesto. Em julho de 2009 um shopping de Curitiba foi também ocupado por militantes sem teto. Nesses dois casos, nota-se uma luta pelo direito ao consumo. Não há um projeto político alternativo, a ideia é inserir-se no modelo existente. Como se o consumo fosse uma forma de participação do indivíduo na sociedade.

O objetivo do grupo era a aceitação social. Por meio do consumo desejavam obter seu reconhecimento enquanto cidadãos. Integrando a realidade social e simbólica representada pelos estabelecimentos comerciais visitados e apresentada a todos como natural e desejável pela mídia, e especialmente pela televisão.

¹⁹ Goiânia é a cidade mais desigual do Brasil. Disponível em <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100320/not_imp526930,0.php> Acesso em 20. mar 2010.

²⁰ Valorização do mínimo reduziu desigualdade. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=9656:valorizacao-do-minimo-reduziu-desigualdade&catid=4:presidencia&Itemid=2> Acesso em 05 agosto 2011.

Desta maneira percebe-se que a cidadania está se dando cada vez mais sob o espectro do consumo. Como bem argumenta Santos (2002) o homem da atualidade não possui como principal órgão de identificação a carteira de identidade. O cidadão cosmopolita tem no cartão de crédito sua identidade enquanto membro de uma dada sociedade. A cidadania do período contemporâneo está marcada pelas possibilidades e impossibilidades de consumo. O indivíduo vê no consumo sua participação na sociedade.

Mesmo tecnologicamente relacionado, ou melhor, “comutado”, o indivíduo permanece sob a égide das abstrações do universalismo jurídico e da economia monetária, relacionando-se basicamente em função do consumo ou da produção, tendencialmente indiferente ao contexto sociopolítico. E, certamente destinado a aprofundar a sua retirada da cena pública, com uma personalidade autocomplacente e limitada em suas possibilidades de ação ao espaço do self tecnológico (SODRÉ, 2010, p. 162).

Assim sendo, o exercício da cidadania passaria então para o que o indivíduo consegue comprar, numa lógica do cidadão cartão de crédito. Numa espécie de cidadania do terceiro milênio em que o poder de compra e o possuir passam a substituir os ideais do ser e formalizar a participação do indivíduo na sociedade, que antes seria exercida por meio, dos direitos políticos, civis e sociais, com a consolidação da cidadania. Para Veblen (1899) a riqueza passou a ser considerada sinônimo de superioridade social e de respeitabilidade.

As novas formas de cidadania expressam também a falta de um projeto político. A crença na ideologia do consumo pode ser apontada como a quase ausência de projetos coletivos na atual sociedade urbana brasileira e contemporânea. Nesta realidade, ao invés das pessoas preocuparem-se em reivindicar seus direitos de cidadania, elas passaram a lutar pela posse de objetos que acreditam facilitar sua inclusão social. Não podemos deixar de assinalar que isso não é um processo natural, mas forjado pela mídia como conformação do campo simbólico.

Segundo Canclini (1996) a legitimação social do reino do capital e do consumo vivenciada no mundo afora é uma realidade inquestionável. Diferentemente das décadas de 1960 e 1980, a disposição para contestar é ainda muito tímida, sobretudo no terceiro mundo ou, como queiram, nos países em desenvolvimento. Não se tem como prever a duração desta atitude da sociedade.

A questão da cidadania e dos direitos humanos e sociais torna-se mais relevante quando consideramos que a televisão brasileira nos últimos trinta anos abriu espaço para um modelo de informativo diferenciado, mais sensacionalista e com maior espaço para as questões sobre violência, voltado para o público de menor poder aquisitivo. Tal modelo que ao mesmo tempo congrega todos os limites do telejornalismo levanta novas questões éticas ao enfatizar ainda mais os aspectos emocionais da violência e dos fatos policiais. Pobre na temática e eventualmente até nos recursos técnicos, esse modelo tem obtido sucesso junto ao grande público, a ponto de ganhar vários similares em diferentes canais e influenciar os telejornais mais tradicionais.

3.4 Considerações específicas: O sensacionalismo como a negação da cidadania

O sensacionalismo expõe um distanciamento da máquina estatal do público de menor poder aquisitivo, suas carências e dificuldades em ter acesso aos serviços básicos: a falta de água, de energia e saneamento, o atendimento deficiente do posto de saúde, a falta de ônibus ou de pavimentação nos bairros, e, sobretudo, a ausência de fato de um sistema de policiamento ou pelo menos a ausência da proteção que a presença policial propicia ou deveria propiciar.

Acidentes de trânsito também têm presença garantida, embora na maior parte dos casos ofereçam menor variedade de cenas dramáticas. Feridos e mortos são enfocados (ainda que alguns noticiários evitem a exposição direta das cenas mais grotescas), sempre dando destaque à correria de macas e das ambulâncias. De fato, o ritmo frenético da polícia e dos bombeiros é quase sempre elogiada: eles são homens comuns que se dedicam a proteger os outros, se tudo for mal, pelo menos ainda é possível contar com eles.

Chuvas e acidentes, mesmo quando menos graves, abrem espaço para matérias sobre o trânsito, em especial sobre engarrafamentos e interrupções diversas. Tiroteios e brigas são explorados a exaustão, em geral com repetições de cenas até mesmo em câmara lenta. Nesses casos a falta de detalhes é normalmente compensada por um ritmo mais ágil na conversação, fazendo com que

o telespectador se perca em uma retórica vazia e não perceba a ausência do conteúdo informativo e visual.

Assassinatos ou crimes de maior repercussão - que normalmente estão na grande mídia - tem uma cobertura diferenciada. Nesses casos, é feito um maior esforço para entrevistar os parentes ou pessoas que conheçam a(s) vítima, delegados ou pessoas envolvidas. Esse assédio, em todos os aspectos uma violência com pessoas que não são diretamente responsáveis pelos crimes, é constantemente justificado pelos participantes do programa, que relembra que a equipe de produção e demais envolvidos na elaboração do informativo, estão “fazendo o seu trabalho” ao tentar satisfazer o interesse do telespectador.

Para que possa acompanhar o programa sem grande esforço, mesmo que tenha mudado recentemente de canal, o noticiário sensacionalista investe na redundância. Além de reafirmar o óbvio, a redundância verbal se sobrepõe à redundância das imagens. Cenas são constantemente reapresentadas ao mesmo tempo que se repetem os comentários e termos indignados.

Seguindo a denominação de Casasús (1979, p.42-43), é possível afirmar que a maior parte dos telejornais que trabalham a partir do sensacionalismo investem em “séries informacionais paralelas”, ou seja, uma linguagem visual iônica, a imagem-imagem, que é a representação transmitida (em geral) ao vivo do fato; a sonora-lingüística, a locução/narração do apresentador, que recria verbalmente tudo que é mostrado, a visual lingüística, uma legenda (na forma de tarja), que muitas vezes repete frases do apresentador, e a visual para-lingüística, que equivale a efeitos de câmara (*zooms*, panorâmicas, cortes estúdio/externa e vice versa e outros mais) e efeitos sonoros (o barulho do helicóptero, sons de balas e sirenes, etc).

A soma dessas linguagens permite que o telespectador entenda rapidamente qual reportagem está sendo exibida. Uma manobra eficiente, uma vez que Ruge (1983) já afirmava que o limite de compreensão de um tema ocorre por volta de dez segundos.

Partindo desta análise é preciso repensar a situação de mulheres, negros, homossexuais e especialmente dos jovens, parte da população que muitas vezes se apóia nas representações do cotidiano veiculadas pela mídia, em especial na televisão, para consolidar sua identidade, tomar decisões políticas, enfim viver em sociedade.

3.5 Juventude - uma ressocialização complexa

Segundo o Censo 2000 do IBGE²¹, 84% dos jovens brasileiros viviam no meio urbano, sendo que 31% em regiões metropolitanas. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- PNAD, em 2003, havia no Brasil 23,4 milhões de jovens de 18 a 24 anos, o que representava à época 13,5% da população total.

De acordo com uma pesquisa realizada pela UNESCO²², a violência atinge muito mais os jovens de 15 a 24 anos do que pessoas das outras faixas etárias. A pesquisa mostra que, entre os jovens de 15 anos, 23% morrem vítimas de homicídios. Aos 17 anos, os jovens assassinados já são 35,3%. Até que a violência atinge seu máximo com os jovens de 20 anos: 37,1% deles morrem assassinados.

Entende-se que várias são as faixas etárias que podem ser caracterizadas como juventude, mas para efeito deste estudo usar-se-á a classificação adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em Assembléia Geral realizada em 1985, e que também é considerada pela Secretaria Nacional de Juventude, organismo ligado à Presidência da República, ou seja, aquela compreendida entre 15 e 24 anos. Esta parcela da população girava segundo o Censo 2010, em torno de 35 pessoas. Um grupo diferente sob aspectos étnicos e sociais.

Porém, como o grupo de análise proposto para este estudo constitui-se de jovens em conflito com a lei que cumprem medidas socioeducativas²³ no Centro de

²¹ Censo demográfico 2000: Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>>. Acesso em 15 mai 2010.

²² Mapa da Violência: os Jovens do Brasil - 1998 a 2004. Disponível em <<http://www.unesco.org/pt/brasil/resources-services/studies-and-evaluations>>. Acesso em 05.jan 2010.

²³ Entre os vários problemas em torno do adolescente autor de prática infracional, a inimputabilidade penal é uma questão que vem se configurando como um campo de grande polêmica, por se tratar de uma temática desconhecida para a maioria da sociedade. As medidas socioeducativas, cujas disposições gerais encontram-se previstas nos arts. 112 a 130 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) são aplicáveis aos adolescentes que incidirem na prática de atos infracionais. A legislação atribui penas para a prática de tais atos, quando uma criança - pessoa de zero a 12 anos incompletos, ou um adolescente - pessoa de 12 anos completos a dezoito anos incompletos (Definição de Adolescente Segundo a Lei nº 8069/13/07/90 – ECA), pratica algum ato infracional descrito na Lei como crime e/ou contravenção penal. A Medida Socioeducativa é a

Internação para Adolescentes (CIA), nosso núcleo de estudos compreenderá jovens de 15 a 18 anos incompletos, estando dentro da faixa etária considerada pela ONU como juventude. Sobre a divisão por idade é correto afirmar ainda que “por mais que a faixa etária e algumas características subjetivas e biológicas aproximem essa multidão, o contexto sócioeconômico e cultural proporciona experiências, realidade e juventudes diversas” (ROCHA, 2001, p. 205).

Mas, afinal o que é juventude? Segundo Pais (1993) o surgimento da juventude como categoria social está condicionado a partir de um problema sociológico. A adolescência só começou a ser vulgarmente encarada como fase da vida quando, na segunda metade do século XIX, os problemas e tensões a ela associados fizeram dela objeto de consciência social.

Pais (1993) elenca alguns fatores que fizeram emergir um olhar que diferenciava as crianças dos adultos, tais como o prolongamento da escolaridade, a legislação sobre trabalho infantil, que indicava a idade em que os adolescentes poderiam começar a trabalhar, o surgimento da família contemporânea, de caráter privado, em substituição à antiga sociabilidade coletiva e o correspondente aumento da dependência dos jovens em relação às suas famílias de origem, a proliferação de espaços para correção de jovens com menos de 18 anos e outras medidas públicas.

Para melhor percebermos o movimento sócio-histórico de constituição da juventude na sociedade moderna, no qual considero as ciências modernas agentes determinantes, poderíamos discutir a criação do conceito de adolescência pela psicologia dos séculos 19 e 20. O cerne deste conceito, define a juventude como função de maturação do indivíduo na sociedade capitalista, tornou-se referência central das demais ciências humanas para a constituição do objeto ‘juventude’. (GROPPO, 1998, p. 60)

O moderno conflito entre o papel social da juventude e os comportamentos desviantes, tais como violência, remontam aos primeiros estudos das ciências naturais do século XV a XIX, ou seja, a compreensão da “juventude como um estágio em que o indivíduo cria sua identidade”. (GROPPO, 1998, p. 69)

A conceituação de juventude também se relaciona à entrada efetiva na sociedade, ao adquirir meios materiais e mentais para efetiva participação social, num processo denominado de ressocialização. Se na infância o indivíduo socializa-

manifestação do Estado em resposta ao ato infracional praticados por adolescentes menores de 18 anos, cuja aplicação objetiva inibir a reincidência, desenvolvida com a finalidade pedagógico-educativa.

se conhecendo o mundo, as maneiras de convivência, recebendo a herança cultural, na adolescência, ele em geral tem de ressocializar-se para a vida adulta.

A juventude é, pois, um grupo social em processo de ressocialização. No processo de socialização, a criança, através da família, da escola e da comunidade, é preparada para viver no interior de determinadas relações sociais, instituídas pelo capitalismo, adquirindo habilidades, valores (...) e um certo grau de saber para sua idade e atividades sociais. O processo de ressocialização visa fundamentalmente preparar a força de trabalho para sua inserção no mercado de trabalho. A escola atua nos dois processos. (...) Além da preparação da força de trabalho, o jovem também é preparado para o processo de imputação de responsabilidades sociais. (...) O processo de ressocialização é uma preparação do jovem para que ele se insira na “vida adulta”. (VIANA, 2004, p. 31)

Assim, é possível depreender que a juventude não pode ser definida apenas por aspectos de idade, pois sua constituição é, sobretudo, social. É certo, porém que esta constituição social deve ser precedida de um desenvolvimento biológico. “A ressocialização é a base social unificadora da existência da juventude”. (VIANA, 2004, p. 32).

A idade contada sob o rígido critério do tempo absoluto torna-se a melhor forma de reduzir todas as diferenças sociais e individuais reais a um denominador comum e universal- o indivíduo abstrato e jurídico da modernidade também é um ser que atravessa estágios evolutivos, do seu nascimento à maturidade, e inclusive sua velhice. (GROPPO, 1998, p. 74-75).

A necessidade de ampliação do mercado consumidor também pode ser um dos indicadores do fortalecimento da divisão entre crianças, jovens e adultos. A criação de um público específico para consumo de determinados bens foi essencial para a reprodução do capital.

Esta reprodução ampliada do capital, com o desenvolvimento capitalista, principalmente a partir do pós II Guerra Mundial, vai produzir a necessidade complementar de reprodução ampliada do mercado consumidor. “Uma destas formas é a criação de segmentos sociais específicos voltados para um consumo também específico. É isto que ocorre com a juventude” (VIANA, 2004, p. 35).

De modo a criar um mercado de trabalho específico, ativo e em expansão a mídia busca enfatizar determinados comportamentos, modos de vestir-se, reforçando ideias e concepções de mundo. “A manipulação do consumo dirige a

publicidade e os mercados para os produtos preferidos pela juventude, ou 'juvenis', com a intenção de que não sejam apenas adquiridos pelos jovens, mas também pelos mais velhos, ou falsos jovens". (TECGLEN, 1980, p. 72). Assim, o consumo exacerbado transforma-se numa forma de estar no mundo, na determinação de identidades.

No próprio momento em que a instituição escolar estrutura o adolescente, este vê também exercer-se nela imensa influência dos mass-media imprensa, rádio, cinema, discos, televisão, etc- que não são apenas poderosas técnicas de difusão, mas uma maneira global de ser e pensar, um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens, que penetram o indivíduo na sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções, como escreve Edgar Morin em *L' Esprit Du temps*. (AVANZINI, 1980, p. 55 *apud* VIANA, 2004, p. 37).

Porém, apesar da ciência pretender explicar de diversas formas o fenômeno da juventude, depreende-se, portanto, que a noção de juventude é ainda bastante imprecisa e problemática. A condição juvenil é muito mais complexa e plural do que parece a princípio. Assim, mesmo dentro de um mesmo agrupamento juvenil é possível encontrar inserções diferenciadas, isto é, níveis distintos de engajamento e metas.

Nesse sentido, podemos dizer que existem elementos comuns entre os jovens, mas que também existem diferenças significativas de classe, etnia, sexo, religião cultura, entre outras. Por isso, não se pode afirmar que exista uma uniformidade nos jovens em conflito com a lei que serão sujeitos da pesquisa de recepção das informações de violência.

Apesar de diferenças o grupo possui a igualdade de estar passando pelo período de ressocialização social denominado juventude. Ademais, a escolha por estudar a recepção junto a jovens em conflito com a lei não é ao acaso, uma vez que a violência está intimamente ligada à condição de vulnerabilidade social destes indivíduos. "Atualmente, estes atores sociais sofrem um risco de exclusão social sem precedentes, devido a um conjunto de desequilíbrios provenientes do mercado, Estado e sociedade que tendem a concentrar a pobreza entre os membros desse grupo e distanciá-los do curso central do sistema social". (VIGNOLI, 2001, p. 87).

Por exemplo, afeta a geração dos jovens hoje, o desencanto e as incertezas em relação ao futuro, distanciamento em relação às instituições, descrendo na legitimidade dessas, como a política formal, além de resistência e

autoritarismos e “adultocracia”. É quando a escola e a família já não teriam igual referência, que tiveram para outras gerações de jovens, além de que há diversidades quanto a construções destas referências em grupos em uma mesma geração. Por outro lado, o apelo da sociedade do espetáculo, e padrões de consumo conviveriam com chamadas para responsabilidade social e associativismo. Essas e outras tendências contraditórias também potencializariam vulnerabilidades positivas e negativas (no sentido de fragilidades, obstáculos, capital social e cultural e formas de resistência no plano ético cultural) (ABRAMOVAY, 2002, p. 146).

E, observando-se alguns programas televisivos, em especial o gênero sensacionalista percebe-se uma contribuição para a manutenção do *status quo* quando os apresentadores destes programas sugerem que a insegurança deve ser combatida com uma ação mais violenta de uma polícia cada vez mais armada, quando nossa orientação salienta que a violência é fruto, também, de uma forte desigualdade social, que precisa ser combatida com reformas sociais concebidas a longo prazo e quiçá a mudança do sistema econômico de exclusão vigente.

A escolha por trabalhar a recepção de imagens e informações de violência junto a jovens em conflito com a lei justifica-se ainda porque, acreditamos como Habermas (1989) que o mundo vivido não pode ser comprado por nenhuma dramatização do cotidiano.

O ser humano é o único agente capaz de transformar a vida. E abrir espaço para conhecer o processo de recepção das imagens de violência por jovens em conflito com a lei pode ser um passo para adentrar uma realidade muito negada pelos estudos de comunicação, a do outro.

Acredita-se que investigar a maneira pela qual os jovens em conflito com a lei re-interpretam as imagens veiculadas no programa Chumbo Grosso sobre violência, é sem dúvida uma forma de contribuir socialmente para a modificação do quadro existente.

Estudos sobre a recepção da violência por jovens em conflito com a lei se tornam essenciais diante do inegável crescimento da criminalidade no Brasil. Isso porque, muitas dessas estatísticas do conflito com a lei têm como protagonistas jovens, sejam como vítimas, sejam como agentes.

A necessidade existe, sobretudo, quando a espetacularização da violência, ao invés de despertar uma crítica, provoca o germe de um conformismo desencantado. Se a violência – e muitas vezes, tal argumento diz respeito mais propriamente, à

agressividade - é inseparável do ser, não constitui, de *per se*, justificativa, seja para atos, seja para os estados de violência ora manifestos.

Sequer considerá-la constitutiva da cultura, constante histórica a acompanhar a humanidade, significa apaziguar-se ou defender algo como um reforço a um estado de natureza originário. Assumir o choque não equivale a encampar a barbárie.

CAPÍTULO 4 – SOBRE RECEPÇÃO

4.1 Das hipóteses à coleta de dados

Esta pesquisa tem uma hipótese principal e duas secundárias, e propõe-se a analisar a recepção de imagens e informações de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso junto ao jovem em conflito com a lei, que cumpre medida socioeducativa no Centro de Internação para Adolescentes (CIA), na área física do 1º Batalhão da Polícia Militar, no setor Marista, em Goiânia, Goiás.

Tem-se a hipótese principal, segundo a qual a superexposição de informações e imagens da violência leva os jovens considerarem a violência como algo comum, que não desperta reações sociais. Buscando-se verificar se a partir da leitura cotidiana da violência os jovens tornam-se insensíveis a tais atos, num sentido de desvalorização tanto da vida, como das mortes e mutilações veiculadas na mídia e vividas no cotidiano.

São hipóteses secundárias: a percepção de que os jovens reconhecem-se como sujeitos que podem perder a vida, no combate à violência proposto pelo programa Chumbo Grosso. De maneira subliminar tal combate é defendido no programa por meio do extermínio dos acusados antes do julgamento pelas autoridades competentes. Ou seja, o teste desta hipótese visa verificar se os jovens reconhecem-se como não portadores dos direitos civis num processo de negação da cidadania. E, a outra hipótese levantada é de que os sujeitos receptores percebem que o programa explora imagens e informações de violência para conquistar a audiência.

Para o teste das hipóteses será utilizada a metodologia baseada na teoria da Recepção adotando como técnica as entrevistas em profundidade. Busca-se, portanto, uma análise qualitativa focada nas formas de interpretação do receptor. Num primeiro momento foi feito um levantamento de instituições de cumprimento de medidas socioeducativas em Goiânia. Posteriormente, foram feitos contatos e visitas às instituições no intuito de apresentar o projeto e conhecer o dia a dia dos jovens e os equipamentos eletrônicos disponíveis a eles. A grande maioria das unidades dispõe de aparelhos de som e televisão. Inclusive ao longe pode-se ouvir o rap, ecoando entre as grades e muros.

Os dirigentes, em geral, foram acessíveis e interessaram-se pela pesquisa. João Luis Correa Batista, então gerente do Centro de Internação para Adolescentes (CIA) solicitou uma cópia do projeto e em seguida, autorizou a pesquisa em sua unidade. A pesquisa foi, portanto realizada dentro do Centro de Internação para adolescentes (CIA) na área física do 1º Batalhão da Polícia Militar - BPM. O 1º BPM abriga dentro da sua área física o CIA, com cerca de 600 metros quadrados que possuía à época da pesquisa 61 internos que cometeram atos infracionais, assim considerados por tratarem-se de jovens de 12 a 18 anos incompletos.

Antes da pesquisa empírica, em setembro de 2011 a pesquisadora participou, como prerequisite para a pesquisa, de um treinamento envolvendo o corpo técnico da instituição. Foram orientações variadas de Assistentes Sociais, Psicólogos, Pedagogos e demais profissionais. O objetivo, segundo a direção do CIA, foi estabelecer algumas regras para a segurança dos entrevistados e da pesquisadora.

Ressalta-se também que o jovem é livre para participar da pesquisa e também desistir a qualquer momento. A coleta de dados foi feita com o uso apenas de um gravador digital, para evitar que haja constrangimento dos jovens. Portanto, não há imagens.

Então, a escolha dos entrevistados ocorreu de forma aleatória entre o grupo proposto, no caso jovens em conflito com a lei que cumprem medida socioeducativa no Centro de Internação para Adolescentes (CIA), em Goiânia. Sendo que o tempo previsto para as entrevistas de quatro meses, foi alterado para cinco, durante os quais a pesquisadora deverá passar cerca de três horas diárias com os jovens. Os jovens foram selecionados pelo interesse em responder à pesquisa, respeitando a liberdade e autonomia dos indivíduos.

Há autores, como Deslandes (2007, p. 48), que consideram inadequado falar em amostragem para certos tipos de pesquisas sociais, uma vez que o universo em questão não são os sujeitos em si, mas suas histórias de vida. Segundo González Rey, “uma amostra selecionada em função de atributos populacionais e a definição de um grupo significativo para o estudo de aspectos subjetivo-valorativos podem ser realizadas apenas no decorrer da pesquisa e não *a priori*”. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 100).

Para Gaskell (2002), o importante em uma pesquisa qualitativa não é o cálculo de quantas pessoas devem-se entrevistar, mas sim o surgimento de temas

recorrentes, frutos de processos sociais que pessoas em um meio social específico têm em comum. Ou seja, se as coisas permanecem iguais, não é o aumento do número de entrevistas que vai melhorar necessariamente a qualidade da pesquisa. Assim, não é uma grande quantidade de entrevistas que vai determinar um bom trabalho qualitativo. Na verdade, pode até prejudicá-lo, afinal, “há uma perda de informação no relatório escrito, e o entrevistador deve ser capaz de trazer à memória o tom emocional do entrevistado e lembrar por que eles fizeram uma pergunta específica”. (GASKELL, 2002, p. 71).

A pesquisa teve duração total de dois anos. Foi iniciada em março de 2010, com a fase da pesquisa bibliográfica, que compreendeu a revisão da literatura sobre violência, televisão, cidadania e juventude, buscando-se dar fundamentos para o objetivo geral.

O período de abril a junho de 2011 foi destinado à aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP- UFG). O projeto foi aprovado sem ressalvas, pelo Comitê de Ética, em julho de 2011.

Desta forma, esperava-se que as entrevistas em profundidade fossem realizadas no período de setembro a dezembro de 2011, porém o período compreendido foi de setembro de 2011 a fevereiro de 2012. Buscando-se durante a convivência com os jovens em conflito com a lei verificar como se dá a interpretação e a re-interpretação das informações e imagens de violência, veiculadas pelo programa Chumbo Grosso.

4.2 Recepção, um longo percurso

A mídia - interface entre a sociedade e uma realidade específica - tornou-se algo tão presente no cotidiano das pessoas. Hoje, é inconcebível a ideia de um mundo onde a tecnologia midiática não esteja presente.

Neste sentido, os estudos de recepção surgem de modo a tentar solucionar desafios das novas formas de interação, questões do imaginário social e da subjetividade. Questões que explicações anteriores ainda não conseguiram compreender. Ou, cuja compreensão ficou centrada no emissor.

As pesquisas de recepção despontam na América Latina e especialmente no Brasil a partir de 1950. Mas, afinal, o que são os estudos de recepção e o que pretendem? A princípio é preciso identificar o que não é a recepção.

De fato, a relação de predomínio do emissor sobre o receptor é a ideia que primeiro desponta, sugerindo uma relação básica de poder, em que a associação entre passividade e receptor é evidente. Como se houvesse uma relação sempre direta, linear, unívoca e necessária de um pólo, o emissor genérico, macro, sistema, rede de veículos de comunicação, e um receptor específico, indivíduo, despojado, fraco, micro, decodificador, consumidor de supérfluos; como se existissem dois pólos que necessariamente se opõem, e não eixos de um processo mais amplo e complexo, por isso mesmo, também permeado por contradições. (SOUSA, 1995, p. 14)

Diversas teorias e estudos da comunicação relegaram o receptor ao ostracismo, por exemplo, o funcionalismo, que o encarava como uma peça do sistema, sujeito reificado. “No nível teórico, o sujeito da comunicação é a própria ordem do sistema social funcionando, porque indivíduos, ideias, opiniões e instituições são funções mantenedoras do sistema, constituindo um princípio maior que ultrapassa os sujeitos empíricos”. (SOUSA, 1995, p. 18).

A Teoria funcionalista ocupa uma posição muito precisa, que consiste em definir a problemática da mídia a partir do ponto de vista da sociedade e do seu equilíbrio, da possibilidade do funcionamento total do sistema social e da contribuição que os seus componentes (inclusive os meios de comunicação de massa) lhe trazem. (WOLF, 1995, p. 51)

Se no funcionalismo a dimensão política do receptor acaba sendo uma estratégia política de controle social dos indivíduos, gerando a manutenção do próprio sistema. Na década de 1960, surge a teoria da dependência cujo foco era explicitar a relação dos países centrais, hegemônicos e desenvolvidos com os países periféricos, subdesenvolvidos e dominados, tentando mostrar as várias formas de dominação expressas nas questões econômicas, mas também na cultura.

Para os teóricos da dependência a ideia central era resgatar o receptor da sua inércia por meio da conscientização das relações internacionais. “Os meios de comunicação (...) tinham de ser desnudados na cooperação estabelecida com os interesses do Estado, no envolvimento com capitais estrangeiros e no processo alienante e devastador que exerciam sobre a cultura”. (SOUSA, 1995, p. 19)

Desta maneira para os teóricos da dependência o receptor era concebido como sujeito histórico, mas quando se fala sujeito não se quer dizer indivíduo, e sim às relações de poder produtivo, envolvendo classes e Estados. (SOUSA, 1995).

A concepção do receptor enquanto sujeito histórico irá despontar nos estudos da Teoria Crítica, quando o uso da tecnologia, também conhecido como razão técnica irá acentuar a mudança de concepção do receptor enquanto indivíduo/mercadoria ou receptor/objeto (reificado). “A racionalidade técnica, base da modernidade, acabara se transformando de iluminadora em principal instrumento da moderna dominação que estava para além das formações sociais, encontrava-se no interior do próprio processo capitalista”. (SOUSA, 1995, p. 20).

A dominação capitalista estaria entranhada na cultura por meio da indústria cultural que tornara os meios de comunicação em sistemas produtivos semelhantes aos das indústrias.

Embora os indivíduos creiam que, no período em que não trabalham, eximem-se dos rígidos mecanismos produtivos, na realidade a mecanização determina de modo tão integral a fabricação dos produtos de distração, que o que se consome são apenas cópias e reproduções do próprio processo de trabalho. O suposto conteúdo não passa de uma pálida fachada, o que se imprime é a sucessão automática de operações reguladas. Só se consegue escapar do processo de trabalho na fábrica ou no escritório adequando-se a ele no ócio. (HORKHEIMER, 1947, p. 148 *apud* WOLF, 1995, p. 88)

Outra forma de compreender a comunicação e por conseguinte tratar ou não o receptor, foi o Estruturalismo. A “morte do homem”, defendida pelo estruturalismo, envolvia uma ruptura teórica e um deslocamento fundamental do marxismo do sujeito histórico, para a análise das estruturas. “O sujeito, sendo deslocado do homem para a estrutura, propiciava a criação de novo enfoque: ‘o sujeito’ é a estrutura estruturante, e nada mais urgente do que conhecer seu funcionamento, tanto quanto sua linguagem e seus códigos”. (SOUSA, 1995, p. 21).

Assim, o Estruturalismo irá busca no estudo do discurso a compreensão de quais estruturas compõem também o homem, quer no nível epistemológico, quer no nível empírico. Nítido que diante da complexidade dos fatos sociais acomodava-se mal com a então busca estruturalista de isolar emissor e receptor, numa redução a análise dos sistemas de comunicação que perigosamente eliminava da análise o político e o social, sem contar o fato de que “se estudou a língua, mas não a linguagem falada pelos sujeitos” como assinala Mattelart & Mattelart (1986, p. 71):

Na apoteose estruturalista, ainda que todos invoquem à saciedade o sistema de comunicação, foi o processo de comunicação que menos foi estudado. Chegou-se a este cúmulo: a saber, que a lingüística pôde estudar

as linguagens abstraindo o sujeito que fala e o referente. Estudou-se a língua, não a linguagem falada por sujeitos psicológica e sociologicamente situados. A lingüística estudou as frases e o sistema de regras e injunções que sustenta a sua forma, isolando-os do seu local de produção (MATTELART & MATTELART 1986, P. 71).

Enquanto a tendência estruturalista iria perdendo terreno, o mundo assistiu à queda das ditaduras militares no início da década de 1980 na América do Sul. Enquanto a razão iluminista do início do século não trouxe todas as respostas, nem felicidade. Ela iria então dando lugar a novas maneiras de estudar o mundo. E, “a ausência de melhores elaborações sobre o mundo individual encontrava ressonância na sua própria incapacidade de responder a demandas crescentes para atualização dessa dimensão ante novas práticas sociais e culturais” (SOUSA, 1995, p. 22).

Se existiu uma virada no início da década de 1980, consistiu em prestar uma atenção crescente à recepção dos meios de comunicação social, tratando de operacionalizar modelos como o da codificação - decodificação (Wolf, 1995).

Neste contexto surgem os estudos de comunicação sobre o público, sobretudo por meio da teoria das mediações, cujo principal expoente é o latino americano Jesús Martín-Barbero. Tal teoria tem por objetivo resgatar o sujeito do processo de comunicação (antes dissimulado, oculto) buscando interpretar os espaços de produção, interpretação, ressemantização e negociação incessante de sentidos.

Essa contribuição está justamente na tentativa de romper com as abordagens teóricas anteriores, muitas vezes fragmentadoras e simplificadoras da comunicação, firmando a recepção como perspectiva teórica que nos permite a integração dos processos de produção, produto e audiência. “A recepção passa a ser vista como momento privilegiado da produção de sentido, refutando a concepção reprodutivista e firmando que mais do que de meios, a comunicação é hoje questão de mediações, isto é, de cultura”. (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 19).

Estes estudos apontam para o que sempre existiu embora estivesse oculto, o outro, sujeito, receptor, ativo:

(...) é o nome com que hoje denomina-se o que na sociedade excede a ordem da razão institucional. É a trama que forma os sujeitos e atores para costurar a ordem e redesenhá-la, mas também suas negociações cotidianas com o poder e as instituições. Dela emergem os movimentos que deslocam

e recompõem o mapa dos conflitos sociais, dos modos de interpelação e constituição de atores e das identidades. (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 12-13)

Isso porquê, a comunicação processa-se no campo interativo da recepção, porque é aí que ocorre, efetivamente, a produção de sentidos. Ou seja, é no campo da recepção que o sujeito reinterpreta, ressemantiza, reapropria e também se permite autoconstrução (formando o seu *self*). Compreende-se que o conhecimento não é algo fornecido pelos meios de comunicação, mas o conhecimento é constantemente reelaborado a partir da relação social que o sujeito estabelece com o mundo e com outros sujeitos.

Se a “relação de domínio do emissor sobre o receptor é a ideia que primeiro desponta,(...) numa relação sempre direta, linear, unívoca e necessária de um pólo, o emissor, sobre o outro, o receptor” (SOUSA, 1995, p. 14). Logo se percebeu o erro de considerar o receptor como fonte de toda a explicação para o processo comunicacional. Percebeu-se assim, a necessidade de estudar a recepção mas, “passando pelas mediações e também pela integração” (TEMER, 2010, p. 195).

Deslocar o eixo das pesquisas para as mediações não significa desconsiderar a importância dos meios, mas evidenciar que o que se passa na recepção é algo que diz respeito ao seu modo de vida, cuja lógica deriva de um universo cultural próprio, incrustado em uma memória e em um imaginário que são decorrentes de suas condições concretas de existência (JACKS, 1995, p. 153).

Não se deve encarar a recepção como uma somatória de teorias e nem mesmo como uma teoria extremista. “É um processo de interação de possibilidades, os meios e os atores sociais (...). Essa relação complexa aplica-se de forma única a cada produto mediático e a cada público diferenciado” (TEMER, 2010, p. 196).

“Embora esse “quem” (receptor) da comunicação, esse sujeito, teoricamente ainda não esteja configurado, sabe-se que ocupa um espaço contraditório, o da negociação, o da busca de significações e de produções incessantes de sentido da vida cotidiana” (SOUSA, 1995, p. 26). Surgem então algumas perguntas que pretendemos responder como, por exemplo, quem é afinal, o jovem em conflito com a lei no processo de comunicação social contemporâneo? Onde se colocar para melhor visualizá-lo? E, das questões mais pertinentes: Como o jovem em conflito

com a lei interpreta e elabora as informações sobre violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso?

Neste sentido, parte-se do princípio de que este estudo envolve um público diferenciado- Jovens em conflito com a lei-, cuja situação social e demográfica é ímpar e se deparam com um produto, no caso o Programa Chumbo Grosso, que mantém a busca de audiência por meio da exploração das informações e imagens de violência.

Na releitura de Medeiros (1998, p. 275) “a teoria da recepção tem por objetivo resgatar o sujeito do processo de comunicação, buscando interpretar os espaços de produção, interpretação, ressemantização e negociação incessante de sentidos. O receptor deixa de ser visto como mero consumidor”.

Como assinala Martín-Barbero (1998, p. 5) “apenas os meios, quando o que estes fazem e o que eles produzem no público não podem ser entendidos a não ser em referência às transformações nos modos urbanos de comunicação”. Medeiros (2001, p. 01) assinala ainda que tal perspectiva de trabalho entende o “processo comunicativo não como dimensão estática ou linear, mas como um universo dinâmico e interativo, dialético e recíproco”.

O autor salienta-se que no “processo comunicacional, o receptor também assume a função de agente influenciador na relação, portanto, sujeito ativo, que, através da experiência real e cotidiana, decodifica, interpreta e reelabora as informações recebidas e construídas”.

A proposta deste trabalho foi fazer uma análise da recepção do Programa Chumbo Grosso, entre jovens em conflito com a lei, mas também entender como funciona a relação com a informação para esse grupo especial de receptores: os jovens que cumprem medida socioeducativa no Centro de Internação para Adolescentes (CIA), em Goiânia.

Os estudos de recepção do programa entre os jovens foram realizados por meio de entrevistas semi-estruturadas em profundidade, com perguntas abertas que possibilitam uma maior liberdade de resposta (vide anexo 01).

4.3 Entrevista em profundidade

Para estudar a recepção das imagens e informações de violência por jovens em conflito com a lei, optou-se neste estudo pela conjugação das análises da teoria da recepção da escola de comunicação Latino-Americana conjugada com entrevistas em profundidade²⁴.

Ressalta-se que a entrevista em profundidade é, antes de tudo, uma abordagem qualitativa:

A abordagem qualitativa deve servir de aporte para considerar nas análises a complexidade dos contextos da recepção. A pesquisa qualitativa tem como características: o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; os dados coletados, em sua maioria, são essencialmente descritivos; os investigadores qualitativos se preocupam muito mais com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; a análise dos dados tende a ser um processo indutivo; o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida é a preocupação essencial na abordagem qualitativa. (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 50).

Flick (2004) considera que a pesquisa qualitativa trabalha, sobretudo, com textos. Assim, as entrevistas e observações são gravadas e transcritas, e a partir destas transcrições é que se chega à fase de interpretação na pesquisa. Assim, segundo o autor, existem duas vias na pesquisa qualitativa: parte-se da teoria para se chegar ao texto, e dele para se voltar à teoria. Os textos servem a três finalidades no processo de pesquisa qualitativa: representam não apenas os dados essenciais nos quais as descobertas se baseiam, mas também a base das interpretações e o meio central para a apresentação e a comunicação de descobertas. (FLICK, 2004, p. 45).

Para estudar o tema das interconexões entre televisão, violência, juventude e cidadania buscou-se ordenar material referente especificamente à linguagem da recepção e violência. Assim, optou-se por uma conjugação da pesquisa bibliográfica com a abordagem teórica focada na recepção da comunicação da violência analisada do ponto de vista da complexidade e da hipertextualidade, em suas

²⁴ Ver anexo 3.

múltiplas ligações e junções sócio-culturais, que ultrapassam um formato textual estrito e a própria dimensão da intertextualidade.

Como expõe García e Ramos (1998, p. 46) existe a necessidade inerente aos estudos sobre violência e meios de comunicação de agregarem uma série de fatores que constituem a complexidade de sua dinâmica e comecem a pensar como a mente, o sistema de representação social, o imaginário coletivo, a memória, ordenam, codificam e re-elaboram este conjunto discursivo de fragmentos audiovisual dotando-o de funções e sentidos.

Segundo Duarte (2009, p. 62) “a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

Desta forma a entrevista em profundidade permite identificar diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos da recepção das informações de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso junto ao jovem em conflito com a lei. Assim, objetivou-se saber como esta violência veiculada pelo programa é percebida pelos jovens, ou seja, como ela é interpretada e re-interpretada.

O uso da técnica da entrevista em profundidade pode ser ainda justificada pelas palavras de Duarte (2009, p. 64):

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido”. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças com a entrevista jornalística. (DUARTE 2009, P. 64):

Dentro da modalidade entrevista em profundidade, optou-se neste estudo pelo modelo de entrevista semi-aberta, que buscou por meio de um roteiro semiestruturado estabelecer um diálogo sobre o tema tratado de maneira profunda.

De acordo com Triviños (1990, p. 146), este modelo de entrevista tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa. Ela parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de

interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Segundo Flick, este método de entrevista tem sido bastante utilizado, uma vez que há a expectativa de que é “mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário”. (FLICK, 2004, p. 89).

Neste tipo de entrevista, o entrevistado tem a possibilidade de falar sobre o tema em questão sem necessariamente se prender à indagação formulada e o pesquisador pode combinar perguntas fechadas e abertas (MINAYO, 2007).

Segundo Flick (2004), usa-se também o termo entrevista parcialmente padronizada para descrever o método das entrevistas semi-estruturadas, que consiste na escolha entre utilizar os tópicos presentes no guia da entrevista (que vai aumentar a comparabilidade dos dados) e, ao mesmo tempo, deixar livre para o entrevistado, ao seu modo individual, discorrer sobre as questões colocadas e outras relevantes para ele.

Assim, as entrevistas em profundidade seguiram um roteiro básico e flexível. As entrevistas semi-estruturadas foram gravadas e, em seguida, transcritas para análise, conforme já ressaltado. A especificidade desta técnica está, para Queiroz (1983), na possibilidade de o texto transcrito ser confrontado com as falas todas as vezes que for preciso, o que não acontece com questionários ou documentos históricos.

Segundo Minayo (2007), a matéria prima desta técnica é a fala de interlocutores, que é fonte de informações sobre histórias de vida, de dados subjetivos dos entrevistados, como idéias, crenças, maneiras de pensar, sentimentos, condutas, razões conscientes ou inconscientes de comportamentos, entre outros.

A fala, ainda segundo Minayo (1993) revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos, possuindo a magia de transmitir através do entrevistado (porta-voz) representações de determinados grupos em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas.

O que está significando, portanto, não é somente aquilo que se diz em uma entrevista qualitativa. Minayo (2007) afirma que, na coleta de dados, há que se observar e incorporar o contexto de produção das falas.

Desta forma, as entrevistas em profundidade serviram para fornecer elementos para uma análise crítica a cerca da recepção do Programa Chumbo Grosso junto a jovens em conflito com a lei. Tal método permitiu que conceitos, percepções e visões fossem explicitados pelos receptores.

A entrevista em profundidade explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-qualificação ou representação estatística. (DUARTE, 2009, p. 62).

Buscou-se evidenciar o posicionamento do sujeito em relação a determinado objeto e na forma de expressar-se e posicionar-se em relação aos dados e as informações obtidas.

Importante ressaltar que a receptividade possui muitos referentes que levam determinado público a ter uma identificação com determinados programas de televisão, esses referentes são as particularidades de cada indivíduo. (OROZCO GOMEZ, 1993, p. 29).

A produção de sentido que o telespectador realiza depende, então, da combinação, que por meio das quais se realizam cada uma das mediações. As comunidades de apropriação do conteúdo televisivo não são necessariamente de interpretação, onde se produz o sentido. (OROZCO GOMEZ, 1993, p. 36)

Necessário ressaltar que o resultado da pesquisa não corresponde à totalidade de jovens em conflito com a lei e a sua relação de preferência com o programa Chumbo Grosso, mas apenas em relação ao grupo analisado.

CAPÍTULO 05 - A RECEPÇÃO DO PROGRAMA CHUMBO GROSSO JUNTO AO JOVEM EM CONFLITO COM A LEI

Ao todo foram realizadas sete entrevistas em profundidade com adolescentes em conflito com a lei que cumprem medida socioeducativa²⁵ no Centro de Internação para Adolescentes – CIA, que fica localizado dentro do 1º Batalhão da Polícia Militar, no Setor Marista, em Goiânia – Goiás.

O objetivo da pesquisa foi verificar como adolescentes em conflito com a lei interpretam e elaboram as imagens e informações de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso, exibido de segunda à sexta-feira, pela TV Goiânia, afiliada da TV Bandeirantes no estado de Goiás.

Como a fundamentação metodológica desta pesquisa está centrada na Teoria da Recepção, tendo como principais teóricos Martín-Barbero e Orozco Gomez compreende-se o receptor como sujeito ativo, ou seja, agente influenciador da sua experiência cotidiana e real.

Desta forma, compreende-se que a mediação da recepção das informações não está apenas ligada ao veículo que transmite determinada informação, mas às relações estabelecidas com o meio no qual quem recebe as informações encontra-se inserido.

Os meios de comunicação, nesta perspectiva, assumem um papel central na legitimação de certas definições, mas esse processo não é simples, nem unidirecional. A distinção proposta pelos estudos de recepção, a de privilegiar o ponto de vista das pessoas comuns e os usos que elas fazem das mídias de que dispõem, é bastante convergente com este paradigma naturalista, e tem muito a se beneficiar deste aporte teórico e metodológico. Se considerarmos que, como George Herbert Mead tão bem demonstrou, comunicação é interação simbólica, pesquisar as dinâmicas comunicacionais no local onde ocorrem é também compreender a vida social na sua dimensão mais elementar, relacional, a vida social em processo (BRAGA e GASTALDO, 2009, P. 13)

Para tanto, buscou-se nas mediações quais sejam, relações estabelecidas com a família, a igreja, a escola e o ambiente do CIA (situação de privação de liberdade, relação com outros jovens e com os educadores e demais profissionais) elementos para verificar como jovens em conflito com a lei, que cumprem medida

²⁵ Conforme já mencionado no capítulo três desta dissertação, medida socioeducativa, conforme regulamentação prevista nos artigos 112 a 130 do Estatuto da Criança e do Adolescente, constituem a resposta do Estado à prática de ato infracional descrito na lei como crime ou contravenção penal. Neste caso os adolescentes foram encaminhados para o Centro de Internação para Adolescentes-CIA para cumprirem medida socioeducativa.

socioeducativa, interpretam e elaboram imagens e informações de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso.

Quanto à perspectiva da Teoria da Recepção, é importante ressaltar a influência das diversas novas “linguagens” que se formam a partir das mediações do meio urbano, para além da tecnologia. Assim, devemos ainda esclarecer que os agentes pesquisados encontram-se em uma situação de certo isolamento comunicacional, pois, mesmo no CIA, devido a comportamentos inapropriados²⁶, a maior parte deles assiste à televisão de forma irregular.

Portanto, as informações a que têm acesso são em parte fragmentos do universo exterior que adentram as grades por meio de familiares. De jovens recém-chegados. Pelo que ouvem dos educadores. No trânsito, quando são transportados por policiais militares, dentre outras vozes. Muitas vezes existe uma recriação da realidade, que pode ser uma espécie de mundo real para eles, mas que não é a realidade para a maior parte das pessoas, justamente pela dificuldade de se obter informações, que chegam aos adolescentes no momento em que sofrem restrição de liberdade, por conseguinte distanciamento da sociedade.

Deste modo, para alcançar o objetivo geral desta pesquisa, utilizou-se da metodologia da Teoria da Recepção conjugada com entrevistas em profundidade. Observando-se a situação desta recepção no momento em que os jovens cumprem medida socioeducativa, ou seja, encontram-se privados de liberdade e de pleno acesso aos meios de comunicação, tais como a televisão, em particular ao objeto de estudo, neste caso, o programa Chumbo Grosso.

²⁶ Quando praticam violência contra outros jovens dentro do CIA, os adolescentes são encaminhados para o isolamento. Celas em que não têm contato com outros jovens e ficam excluídos das atividades de reintegração, como assistir televisão, jogar futebol, dentre outras.

5.1 A pesquisa no Centro de Internação para Adolescentes – CIA

Torna-se imprescindível, antes de qualquer análise de recepção midiática, definir claramente em que local encontram-se os jovens pesquisados. A pesquisa empírica foi totalmente realizada dentro do Centro de Internação para Adolescentes – CIA.

Num primeiro momento, acreditava-se, por preconceito, que o local seria similar a um abrigo, com diversas atividades para os jovens. No entanto, percebeu-se com as visitas constantes, que se trata de uma espécie de “cadeia”, com celas, grades, algemas, muito visíveis e a todo tempo utilizadas. O local para o futebol é externo. O CIA não tem entrada para a luz solar, a não ser na parte gradeada por concreto, em que estão localizados os atendimentos referentes à administração do Centro. Então, os jovens necessitam tomar banho de sol, não raro algemados. O formato de cadeia é confirmado para além das celas pelo policiamento ostensivo no local.

Os jovens dormem em beliches e em celas, em corredores apertados. É comum as brigas entre eles. As armas usadas em geral são as “terezas”, espécie de corda confeccionada artesanalmente com retalhos de tecidos. Esses retalhos são amarados formando uma corda. Eles jogam a corda de uma cela para a outra, em seguida colocam a “tereza” no pescoço de uma determinada vítima. Os adolescentes, então, puxam a corda improvisada, provocando um enforcamento.

As armas de tecido são facilmente confeccionadas e não deixam marcas muito visíveis nos corpos por eles torturados. Há também as surras de toalha, dificilmente provadas em exame de corpo de delito. Os adolescentes violentam uns aos outros em diversas situações. Há uma intolerância aos crimes sexuais, em geral duramente punidos. Aqueles adolescentes considerados responsáveis pela violência vão para o “isolamento”, ficam sem direito a banho de sol, futebol e quaisquer outras atividades, confinados em celas separadas do restante. É comum a reclamação sobre os adolescentes que entregam quem os violentou. “Caguetar” (gíria comum entre os jovens, que significa denunciar alguém) é uma atitude condenável pelo grupo, que pode gerar mais violência.

Sobre o uso das “terezas”, cabe a leitura da parte que se segue do diário de campo desta pesquisa:

Sexta-feira, dia 07 de outubro de 2011. Dia de revista. Estão todos apreensivos. Há uma intensa movimentação de policiais. Um adolescente chora no corredor. Ouço que ele teria apanhado do grupo. A revista tem o objetivo de retirar todo excesso de roupas, que eventualmente pode ser transformado em uma “tereza”, uma espécie de corda formada por roupas amarradas umas às outras. Ela é jogada de uma cela para a outra, colocam a corda no pescoço da vítima e cada um puxa de um lado de dentro da cela. Então ouço um policial comentar: “Um menino daquele, todo espancado! Daqui uns dias vai ter um sem cabeça. Não tem como cair e machucar daquele jeito. Ele foi espancado, mas fala que caiu. O médico mesmo falou isso. Sei que ele matou o irmão a pancadas. Ele não estava querendo vir para cá”. O menino agredido ainda chora, os militares comentam. A coordenadora geral procura a chave da enfermaria e leva o menino para lá. Alguns meninos são deslocados para o isolamento por mau comportamento, possivelmente por terem agredido o menino que chora no corredor. A coordenadora e sua assistente fecham a porta e conversam em particular. Saem da sala e me pedem para voltar na segunda-feira, pois hoje seria impossível fazer entrevistas com eles.

Neste trecho do diário de campo fica claro o clima de tensão e violência que permeiam o espaço de convivência dos jovens, que de fato têm poucas atividades para realizarem. Tudo se resume à escola (para aqueles que entram em data de matrícula, ou conseguem ser transferidos da antiga escola, se antes frequentavam alguma), futebol para os meninos de comportamento julgado bom, e banho de sol. Há aulas de violão, atendimento psicológico, pedagógico e enfermagem para alguns jovens, conforme verificação da necessidade pelos profissionais do Centro.

Como relata H. M²⁷., sobre as motivações para continuar praticando infrações:

A gente faz porque fica com mais raiva, por estar aqui dentro. O tempo que eu tava aqui foi só pra pegar contato, só pra conhecer mais vagabundo. Aqui a gente fica muito tempo na tranca. Tinha tempo para ficar pensando em roubar melhó, matar melhó.²⁸

Outro ponto a ser considerado é a falta de recursos para os trabalhos no Centro. A estrutura claramente mofada demonstra até ao visitante externo a necessidade de reparos. Não há carros disponíveis, nem mesmo para transporte de emergência, como na situação acima descrita. Neste dia o policial citado, que reparou que o garoto havia sofrido diversas agressões e tinha não caído, como relatado, fez várias ligações até conseguir um veículo para levar o jovem ao hospital. Como neste outro trecho do diário de campo da mesma data:

²⁷ Para garantir a segurança e a privacidade dos jovens, sua identidade será preservada. Usar-se-á apenas as iniciais de nomes para identificá-los, conforme normatização do Comitê de Ética da UFG.

²⁸ Os depoimentos aqui transcritos mantêm rigorosamente a linguagem verbalizada pelos jovens. A não correção dos erros gramaticais, em conformidade com a norma culta, visa manter a forma coloquial e peculiar de comunicação dos sujeitos da pesquisa.

A parte da movimentação no Centro, a sala da coordenação está com luz em meia fase. A secretária da coordenação²⁹ teme muito que queimem os aparelhos. Segundo ela, “depois fica seis meses sem consertar e ela tem que fazer as ligações de um orelhão, usando um cartão”.

Observa-se pela fala da secretária uma insegurança quanto à falta de equipamentos, pois, quando algo estraga devido à demora em providenciar os reparos. Durante todo este tempo os funcionários trabalham no improvisado.

É notável ainda na fala do jovem H. M., e reiterado pelos colegas, que os jovens ficam muito tempo nas celas, ou seja, faltam atividades de reintegração, como por exemplo, um artesanato, ou o desenvolvimento de algum trabalho manual, que não exigiria tantos recursos. O número de funcionários é pequeno, são cerca de vinte educadores, somados a oito policiais militares, quatro psicólogas e quatro assistentes sociais. Todos os profissionais revezam-se em dois turnos.

Na condução desta pesquisa foi observado que os jovens em conflito com a lei vivem em um ambiente, que, antes de remeter ao nome de Centro de Internação para Adolescentes – CIA é algo similar a uma penitenciária. Um lugar em que a violência e a tensão em muitos dias dominam o ambiente. Outra observação é que muitos adolescentes não frequentam a escola como deveriam, nem têm atividades de lazer. A falta de atividades coaduna tanto com o aumento da violência, quanto para as associações para o crime, que são comuns nas falas dos jovens, ou seja, dentro do CIA eles aprendem mais sobre como cometer infrações, formam associações, mentalizam ações e muitas vezes as praticam. Veja, abaixo, o depoimento de K. R. S.:

Essa é a terceira vez que passo por aqui. Eu tenho seis passagens. A última foi no dia 17 de outubro (2011), por duplo homicídio. Foi assim, um amigo meu, que fiz aqui dentro, enquanto a gente tava preso, um cara ficou com a mulher dele. O meu amigo saiu da cadeia e espancou a mulher até ela falar quem tinha ficado com ela. Eu já tinha saído também. Ele me chamou e fomos atrás do cara, ele tava com um colega e matamos os dois, os cara folgado, ficar com a mulher do meu amigo foi demais. A gente foi pego por bobeira dele, porque ele voltou na rua do acontecido. Tenho mais passagens por tentativa de homicídio, roubo a posto, supermercado, garagem de moto, essas coisas.

Nesta passagem da entrevista em profundidade vê-se a associação para o crime, que começa a ser planejado ainda dentro do CIA. Outra observação é a violência, quase sempre cometida contra os recém-chegados ao Centro, como no

²⁹ Por uma questão de privacidade, preferiu-se, nesta pesquisa, não identificar por nomes os funcionários, fazendo-se apenas referência aos cargos.

caso acima, do diário de campo do dia 17 de outubro, em que o jovem há pouco tempo cumpria medida socioeducativa por ter matado o irmão a pancadas e teria sofrido agressões físicas, o que demonstra uma intolerância aos crimes cujas vítimas são familiares dos agressores.

É importante registrar que a presente pesquisa revela os dados e impressões colhidos no CIA, no período determinado de 05 de outubro de 2011 a 16 de fevereiro de 2012. Não remetendo, portanto, a ações realizadas depois deste período, para aumento de pessoal e recursos, como também atividades de reintegração social.

5.2 Adolescente e sociedade: percepções

Torna-se necessário clarificar que os adolescentes em conflito com a lei interagem com a pesquisa, estabelecendo uma dinâmica comunicacional com a pesquisadora.

Eles também são representados pela sociedade e, especialmente, pelos funcionários que trabalham no Centro, de maneira diferenciada, nem sempre positiva. Martín-Barbero (2008) explica que existe um “mal estar” gerado pelos jovens na contemporaneidade. Alguns fatores influenciam neste sentimento social como a crise das famílias, das utopias, ou lutas políticas. Porém, também se soma à repercussão das representações dos meios de comunicação sobre os jovens, influenciando na elaboração de valores e preferências sociais tanto de adolescentes como da população em geral.

É pertinente explicitar que existem estereótipos e preconceitos sociais sobre os jovens que influem na percepção da sociedade sobre eles:

Apesar destas denúncias, está bastante arraigado no nosso imaginário social a imagem do jovem como espécie de “inimigo” do “corpo social”, isto é, quase sempre visto como “rebelde”, “delinquente”, “incapacitado”, “vulnerável”, “imprevisível”, “perigoso”, “violento”. Em parte vários especialistas identificam nos “problemas” gerados pela juventude uma forma de resposta desencantada, não utópica, a ordem instituída e hegemônica no mundo atual (HERSCHMANN, 2010, p. 94).

A mídia também contribui para a construção de representações que corroboram a imagem negativa dos adolescentes. Percepção claramente visível na

fala de L. V. D. sobre o tratamento concedido aos jovens pelo programa Chumbo Grosso:

Na TV passa que a gente é tudo marginal, que mata mesmo, que rouba muito. Mas, é assim né? O que passa na TV faz a fita da galera, tá na mente das pessoa tudo. É meio triste você vê o cara colocá suspeito como julgado. Mas, jovem mesmo na TV é tudo condenado, ainda mais que a gente nem qué falá, pra num mostrá a cara, então fica do jeitinho deles mesmo, nós os bandido e eles os moço falador da verdade.

A mídia produz uma representação sobre os jovens num contexto repleto de imagens reprodutoras de crenças e valores, que são reinterpretados pelos receptores de acordo com suas perspectivas culturais, sociais, políticas e econômicas. Especificamente a televisão produz um contraste instalado num emaranhado de imagens e informações. De um lado, os jovens em conflito com a lei vivendo a situação da reclusão, no cumprimento das medidas socioeducativas, de outro, a comunicação no centro da vida destes indivíduos servindo como catalisadora para os traços de informação e imagens de si próprios, em geral associados à prática de violência, a marginalização e à exclusão social.

A imagem negativa que os jovens formam sobre si e suas expectativas têm relação direta com a importância concedida à televisão enquanto mediadora da realidade por eles vivida. A televisão está em casa, no trabalho, no CIA. Assim, as informações sobre si mesmos são entendidas, compreendidas e absorvidas através da interpretação concedida pelo meio eletrônico. Sobre a frequência da audiência do programa Chumbo Grosso tem-se a fala de J. B.: “Sempre” (sobre o número de vezes que assistia ao programa). “Quando eu não tava em casa, a gente via no serviço mesmo”.

Importante destacar que não se acredita na televisão, nem no programa Chumbo Grosso como manipulador da imagem que os jovens constroem sobre si e que a sociedade constrói sobre eles. Ocorre que a televisão e especialmente o noticiário eletrônico estudado constitui uma fonte singular de informação e, para muitos, de conhecimento. Porém, não a única e, nem sempre, a mais importante. No entanto trata-se de uma importante referência.

A representação social que a televisão contribui para formar sobre o jovem está, portanto, relacionada à importância que os receptores concedem ao meio. Todos os entrevistados confirmaram a audiência para o Programa Chumbo Grosso, além disso, afirmaram gostar de televisão e destinar parte do cotidiano para

alimentar este hábito, muitas vezes aliado ao entretenimento. Como se observa na fala de L. P.:

Bem, eu assisto muita TV. Bom quando dava, né? E, antes mesmo, porque agora é regrado. Gosto de TV de madrugada e assisto o Chumbo Grosso para saber dos acontecimentos mais perto de casa. Assim eu mesmo gosto bastante de TV. Você já viu que quando a gente assiste TV parece que o mundo parou? Nossa é bom, viu?

Martín-Barbero (2001, p. 103) tem uma singular consideração sobre os telejornais. O autor acredita que a “missão do jornalismo seria a de organizar o real, impor uma ordem ao caos (...)”. Dito em outras palavras, a lógica de produção que implica critérios de seleção trazem imagens e informações selecionadas de modo a apresentar um mundo parcialmente construído e de fácil assimilação. Algo semelhante a um armário em que cada peça de roupa está no seu devido lugar. Todos os dias o dono do local ao retirar uma vestimenta o desorganiza, mas graças ao trabalho ininterrupto da secretaria do lar, no outro dia as roupas aparecem novamente reordenadas.

Deste modo a presença de matérias dramáticas, violentas e trágicas tendo os jovens como protagonistas organiza a percepção do receptor sobre a adolescência, especialmente relacionada com os locais de habitação, as vestimentas e outros signos sociais diariamente construídos pela televisão. O que colabora para a formação de um consenso público, expressão aqui utilizada para denotar algo além do princípio de seleção de notícias, mas antes de tudo de valores e da cultura. A televisão, em especial os telejornais organizam rotinas, destacam rituais e papéis sociais, tais como o do jovem e daquele que está ou esteve em conflito com a lei.

A percepção sobre os jovens revela a descrença social na recuperação e no retorno ao convívio social, como na fala de um policial militar, que se gravou enquanto se esperava liberação para a entrada no CIA: “Esses meninos não têm jeito não, a senhora não fica com dó deles não, que o destino deles é a CPP³⁰. Eles tão aqui treinando para descer, todos eles fazem cursinho pra descer pra a CPP”.

Também alguns educadores comentavam nos corredores percepções sobre os jovens internados. Ouvia-se bastantes impressões sobre os jovens enquanto se aguardava para as entrevistas, como no diálogo entre duas educadoras: “Hoje no

³⁰ CPP - Casa de Prisão Provisória, localizada em Aparecida de Goiânia. Local em que os acusados aguardam julgamento. Em caso de cumprimento de pena, seguem para a penitenciária Odenir Guimarães, o antigo Cepaigo - Centro Penitenciário Agro-Industrial do Estado de Goiás.

refeitório tinha um menino chupando o pescoço do outro. Você tá vendo como as coisas são? Esses meninos todos com o pescoço cheinho de marca de boca. Eles também, coitados, estão com os hormônios à flor da pele”. Em outro momento, a secretária da Coordenação do Centro comentava com uma educadora:

(...) depois daquela fuga, eu fiquei muito impressionada. Sabe aquele menino que estuprava e veio parar aqui? Então, à noite vou à pé pra academia, porque eu moro perto da minha. Na volta eu fiquei achando que tinha alguém me seguindo. Um horror. Comecei a correr na rua. Cheguei em casa e pensei: tô ficando doidinha.

As impressões demonstradas pelas pessoas que trabalham diretamente com os jovens denotam medo e preconceito sobre a possibilidade de recuperação dos mesmos. O fato de os adolescentes estarem cumprindo medida socioeducativa, a tendência seria a de serem presos na maioridade.

Compete ainda destacar que durante a pesquisa tentou-se levantar um perfil comum do jovem em conflito com a lei. No entanto, percebeu-se que não há como falar, por exemplo, que todos não sofrem arrependimentos, ou agredem para simplesmente consumir, e apresentar tais características como se todos eles possuíssem. Como afirma Rocha (2006, p. 205-206):

Por mais que a faixa etária e algumas características subjetivas e biológicas aproximem essa multidão, o contexto socioeconômico e cultural proporciona experiências, realidade e juventudes diversas. [...] Temos, ainda, as diferenças de raça/etnia. [...] Temos, ainda, as diferentes orientações sexuais. Os heterossexuais compõem o modelo dominante, e os homossexuais são discriminados. As desigualdades, para além das diferenças, são múltiplas no Brasil. A primeira que sempre nos ocorre é a de classe social. Assim como a população em geral, temos também uma massa de jovens pobres e uma faixa bem menor daqueles providos financeiramente. Esses grupos de jovens têm acessos diferentes à cultura, ao lazer, ao trabalho, à escolaridade, à circulação nas cidades, nos estados e no país. [...] As diferenças aqui apontadas são as mais gritantes e não representam todos os grupos. Há diversidade ideológica, religiosa, cultural. Não podemos esquecer também, das marcas que diferenciam moradores do interior, das capitais e das cinco regiões do país, que apresentam características muito próprias.

Portanto, os perfis mencionados nesta pesquisa referem-se a contextos bem definidos, ou seja, trata-se de um recorte na história, ou na história que os adolescentes em conflito com a lei deram a conhecer sobre vivências variadas de violência durante o período em que cumpriram medidas socioeducativas. Não se pode confirmar a existência de um perfil do adolescente em conflito com a lei. O que se obteve nesta pesquisa são traços em comum de uma percepção sobre a violência ou a relação estabelecida entre as imagens e informações de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso e a vivência destes jovens.

5.2.1 Das mediações

Conforme exposto, a presente pesquisa tem como objetivo verificar como se dá a recepção das imagens e informações de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso junto aos adolescentes em conflito com a lei.

É importante destacar que a informação a que nos referimos é a eletrônica, sendo a comunicação interpessoal utilizada apenas para a melhor compreensão do problema proposto.

Percebemos a comunicação como algo não linear, permeado por diversas mediações sociais, políticas e econômicas, no mínimo. Percebe-se o jovem em conflito com a lei como um ser complexo e único, com experiências e mediações singulares. Porém, sabe-se que não é viável uma análise científica do todo. E quer-se resguardar sobre esta análise que, apesar de buscar uma compreensão da recepção por meio das mediações, é tão somente análise de parte daquilo que os jovens, durante os meses de convivência fragmentada, deram a conhecer sobre si, sobre as mediações investigadas, enfim, sobre a recepção de imagens e informações de violência.

Este estudo tem como diferencial a experiência da restrição de liberdade vivida pelos jovens pesquisados. Sua história pessoal está transpassada pela privação, e também pelos valores, pela cultura do Centro de Internação para Adolescentes. Pelo espaço entre as grades e as paredes.

À época da pesquisa estavam internados no CIA 61 adolescentes, com idades variando entre 14 e 18 anos incompletos. Geralmente a medida socioeducativa não é aplicada nos primeiros atos infracionais, o que leva os jovens a terem quase sempre a idade limite para a internação quando chegam a cumprir medida. Dos jovens internados, sete foram entrevistados com o método da Teoria da Recepção, com enfoque nas mediações, por meio das entrevistas em profundidade.

Observa-se a reclusão como influência modificadora na percepção dos jovens em relação a imagens e informações de violência. É o que Orozco Gómez (1993) caracterizou como mediação situacional, ou seja, em que espaço e em que circunstâncias as informações percebidas são recebidas.

O que influi diretamente no que o autor caracteriza como mediação individual, ou seja, de acordo com a história de vida de cada um, deve se dar a recepção das

informações e imagens de violência. Por isso, torna-se importante verificar como a família, a escola, a igreja e o CIA perpassam o processo de recepção.

A recepção é percebida nas mediações culturais. Ou seja, o que mais importa não são os meios, o que eles dizem e de que maneira dizem, mas especialmente como aqueles que assistem aos meios assimilam tais conteúdos, criam novos conceitos a partir daquilo que recebem.

O conceito de mediações surge no livro *De los medios a las mediaciones*, que Martín-Barbero lança em 1987. Porém Orozco Gómez irá complementá-las em 1996, com o livro: *Televisión y audiências: Un enfoque cualitativo*. Constituem mediações: a institucionalidade, a sociabilidade, a ritualidade e a tecnicidade.

Para Martín-Barbero (2001) a institucionalidade e a sociabilidade fazem parte de um eixo sincrônico, ou seja fazem parte das Lógicas de Produção que envolvem as Competências de Recepção. Já a institucionalidade e a ritualidade são as Matrizes Culturais, ou eixo diacrônico.

A institucionalidade é a mediação que explícita o uso que se faz do meio de comunicação, podendo ser de origem estatal ou comercial. De acordo com (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 35): “É pela institucionalidade que podem ser pensadas duas ordens contrapostas: o regime estatal, que concebe os meios como serviço público, e o regime de mercado, que converte a liberdade de expressão em comércio”.

Quanto à sociabilidade, para Orozco Gómez (1996, p.93) constitui um conjunto de interações estruturadas pela audiência em sua luta para apropriar-se criativamente da ordem social, da ordem proposta pela televisão.

Essa categoria permite analisar o cenário onde os receptores atuam e interatuam, onde exercem suas práticas e seu *habitus*, onde a subjetividade e as identidades constroem-se e reconstroem-se, com o fim de entender o que passa no mundo da recepção e do consumo, ou seja, no mundo dos atores sociais e suas vinculações com o mundo social (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 36).

Já, a mediação ritualidade constituiu-se da análise dos nexos simbólicos que configuram a relação da audiência com os meios, sendo o processo de comunicação. Quer seja, a ritualidade explicita a diferença entre a significação da mensagem e o sentido que ela adquire quando o receptor apropria-se dela. Para Orozco Gómez (1996, p. 93) a ritualidade abarca certas formas de ação que não

somente se adotam rotineiramente, mas sim, que simplesmente se repetem pelos membros da audiência, ou seja pelos receptores.

Essa mediação possibilita o conhecimento da gramaticalidade que opera na expressão e compartilhamento do sentido. (...) ritualidade e socialidade operam simultaneamente na configuração das competências de recepção e de consumo, ou seja, são as categorias que as conectam aos Formatos Industriais e às Matrizes Culturais, não significando com isso que as demais não sejam relevantes para entender o processo como um todo. (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 38).

Martín-Barbero (2002, p. 231) expõe que as técnicas do discurso remetem à constituição de gramáticas discursivas originadas em formatos de sedimentação de saberes narrativos, hábitos e técnicas expressivas. Segundo Orozco Gómez (1996, p. 93) considera-se que cada meio e especialmente cada gênero programático tem uma tecnicidade específica, que media a percepção do sujeito ao organizar sua negociação de significados com os conteúdos. “A técnica opera como um organizador perceptivo, que, através das práticas, articula a transformação material às inovações discursivas”. (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 38).

Mais tarde, Orozco Gómez cria o modelo das multimediações, segundo o qual a recepção não pode ser entendida como mero recebimento. Senão como uma interação sempre mediada de diversas formas e contextualizada material, cognitiva e emocionalmente. O que inclui estratégias e negociações dos sujeitos com o referente mediático do qual resultam apropriações variadas, que vão desde a mera reprodução, até a resistência e a contestação.

O que produz o entendimento que o processo comunicativo não pode ser compreendido como uma dimensão estática ou linear, mas como um universo dinâmico e interativo, dialético e recíproco. Neste estudo elencou-se como mediações as relações estabelecidas com a família, a escola, a igreja, o CIA e a subjetividade ou mediação individual dos jovens em conflito com a lei. De modo a verificar-se a recepção das imagens e informações de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso.

As mediações escolhidas buscam revelar dois sujeitos da comunicação, emissor e receptor, e que a relação entre ambos não é linear, ou mesmo direta, mas multimediada por contextos de recepção, pelas instituições que compõem diversas esferas do cotidiano e pela cultura. Para, além disso, é preciso destacar que se busca compreender o sujeito receptor a partir do universo social no qual os jovens

em conflito com a lei estão inseridos, neste caso, no CIA por conta do cumprimento de medida socioeducativa.

5.3 Da discussão dos resultados

Durante as entrevistas em profundidade, foi observado que os adolescentes dão grande importância para as notícias sobre o crime, os métodos empregados, ou seja, o número de pessoas e armas envolvidas, e os resultados obtidos. Por exemplo: a infração penal resultou em homicídios? Com que grau de crueldade?

Eles interessam-se especialmente pelos detalhes do crime praticado: circunstâncias da morte, grandes somas em dinheiro alcançadas, drogas, principalmente a cocaína. Como se pode perceber neste trecho da entrevista de H. M. sobre os seus interesses pela televisão, especialmente pelo programa Chumbo Grosso: “Ver os amigos meus do setor, pra saber quem tá dando trabalho. Já vi uns bichos do setor que foi preso, o ato, as armas, as drogas, ficar conhecendo, pra ver quem fica conhecido”.

E a audiência é comprovada também no meio social pela admiração que aqueles que são protagonistas das matérias do programa despertam nos colegas. Segundo J. B.: “(...) existe uma admiração por quem passa no programa”.

O acesso à informação é restrito. Observa-se que os jovens não acompanham os fatos do começo ao fim, e nem fazem uma análise profunda dos acontecimentos. Comentam muito os feitos dos colegas e vangloriam aqueles que têm sucesso nos crimes, especialmente pela dificuldade de determinados delitos, mesmo que o resultado seja a prisão ou internação. De acordo com K. R. S.:

Direto eu vejo os colegas. Penso: ele foi um vacilão. Se fosse eu, não tinha caído. Já vi vários amigos na TV, morto no jornal. Você fica falado depois que passa no jornal. As pessoas admiram a gente. Eu fui preso mesmo, por causa dos colegas. Eu ia para Caldas, fugir depois do homicídio, mas ele quis voltar. Quando fui preso passou na televisão, programa do Batista Pereira (Chumbo Grosso). Minha mãe falou que o povo me reconheceu. Uma pessoa ficou sabendo que tá no *Youtube*. Quando eu sair, eu vou ver no *Youtube*, igual das outras vezes que eu fui preso.

Observação que é reforçada em outro trecho da entrevista do jovem H. M.: “O sucesso é porque os apresentadores falam revoltados. E, outra para ver as pessoas que estavam sendo presas. Ver quem era, que tava dando trabalho”.

Apesar das restrições para se comunicar por meio das palavras facilmente observável, é importante destacar que não há passividade no discurso dos adolescentes em conflito com a lei, especialmente em relação à busca por audiência na televisão. O que demonstra uma recepção ativa, e uma crítica presente, apesar das limitações de linguagem. H. M. declara:

Quando da minha mulher, eles falaram que eu era matador. Acho errado. Mostrou meu rosto na TV, maior enxame que eles fizeram. Minha mãe até guardou as filmagens. Acontece uma coisa, o apresentador fala outra, eles mostram as cenas do jeito deles. O Batista fala isso, de eu ser matador, para fazer fama, enxame, que as PM tá na rua pra prender e matar, eu acho errado a PM matar, não é porque tá errado que tem que matar, não. Faz pra ganhar o povão.

Ressalta-se ainda que a interação com os jovens para efeitos das entrevistas em profundidade foi permeada por empecilhos. O primeiro entrave foi a situação de reclusão em si, o modo de vida dos jovens. A restrição da liberdade impõe a fragmentação de informações e imagens, por mais que os jovens tenham acesso à televisão. Ela também está relacionada com a violência de outros jovens dentro do centro. O falar, o participar, tem um peso. A situação de tutela via CIA gera uma situação onde todos têm medo. De exporem as suas vidas. Da violência vivida por eles. De sofrerem represálias por se manifestarem.

Como neste trecho do diário de campo em que a Assistente Social tenta convencer um jovem a participar da pesquisa;

- Por que você não quer falar? (Assistente Social)
- Não quero. (jovem)
- Você vai ter que enfrentar os seus medos para superar. (Assistente Social)
- Não dô conta.(jovem)

Neste diálogo fica implícito o medo de dialogar sobre a violência, que pode revelar também o receio de desrespeitar uma ordem que pode ter vindo de dentro do CIA.

Para, além disso, existe também uma vergonha pela situação social, econômica e cultural vivida pelos adolescentes. A restrição de liberdade tem motivações. Para alguns, uma espécie de orgulho, por terem feito justiça com as próprias mãos. Para outros, vergonha de estarem presos, de terem sido pegos. Uma vergonha de não ter sido mais esperto que a polícia. Para tantos, a vergonha ou a negação dos atos cometidos.

Como na fala de H. M.:

O homicídio, na verdade foi um acidente, eu disparei o revólver na minha mulher, sem querer. Na primeira vez que fui internado peguei três meses, e

agora por último peguei seis meses. Sabe, da minha mulher, eu fui preso no hospital, ela foi conversando comigo no carro. Nem sangrar, ela sangrou.

Ou neste outro, em que K. R. S. afirma que não seria preso, caso o amigo não quisesse voltar ao local do crime: “A gente foi pego por bobeira dele, porque ele voltou na rua do acontecido”.

Salienta-se que a interação entre pesquisadora e os jovens foi fator limitante e real, devido à presença da polícia durante as entrevistas, mesmo que no corredor, ao lado da porta, o que trouxe um desconforto entre as partes. As fugas marcaram também a situação de instabilidade nos grupos e no meio.

Durante o período da pesquisa houve cerca de três fugas do CIA, e o número de adolescentes que “evadiram da unidade” – para usar o mesmo verbete empregado no Cia – não foi divulgado. As fugas ocorreram sempre nos finais de semana e em feriados. Em geral, os jovens rendem os educadores com algum material cortante e fogem. Existe também uma política de recepção de jovens de comportamento inadequado pelo CIA, pois, como afirmou a secretária em uma das conversas com a pesquisadora, “quando os meninos fogem do Case³¹, depois são pegos, ou mesmo quando o menor tem comportamento ruim, eles são encaminhados para cá (CIA). Porque lá (Case), tem que ser unidade modelo”.

Como a relação com a pesquisadora foi entrecortada por dias e momentos diferentes dentro da situação de reclusão, a desconfiança foi algo marcante. Na verdade, os jovens desconfiaram todo o tempo da utilidade real das informações. Mesmo a pesquisadora mostrando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética da UFG, para os jovens e dando a eles total liberdade para desistirem da pesquisa a qualquer momento. Nenhum jovem desistiu de participar da pesquisa após ter iniciado as entrevistas.

Como já mencionada a dificuldade de interação por meio da língua portuguesa, ou seja, a expressão verbal foi outro fator limitante para a pesquisa. Para suprir a dificuldade de expressão verbal, os jovens em conflito com a lei desenvolvem uma linguagem própria, com frases curtas, gírias. Suas falas são superficiais e possuem códigos próprios, eles conhecem algumas leis penais que

³¹ Centro de Apoio Socio-Educativo - Case, outro local para cumprimento de medida socioeducativa, em Goiânia.

caracterizam seus crimes, como o artigo 157 do Código Penal, que caracteriza roubo com uso de arma de fogo, comumente mencionado apenas 157.

Na pesquisa observou-se que a maior parte das respostas foi curta e, não raro, evasiva. Os jovens em conflito com a lei possuem uma resistência para falar sobre situações das suas vidas íntimas. Demonstrando maior facilidade para falar sobre os crimes que cometeram. Geralmente, falar sobre a família lhes causa embaraços, suas respostas são, nesses casos, efêmeras, como é visível na fala de J. B.: “Meu pai largou da minha mãe, foi melhor mesmo, eu batia de frente com o meu pai, ele não aceitava a minha opinião. Era por aí mesmo”.

Neste caso, nota-se o desconforto ao falar sua vida íntima, o que contrasta quando é perguntado sobre a infração que o levou ao cumprimento de medida socioeducativa:

É a minha primeira vez, fui preso por 157. Assalto a *lan house* em Trindade. Eu tô aqui por conta das amizades. Comecei a andar com um rapaz e dentro de três meses estava obcecado pela droga. Usava de tudo e muito. Cocaína, crack, tudo o que vier. Daí comecei a roubar para usar drogas. Sabe, eu tinha emprego em Goiânia, num negócio de *insulfilm* para carros. Mas, depois eu já não tinha forças para trabalhar.

Além disso, é notável que a vivência no CIA transforma as relações dos jovens com a sociedade. Eles adquirem experiências diversas, e aprendem a lidar com diferentes situações, tendo muitas vezes um discurso pensado em caso de um enfrentamento. Como estratégia de defesa, percebeu-se que os jovens lançam mão da mentira, do silêncio e da simulação de situações.

5.4 Recepção de informações de violência

A recepção das imagens e informações de violência faz-se mediada pelas relações que os jovens estabelecem com a família, a escola, a igreja e, como estão vivendo a limitação da liberdade, as relações estabelecidas dentro do Centro de Internação para Adolescentes – CIA e a subjetividade, como percebem individualmente as informações e imagens veiculadas pelo programa Chumbo Grosso.

Esclarece-se ainda que há outras mediações importantes, mas para esta pesquisa foram elencadas as mencionadas acima, como forma de verificar como se dá a recepção juntos aos jovens em conflito com a lei.

5.4.1 Mediação família

A recepção de imagens e de informações de violência está permeada pela mediação família. O cotidiano familiar, como uma das mediações, é, sem dúvida, a primeira a atuar no processo de recepção de imagens e informações de violência. Neste estudo, a mediação família foi uma dimensão explorada para verificar como as práticas cotidianas estão ligadas à recepção da violência mediatizada pelo programa Chumbo Grosso.

Conferindo assim, à violência recepcionada em família, novos sentidos ou influenciando na maneira como os jovens leem tais informações. As diferentes recepções estão ligadas aos diferentes estilos de vida das famílias estudadas, suas preocupações, expectativas, condições de habitações, ou seja, pelas trajetórias e marcas de cada família. É certo que tais diferenças influenciam a recepção dos jovens. Sobre a importância do cotidiano da família, enquanto mediação escreve Lopes et al (1999):

O desenvolvimento teórico da noção de cotidiano está ligado à rediscussão mais geral dos meios de comunicação de massa, tradicionalmente vistos ou de uma perspectiva “integrada”, atualizada através do “mediacentrismo” ou do “paradigma informacional”, ou de uma perspectiva “apocalíptica”, que se mantém atualizada através do modelo “ideológico-discursivo”. (...)Busca-se encontrar as mediações e não um sistema impositivo e de mão única, onde só existe lugar para determinações grosseiras. (LOPES ET AL., 1999, P. 155)

Em geral, os jovens relataram que a família tinha o costume de assistir ao programa Chumbo Grosso. E, portanto, conheceram o programa por vias familiares. De acordo com J. B.: “Sabe, lá em casa todo dia os meus pais assistiam Chumbo Grosso. Todo mundo é fã desse trem. Aprendi a ver, sei lá, num sei”. Ou como na fala de M. C.: “Minha mãe assiste todo dia. Ela vê. O povo todo lá do setor vê isso todo dia”.

Nota-se que assistir ao programa é um hábito familiar. De acordo com R. T. S., “todo mundo comenta esse negócio, fala do apresentador, tem jeito de ver não, tia, tem que ver mesmo”. As famílias em geral comentavam a programação da TV, como relata M. C.: “Aham, quem morreu, né, quem foi preso, essas coisa”. Que é ampliada por K. R. S., que inclui no seu comentário toda a recepção das imagens e informações da televisão, especialmente da telenovela: “Direto, né? Todo mundo fala da roupa da novela e tals”.

Se a recepção do programa Chumbo Grosso é algo familiar, também parte da violência praticada pelos adolescentes foi aprendida em casa, nos círculos de convivência domésticos. Há o relato de K. R. S., que observava desde criança o pai manusear armas e, como a casa era reduto de outras pessoas que cometiam infrações, o envolvimento com tais pessoas foi também uma maneira de se entrosar com o grupo:

Sabe tia, meu pai usava drogas, ele emprestava a moto para o povo roubar. Eu olhava pela janela, via os colegas de “ganho” dele conversando e pensava: quando eu crescer eu quero ser assim. Eu pegava a arma dele escondido para dar tiro. Um amigo dele me ensinou a usar. Ele desconfiava. Minha mãe foi para a Espanha para ficar um ano e ficou quatro.

Outro aspecto sobre a mediação familiar é que, entre os pais, a maior parte dos relacionamentos não teve continuidade. A separação e os novos lares formados pelos companheiros escolhidos pelos pais é parte da realidade social destes jovens, quando não são filhos de mães solteiras ou viúvas. Segundo M.C.: “Uns têm só a mãe, só o pai, o pai trabalha, mas num têm tempo de ficar com o filho. O filho é adotado pela rua. Eu acho que comigo foi assim”. Esta é a situação da maioria dos meninos. Dos entrevistados apenas um tinha o pai e a mãe vivendo juntos.

A violência é desta forma, parte desta realidade social. Pois há aqueles que aprendem sobre o crime em família, como algo cultural. E, a maior parte partilha com o círculo doméstico a violência social da exclusão permeada pela falta de infraestrutura, dificuldades financeiras e sociais.

Nota-se que bairros em que os jovens viviam com as famílias, eram a maior parte na saída para Trindade e região Norte da cidade. Eles revelam por seu turno a realidade econômica, social e cultural próprias das suas famílias. Os bairros da região Norte de Goiânia são os mais pobres, com alto índice habitacional, e infraestrutura insuficiente.

Diante das dificuldades econômicas e sociais enfrentadas em família, é comum a situação daqueles jovens que, mesmo sem completarem 18 anos, optaram por formar um novo lar quase sempre sem continuidade. Por certo acirrando ainda mais os problemas estruturais de origem material e de relacionamentos, como relata M. C.:

Eu quero ficar de boa, voltar a estudar, quero voltar. Cuidar da minha filha. Sabe, eu tenho uma filha de 8 meses, a Alice Vitória, eu namorava na verdade eu fui juntado com minha ex-namorada por dois anos e meio, eu tinha 15 anos e a Jéssica 17, na época. Antes de ficar preso eu não

importava, mas fico vendo ela chegar grande aqui, ela me estranhava, da última vez que ela ficou de boa comigo.

Tais dificuldades econômicas, sociais e culturais influenciam a recepção de imagens e informações de violência uma vez que evidencia a restrição do acesso a diferentes meios de comunicação, tais como a internet. O que reforça a audiência pelo programa Chumbo Grosso e por sua vez o crédito depositado nas informações e imagens ali apresentadas, que auxiliam na percepção que os jovens consolidam sobre si mesmos e a violência por eles praticada e por eles sofrida.

5.4.2 Mediação escola

Sobre a mediação escola, observou-se que a maioria não interpreta a escola como um espaço de crescimento pessoal. Nota-se uma dificuldade com a língua portuguesa, que pode ser devido ao círculo de convivência, o isolamento, e a carência social, cultural e econômica que envolve os jovens. Essa dificuldade de falar, de expressão verbal, denota possibilidades de exclusão social verbal também. Uma barreira de interação por intermédio da fala. O que resulta quase sempre no abandono da escola, ou um baixo nível de escolarização, especialmente quando se observa a idade, em relação à série dos jovens. Todos os entrevistados permaneciam ainda no ensino fundamental, não ultrapassando a nona série.

Os jovens, não raro, relatam que aprenderam com outros colegas sobre a prática de crimes e também no ambiente escolar começaram suas associações para as infrações. Para K. R. S., a escola foi um local para aprender sobre o uso de drogas: “Ah, na escola mesmo eu ia, mas tinha muita droga, o povo usa, sabe, as professoras são impacientes, a gente fica até tarde na rua, chega cedo com sono e tals, então vai pra noite, aí o ensino fica bem pior do que a gente imagina”.

Já, segundo H. M., o local para fazer amigos para cometer infrações: “Tem o problema de conhecer os meninos e eles já têm planos pruns ganhos, então a gente enturma e começa, e isso na escola mesmo. Até porque num tem muita coisa pra fazer na escola, né? É meio sem função. Bom, eu nunca achei função naquilo”.

O relacionamento com a escola pública, também foi apontado. E é onde a maior parte encontra-se matriculada. Afirmam que não se adaptaram à escola, não gostam do estilo de ensino. J.B diferencia a escola pública da escola particular:

Minha última escola era boa, particular, melhor que as públicas que eu toda vida estudei. Na escola particular, essa que eu tô te falando mesmo, os professores e os colega era tudo paciente, davam uma atenção pra tudo que ce queria.

Ainda sobre a rede pública de ensino comenta L. P.:

Acho que é assim só na escola pública. Num sei, o ensino meio fraco, os colega traficante e os professô meio desligado. Ninguém aprende nada num lugar desse não. Mas, eu assim, ia, na verdade até hoje eu vô e tudo, sou dos mais esforçado. Mas, na real? A escola num ajuda muito não, você num vê um professô mesmo assim que acha bom, sabe? Dar aula, ninguém acha e nós atenta demais...então fica nisso mesmo.

Segundo L. V.D.:

Na verdade pra quê estudar, né? Cê manja seu destino, mas tudo bem, às vezes o povão faz pra agradá mãe, eu nem acho ruim. Mas, ou? Tem umas escola ruim, viu? Moço CE chega pra aula, aí o povo já te avisa, que num vai ter primeira aula. Pô! Tem dia que cê vai igual besta, uai não hoje só tem a sexta aula...tomá banho desse povo. Nossa tia, desculpa eu sô impaciente demais cum tudo. Escola então me tira do sério, viu? Ali eles tinha que levá um corretivo, do porteiro ao diretô, ô povim fraco.

É na escola que J.B revela ter aprendido sobre os crimes, e começado a usar as drogas:

Mas, nas escolas, como a Professor José Luciano, antes eu tava, tinha muitas más influências. Tinha colega que usa droga, vende rouba. Eu aprendi desse mundinho na escola, que que tem que faze pra consegui o que qué. Eu ia na escola sempre quando a minha mãe era casada, mas depois virou tudo.

As imagens e informações de violência do programa Chumbo Grosso, embora perpassem o cotidiano destes jovens e boa parte dos diálogos dos corredores, não são explorados pelos professores em classe, como afirma H. M.:

A gente, falar de Chumbo Grosso na escola, eu nunca vi não, as professora não fala disso, quando alguém falava, essas falava que num assistia, num sei não, acho que elas vê, mas fala que não vê, igualzinho quem compra roupa na feira, mas fala que só compra de marca, sei lá.

Observação visível também no depoimento de R. T. S.:

Tia, ninguém gosta de falá disso não, só a senhora, só, que fala assim, natural, tipo que conhecesse, ou tinha sofrido. Lá na escola isso era assunto proibido, quando nós falava isso, as professoras tudo ficava com raiva, que não era da matéria nossa e tudo mais, mas nos corredores da escola tudo que era menino comentava de outros que tinha visto na TV, como que era e tudo mais, tudo era assunto nosso.

Ou neste de L. V. D:

Ai ai, meu saco. Eles (professores) custa passar matéria, ir né? Porque têm muitos que nem vai. Agora, se eles num qué dá nem conteúdo, ocê faz o cálculo se eles vão falá de mundo real, pessoas e tals, mas é nunca. É um povin alienado. Porque a planta germina e nasce o fruto. Tomá banho

cumas merda dessa. Ninguém em sã consciência tendo um monte de problema vai querê sabe disso. Imagina ocê cum polícia, bandido e o escambal tornando sua vida um inferno, não? E, pra completá tendo aula de Biologia, é muito pra mim viu? Ah, meu Deus, esses professo é tudo tão bobo que num sabe nem que que é chumbo Grosso. Pergunta lá pro cê vê, aqui nós tamo mais culto que eles, da vida real pelo menos a gente manda, né?

Que corrobora com as observações de L. P.:

Ah, num sei, os muleque falá né? Do programa diretão, todo mundo vê, mas acho na real que os professo deve ter o que fazê e num vê isso não. Teve uma vez que um tal de Gabrielzim que gosta quase de explicá matéria pros professor falô se nós num podia fazer um seminário sobre Chumbo Grosso, mas era pra falá mal do programa. Aí né, ele era muleque dos estudo, tinha nível a professora ficô toda animadinha. Mas, aí eu caí. Vim pra cá, eles transfere você pruma escola perto, pra facilitá, né? Porque é duas horas da minha casa aqui, no mínimo. Então, deve tê tido o seminário, mas foi só essa vez, que eu lembro de resto era conteúdo e pronto, que até é muito, né? A gente tem maió dificuldade pra acompanhá.

Nota-se que a mediação escola não colabora para a crítica da recepção de imagens e informações de violência do programa Chumbo Grosso junto ao jovem em conflito com a lei. Para K. R. S.: “Às vezes. Gente falava, assim os colega mesmo, agora professora nunca vi comentar, não? É meio feio assistir esses programa. O povo fala que vê Fantástico, e uns da Globo, sem ser novela e tals, senão queima”.

O que denota também uma exclusão social daquilo que os jovens têm enquanto informações relevantes para repassar, discutir e sua forma de interação com o mundo. O que os adolescentes dão enlevo não está presente na escola. Interessante notar que a negação do programa também é uma forma de mediar a recepção de imagens e informações de violência.

5.4.3 Mediação igreja

Neste estudo percebeu-se que a igreja também pouco contribui para a mediação das imagens e informações de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso e recepcionadas pelos adolescentes entrevistados. A percepção de K.R. S. revela o distanciamento entre a realidade dos jovens e a pregação religiosa: “Acho que fala, na verdade a minha mãe que vai. Mas, o pastor, já vi ele falar que nós tá tudo perdido, que num tem muito jeito, vai descer pro inferno mesmo”. Que coaduna com a percepção de H.M.: “Uai! O povo fala entre si que viu. Vira a maior

coisa, quem comete ato e passa na TV tem lugar na igreja não. A num ser que vai dá depoimento, num sei”.

L.V.D. considera:

A senhora tem uma pergunta, imagina né? Tá lá o pastor daí ele vai falá: gente ocêis viu o Chumbo Grosso de ontem, o cara que caiu, então, a mãe dele tá na terceira fileira. Pensa um pouco. Quem tá lá na igreja é os parente do povo que passa no Chumbo Grosso. Porque só tem nós que o Batista pode falá das mãe. Direto quando cê é preso, cê vê os cara riquinho, mas num chega uma câmara perto. Aqui mesmo de vez em quando cê vê um rico. Mas, assim os pasto num fala porque é chato né, nem tem que falá, o papel deles já tá definido é de dividir quem vai pro céu e pro inferno e isso eles faz bem e já é muito viu? (risos)

É relevante o fato de frequentarem igrejas próximas às suas casas e também de deixarem de frequentá-las após as infrações.

Como no depoimento R. T. S.:

Minha mãe é crente, eu era músico da igreja, tocava clarinete. Parei de ir na igreja eu tinha 14 anos. Por conta de amizades eu não queria ir mais. Daí o pastor falou comigo e eu ia de vez em quando. Quando eu queria ir, sentia vergonha. Comentaram com a minha mãe no mundo que eu tinha entrado, que eu era “menino bom”.

E na fala de L. P.:

Nossa, eu ia muito na igreja adorava. Mas, assim, igreja gasta um tempo louco, viu? Depois eu fui preso, né? É chato você falá que é de de Deus e os PM te pegá fazendo coisa errada, num tem jeito não, ocê vai ficá falado. Passou no Batista apresentador do Chumbo Grosso, cê sabe, né? Então, o povo vê mesmo. Daí você chegá na igreja, só se for pra mudar de vida. Agora assim, e o povo às vezes vai lá só mentir e pegá uns contato pros ganho.

A mediação igreja exerce influência pequena na recepção de imagens e informações de violência. Porém, os comentários informais dos frequentares das religiões sobre as infrações praticadas pelos jovens, demonstram por outro lado, a audiência do programa nos locais frequentados pelos entrevistados.

5.4.4 Mediação CIA

A recepção de imagens e informações de violência está intimamente ligada às relações comunicacionais do universo da internação. As informações que chamam a atenção dos jovens fazem referência justamente às circunstâncias em que estão inseridos no CIA.

A televisão funciona como um elemento de distração, entretenimento, e é uma atividade para os jovens em conflito com a lei durante o período de internação.

Geralmente, ela é ligada no refeitório e em momentos de refeições. O Chumbo Grosso é frequentemente escolhido pelos jovens.

O objetivo, ao assistir ao programa, é adquirir informações sobre atos infracionais, as formas como são praticados, se houve crueldade. Também têm bastante atenção notícias sobre apreensão de drogas, armas e veículos roubados. Os jovens querem saber qual é a quantidade de drogas, o calibre das armas, o modelo. Já sobre os veículos roubados, seu estado de conservação, marca, modelo e valor, pois, dependendo de tais características, esse carro terá um preço para a revenda no mercado ilegal.

Sobre a recepção de informações e imagens de violência do programa Chumbo Grosso, K. R. S. afirma: “Ensina o crime na TV. Você vê e pensa: queria ter aquele revólver, as pessoas ficam interessadas nas drogas presas. Você fica com vontade de ter aquelas coisas. As pessoas acham bom ir preso, passam na TV, ficar considerado”. Este jovem ainda argumenta: “Ver quem foi preso, ver a carinha que ele faz, carinha de coitado. A gente tem que fazer de humilde na frente da TV... Gosto das matérias de homicídio, para ver se aquela pessoa que morreu já cometeu crime”.

Ou, na fala de M.C., sobre as matérias que mais despertam o interesse dele: “De homicídio, pra ver quem morreu, se é conhecido, quem matou e por quê”.

Outra motivação para assistir às informações de violência é verificar se o apresentador ou os entrevistadores estão falando a verdade. Pois, segundo diversos jovens, boa parte das notícias referentes à violência faltam com a verdade ou estão acrescidas de informações inexistentes à hora do ocorrido. Para H. M.: “O apresentador conversa demais, fala até demais, o jeito que ele conversa, acontece de um jeito e eles mostram do jeito deles”. E, ainda sobre a percepção de que a televisão explora os acontecimentos de forma muitas vezes diferentes dos fatos, L. P. comenta:

Na televisão é igual na vida. Cada um conta a sua história. Você conta a verdade se for pra um padre, um pastor, um amigo muito íntimo. Agora, se for pra quem você num gosta, ou pra quem você num tem relação nenhuma, você vai querer mais é crescer. É assim, nos programa de TV, os apresentado tudo que crescer, aí já viu...inventa...

Ainda sobre a busca da verdade no programa Chumbo Grosso, explica M. C.: “Fala mal, né? Um falas são verdadeira e outras não são verdadeiras, (o apresentador) fala do que não sabe, fala o que a pessoa não era. Falaram de mim a

verdade, só a verdade. Fizeram perguntas, filmaram, não respondi, meu colega respondeu”.

Percepção comum a R. T. S: “Prendia mais atenção no Chumbo Grosso as notícias locais. O programa é bom, mas o apresentador conversa demais, xinga as pessoas. Fala coisas que não aconteceu e ele fala que aconteceu”.

A maneira como seus delitos são mostrados pelo programa também lhes causam problemas de convivência, como complementa o próprio adolescente:

Quando a pessoa passa na TV, é chato porque o apresentado fala demais, xinga e porque a pessoa fica muito falada, atrapalha a vida da pessoa. Quando eu fui preso passou no programa, eu não vi. Todo mundo comentava, falava que ele tava me xingando, que eu devia morrer. Mas, eu nem ligo. Minha mãe ia no supermercado, ou até mesmo no ônibus, tava todo mundo comentando, eu tinha vergonha até de ir na igreja. Só na escola que era de boa.

Os jovens também têm certo interesse na legislação existente, e reconhecem na fala do apresentador um desconhecimento ou uma negação de tais leis e artigos, principalmente em relação à menoridade penal e ao tratamento dispensado aos adolescentes em conflito com a lei. Como argumenta K. R. S.: “A lei é diferente para menor. Não temos culpa do jeito que nós somos julgados. Nós temos que ficar presos apenas o tempo da lei”.

H. M. explicita o sentimento em relação ao tratamento dado aos jovens que cometem infrações pelo programa Chumbo Grosso: “Várias pessoas reclamam do jeito dele (do apresentador) falar. Pessoas que, se virem o Batista na rua, matavam. Ele mesmo falou que todos os homicídios da região era eu que tava matando. Isso daí é errado. Até quando ele falava de outras pessoas, eu achava errado”.

R. T. S. tem opinião que coaduna com a declaração anterior: “Eu acho ruim. Cadeia é para maior. Ruim demais falar da redução para 16 anos. E outra: incentiva os policiais à violência, eles se sentem incentivados. Polícia também mata”.

Este tipo de percepção revela que os adolescentes percebem que o programa Chumbo Grosso serve para reforçar velhos preconceitos arraigados na sociedade brasileira, reificando o trinômio “juventude-pobreza-criminalidade” (VELHO; ALVITO, 1996).

Que pode ser ilustrado pela fala de L. V. D.:

A senhora bem que podia botá no seu trabalho sobre jovem e TV aquela música do Charles Brown Júnior: “eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério. Eu sempre quis falá, nunca tive chance, tudo que eu queria estava fora do meu alcance. Já faz um tempo, mas eu gosto de pensá, cada um, cada um, cada lugar um lugar”. Tá vendo a TV é isso

daí, num é só no Chumbo Grosso que eles desce a mutamba ne nós é em tudo que é programa que tem, é só eles têm espaço.

Para Candau (1999) a televisão representa a juventude de forma genérica e descontextualizada. O meio eletrônico atua como um dos principais agentes da percepção presente na opinião pública do jovem. Os adolescentes são representados como seres inevitavelmente programados para comportamentos desviantes que ameaçam a integridade social.

Esse tipo de representação social do jovem feita pela televisão e percebida pelos jovens de forma crítica fortalece o sentimento de confusão e medo diante de um mundo que para os adolescentes já é suficientemente violento. O espetáculo midiático aumenta a distância da reintegração social, pois fomenta a discriminação entre jovens pobres e ricos, negros e brancos, heterossexuais e homossexuais, empregados e desempregados, que cometeram atos infracionais e outros que devem ser protegidos.

Desta forma, a mídia, especialmente o programa Chumbo Grosso ao qual os jovens conferem audiência oferecem aos adolescentes uma agenda efetiva para múltiplas identificações, modos de pertencimento social e como forma de participação em relação a algo que é público.

Infelizmente, os jovens durante a pesquisa afirmaram como próprios as ideias repassadas pela mídia. Como afirma J.B.:

Eu acho interessante o Chumbo Grosso, porque ele mostra o que muitos não mostram, que é a verdade, que é a morte, são assassinatos, que tem a ver com o nosso mundo. O Chumbo Grosso era um jornal que eu assistia e nunca achava que ia ser preso. Quando eu fui preso, minha mãe falou que deu para me reconhecer na televisão.

M. C. concorda: “Por conta de chacina, homicídio, aí prende sua atenção. O Chumbo Grosso chama atenção, porque o apresentador é realista, porque mostra as imagens do jeito que elas é, não oculta das imagens, mostra tudo. Ele mostra a realidade cruel”.

Porém, devemos crer como bem explicita Arendt (2000), que o que é próprio da natureza do homem é justamente a criação, o nascimento, a vida. Expressões de singularidade. E, não a ausência de pensamento ou a retenção a clichês quer sejam eles expostos pela mídia ou simplesmente por pessoas e instituições.

Cabe destacar ainda que a mediação das informações de violência dentro da unidade de cumprimento da medida socioeducativa também ocorre por meio do

reconhecimento por algum membro do grupo, de um adolescente ou alguém que está sendo mencionado nas notícias sobre as infrações penais. Os jovens têm, conforme mencionado anteriormente, intolerância aos crimes sexuais e cujas vítimas pertencem aos círculos familiares dos agressores. Isto norteia as discussões no CIA e é motivação para a prática de violência contra os recém chegados identificados pelos jovens no programa Chumbo Grosso como suspeitos de tais crimes.

Existe um interesse dos meninos também em saber se os jovens que cometeram crimes irão negá-los perante as câmeras, e também ver o seu comportamento. Também a curiosidade mantém a audiência de L. V. D.: “O bom mesmo é ocê vê os zoto caí, é bão demais. Tens uns que acha que é os sabichão e você vê eles caí igualzinho você, é isso, por isso a gente gosta de vê essas bobagens igual Chumbo Grosso mesmo”.

Como no Centro há poucas atividades de reintegração social, observa-se que os jovens buscam imaginar-se nas situações mencionadas, e, não raro, criam situações semelhantes e dizem para os colegas que, se fossem eles, não teriam sido presos.

Alguns casos, com grau de crueldade maior, também despertam a atenção dos jovens, tais como R. T.S:

Comentam muito o que passa no Chumbo Grosso. Eu comentava, quando é colega ou pessoa que você conhece. Pra mim, o que mais chamou a atenção foi o caso André Daia. No começo do ano (2011). Ele assaltou a PM, deixou em cima de um prédio. Ele era daqui, foi preso no Rio de Janeiro. Era o maior ladrão. Assisti tudinho no Chumbo Grosso, demais, viu?

Outros acreditam, como J. B., na exposição da violência enquanto serviço social, tanto para quem pretende cometer a infração como para as prováveis vítimas:

A violência tem que passar na televisão porque as pessoas aprendem a não cometer crimes, já eu tive que passar por aqui para aprender. Acho importante passar violência na TV, pois ela está em todos os lugares, é um pai que bate no filho, a pessoa que grila e ameaça a outra. Existe uma violência que você vê acontecendo.

Para outros jovens, a exposição da violência pode gerar uma espécie de naturalização, como se nota na fala de K. R. S.: “Eu via as armas na televisão, eu pensava: eu vou matar desse jeito, era fácil matar, na vida real também”.

Outra informação buscada por meio da pesquisa diz respeito à violência sofrida dentro do ambiente de internação pelos jovens. Uma dúvida respondida de

forma esclarecedora por J. B., ao ser perguntado se havia violência no CIA: “Todo lugar tem, tia”. Alguns aproveitaram a pergunta para falar sobre a violência sofrida nos momentos de apreensão, como na fala de K. R. S. “Só uma vez que um policial bateu um cacete no meu braço, fiquei com esse braço ruim muitos dias. Os colegas são violentos entre si”. E, R. T. S comenta sobre a violência da polícia:

Todas as vezes que fui preso, os PM me bateram. Eles me bateram com cacete, pedra. Acho isso ruim, um dia você pega revolta, se ver um dia na rua um cara desse, sua reação é matar eles. Ninguém vai atirar em polícia, a gente se rende e eles querem bater mesmo assim, xingar a mãe dos outros. Aqui é ruim, é muito tempo na tranca (preso). Muito dentro da cela, só fica maquinando coisa ruim. Conhecia muitos daqui, já tinha visto na rua. Já vi uns deles e conheci pela TV.

H. M. considera que a maneira como as informações são repassadas também pode ser considerada um tipo de violência: “Bater e matar esses trem aí é ruim. O que mais tem é violência. Ah, e anota aí, o apresentador comete muita violência da maneira como ele trata as pessoas”.

Nota-se que a situação de internação influencia na preferência dos jovens pelo noticiário. Sobretudo, interessam-lhes os modos do crime, as armas apreendidas, a relação entre o programa e a verdade e como os jovens em conflito com a lei são representados pelo programa.

5.4.5 Sobre a recepção de imagens e informações de violência - a mediação individual

Durante o estudo sobre a recepção de imagens e informações de violência pelos jovens, pôde-se também perceber algumas prováveis motivações para a prática da violência apresentadas pelos jovens. Compreende-se a mediação individual enquanto estudo das subjetividades.

O estudo parte do princípio de que a subjetividade não se limita à memória, inteligência, sensibilidade, afetos, emoções e fantasias: ela tem que ser pensada como um processo que articula essas experiências internas com as experiências externas datadas. A subjetividade se constrói historicamente, através de componentes heterogêneos humanos, sociais e tecnológicos, que se manifestam na família, nas instituições sociais e educacionais, no meio ambiente e nos meios de comunicação. Pensar subjetividade como mediação requer que se ultrapasse esta definição para dar conta também do processo subjetivo que, implícita ou explicitamente, integra as categorias: explicativas no campo de estudos da comunicação. A operacionalização dos conceitos aponta caminhos possíveis para o diálogo entre a psicologia e a comunicação. (LOPES et al., 1999, p. 158).

Sobre a mediação individual é importante ressaltar que:

O telespectador frente à TV supõe, em primeiro lugar, entende-lo como ente da situação e, portanto, condicionado individual e coletivamente, que “se vai constituindo” como tal de muitas maneiras e se vai também diferenciando como resultado da sua particular interação com a TV e, sobretudo com as diferentes mediações que entram em jogo no processo de recepção (OROZCO GÓMEZ, 2005, p. 28).

Sobre o tratamento que a televisão confere à violência, para os jovens há uma colaboração entre o tratamento dado no meio eletrônico e a sua ressonância social, como explana J. B.: “A TV ensina a violência, muitas crianças aprendem a violência por meio da televisão”. Ou H. M.: “Por um lado é ruim porque tem menores assistindo com a família, pessoas que tá morrendo, criança tá vendo, quer roubar também, é sem cabeça”.

Reclamação também presente na fala de R. T. S, que relaciona a exposição da televisão com a violência praticada pelos policiais.

A TV contribui pra a violência dos policiais contra nós. Incentiva, só piora. Vai ver você não tá fazendo nada. O PM te viu na TV, quer julgar você, bate em você. Tem vez que você tá na sua casa dormindo, os PM ia lá em casa, me batia, buscava droga, arma. A polêmica é grande! Eles querem acabar com ela, quer prender, eles derrubam a porta.

E, ainda, no comentário de M. C.: “O jeito que a TV fala da violência não ajuda nada, porque só fala que tem que prender e matar, com umas imagens horríveis”.

Sobre os sentimentos que as imagens de violência despertam nos jovens, a pesquisa mostrou diferenças significativas, mas, mesmo com sentimentos diferentes, essas sensações despertam nos jovens o desejo de continuar assistindo ao programa.

Para J. B., as imagens despertam remorso: “Eu sentia remorso, ver as pessoas morrerem por nada, por drogas”. H. M. tem opinião divergente: “Sentimento de justiça, a lei estava sendo cumprida. Passou esses dias dois rapazes que roubaram uma *Hilux* (modelo de caminhonete importada) e mataram atropelados os donos. Tá roubando, para quê matar?” Se K. R. S. considera normal o que sente, o jovem R. T. S. relata que as imagens despertam “sentimento de raiva”. E L. V. D. acrescenta: Moço o cara num tem dó de nós não. Fala dum jeito que nunca vi, parece mãe quando fica com ódio. Pega mal demais, ele sendo homem das letra tinha que sê um pouquinho mais letrado, ocê num acha não?

Quanto à percepção das infrações praticadas, suas considerações sobre a violência em si, os jovens reconhecem que as infrações que praticam podem ser

consideradas violência, como K. R. S.: “É meio violência. Tirar a vida da pessoa. Morreu, já era! Lamentar não dá! Que esteja num lugar bem. É ruim tirar as coisas de quem trabalhou. Mas, tem gente muito pior, porque quem estupra, pode estuprar o povo da sua família, não escolhe vítima”.

A audiência da violência revelou sentimentos que não revelaram um desejo pela não violência, ao contrário a recepção torna comum a prática de atos contra outro ser humano, são conformados com sua realidade e lançam mão da violência quando não conseguem equacionar os problemas cotidianos. A televisão ao contrário de colaborar para apaziguar a violência trata portanto de torná-la natural, como se fosse parte cotidiana da realidade dos jovens e assim é assimilada por eles.

O jovem H. M., apesar de preso por roubo e homicídio, afirma: “Nem concordo com violência. Para mim não é vantagem, ficar machucando ninguém. Nem penso em brigar aqui. O que mais dá guerra de rua é dentro da cadeia, os cara descobre onde você mora para te matar”.

Já R. T. S. relaciona a violência à convivência com pessoas com opinião diferentes: “Violência, conceito, ficar batendo nos outros, as pessoas sempre se encontram, dá nisso, encontra os inimigo, eu rezo pra num encontrar”.

Entre os principais motivos elencados pelos jovens para a prática de atos infracionais estão: o consumo enquanto desejo de inserção social, o ciclo de amizades, os grupos em que praticar crimes é uma forma de pertencimento, ou seja, o reconhecimento pelo grupo e também o desejo de ser visto, da visibilidade que a prática de crimes proporciona, uma vez que existe uma cobertura jornalística extensiva sobre tais casos, apresentada pelas falas dos próprios jovens sobre o programa Chumbo Grosso.

A motivação consumo está presente na prática de atos infracionais. Segundo K. R. S.:

Uai, quando você vende droga, ou puxa um carro zero, você pode tirar até 10 mil por semana, chega a 30 mil no mês, dinheiro que gasto com mulher. Essa bermuda que eu tô usando custa 400 reais, só uso roupa de marca, também comprei uma moto, mas tirei os retrovisores e a polícia pegou, também nem tinha carteira.

De acordo com o adolescente, quando se rouba um carro, e o leva para o desmanche sem danos, riscos, amassados, são pagos dois mil e quinhentos reais em dinheiro. O dinheiro quase sempre é gasto no consumo do presente, ou seja, em

festas, com bebidas e mulheres. E também para estar na moda no estilo rap, em geral, camisetas cavadas, bonés, bermudas folgadas, que são vendidos nos *shoppings centers* e têm um valor elevado.

O dinheiro do crime, proveniente de roubos a carros e objetos de valor ou do tráfico de drogas, não dura muito. Tudo é gasto rapidamente. É comum os jovens consumirem com os colegas o produto do crime em cerca de 24 horas depois do acontecido. Em uma noite, enquanto consomem drogas e bebidas, gastam em média dois mil reais. Eles gostam também de circular com os carros roubados e frequentar locais caros da cidade, como bares e danceterias. Como explica R. T. S., que associa o convívio com outros jovens em conflito com a lei, ao desejo pelos bens de consumo:

Por causa do convívio com as outras pessoas, usei cocaína, mas não viciiei, mas é pra gastar dinheiro em festas. As mulheres nós pagava tudo pra elas. Pagava só o consumo. Ah, roupa de marca Maresia, MCD, tênis. Toda semana eu ia no *Shopping*, gostava muito de ir no *Shopping*. Já ia, já comprava. Comprava roupa pras mulher também, sandália.

Motivação também presente na fala de M. C.: “Por conta da grana, a gente repassa os carro a R\$ 1.500,00, R\$ 2.000,00, geralmente. Pra comprar roupa de marca MCD, Maresia, e sair com os amigos pro Banana Café, pro Bola Sete”.

Observa-se, portanto que a televisão tem um aspecto de veículo de socialização repassando e influenciando valores, sobretudo por seu grande alcance, como explicita Jesus (2006, p. 12):

O modo como a imagem da juventude tornou-se uma mercadoria vendável, segundo a ideologia consumista, acaba refletindo de modo contundente no jeito como a juventude se expressa hoje. Uma sociedade forjada sob os valores materiais consumistas como a que nós vivemos acaba por produzir graves problemas sociais, sobretudo aguçando as diferenças e, com isto aumentando ainda mais a distância que separa aqueles que podem consumir daqueles que não podem. Portanto, a imagem do jovem/mercadoria exibida na mídia permite aos mercados se darem ao luxo de manipular os desejos e gostos dos indivíduos, direcionando-os para a promoção do consumo de massa.

Outro tipo de motivação que conduz ao crime é o descrédito que os jovens depositam sobre o estudo e o trabalho como forma de ascensão social, como é visível na fala de J. B.:

Eu via a minha realidade. Quando eu era pequeno, queria ser militar. Aos 16 anos comecei a ver que eu estava em outro lugar. Eu não tinha amigos para me ajudar. Eu pensava mais longe, mas eu não tinha como chegar lá, por causa da minha situação financeira, da minha mãe mesmo, ela trabalha de doméstica em Trindade.

Os jovens observando a sua situação social em relação a dos outros adolescentes não conseguem vislumbrar uma melhoria de vida e optam pelas infrações. Para além disso, os colegas de escola, vizinhos e familiares encontram-se envolvidos em delitos, o que colabora para que eles possam optar pelo grupo em busca de aceitação.

Para Baudrillard (1981) a mídia, especialmente a televisão é um instrumento de simulação de “hiper-realidades”. Não espelham o cotidiano, e contribuem para criar realidades paralelas. A televisão apropria-se da violência, do crime, da exploração sexual para obter a atenção dos jovens e muitas vezes obtém, como no caso desta pesquisa em que os jovens dedicam a audiência ao programa Chumbo Grosso que explora essencialmente a violência, criando hiper-realidades. A mídia é uma maneira dos jovens observarem a sua realidade social.

Estimulados para o consumo e para a diversão os jovens influenciados pela televisão deveriam apenas ir em busca do que a mídia elenca como essencial. Porém, pesquisa realizada em 2008 pelo Instituto DataFolha com 1.541 jovens com idade entre 16 e 25 anos mostrou que 35% dos jovens só trabalha, 25% são estudantes apenas e 15% não estudam, nem trabalham. Em 2009, a revista Veja fez uma pesquisa para traçar um perfil dos adolescentes da década de 1990. Dentre as conclusões do estudo:

Os meninos e meninas que nasceram a partir de 1990 não almejam fazer nenhuma revolução- nem sexual nem política, como sonhavam os jovens dos anos 60 e 70. Mudar o mundo não é com eles. O que querem mesmo é ganhar um bom dinheiro com seu trabalho. São também mais conservadores em relação aos valores familiares (embora os pais, lógico, sejam ridículos), de acordo com o maior estudo de hábitos e atitudes da população adolescente brasileira, conduzido pela empresa de consultoria Research Internacional. (...) Afirma Felipe Mendes, diretor-geral da Research International: “O que preocupa nesta geração é que eles são concretos em relação a dinheiro e trabalho, mas muito básicos em seus sonhos e impessoais e virtuais nos prazeres que deveriam ser reais (BUCHALLA, 2009, p. 86)

Para Canclini (2004, p. 174) há uma descrença em relação ao que aconteceu e o que está por vir. O autor argumenta que os jovens evidenciarão que vivemos em uma espécie de “hiperpresente”, não existindo tempo para a memória ou para a utopia.

Maffesoli (1981) explana que há uma violência silenciosa e institucionalizada, segundo a qual o Estado não fornece condições para a inclusão dos jovens no mercado de trabalho e que neste estudo poderíamos relacionar com a falta de

estrutura evidente do CIA. Sem alternativas os jovens transitam entre a informalidade e a criminalidade.

Importante ressaltar que a falta de empregos e condições melhores para a população da periferia são como um dos resultados do processo de globalização. As trocas de informações, produtos e serviços afetam de forma desigual aqueles que são historicamente expropriados dos meios de produção, terra, trabalho e capital. Lembrando que, as dificuldades econômicas sujeitam especialmente os adolescentes, pois esses estão numa fase de constituição material e são os mais afetados pelas mudanças econômicas, tais como o neoliberalismo. A par disso também necessitam de recursos mentais obtidos em sua grande parte com as informações disponíveis nos meios de comunicação eletrônicos, como a televisão.

Observe o relato de M. C. em resposta à pergunta sobre motivação para a prática de infrações:

Eu acho que não tem solução mesmo, não. Fica 15 dias na rua e volta a fazer tudo. Eu tenho vontade de mudar, mas sem estudo, sem perspectiva de vida nenhuma, poucos têm uma família boa, estruturada, que bota pra estudar, que bota pra arrumar um emprego. Falta de dinheiro, viu? Uns tem só a mãe, só o pai, o pai trabalha, mas num tem tempo de ficar com o filho. O filho é adotado pela rua. Eu acho que comigo foi assim.

Para Martín-Barbero (2008, p. 13) vivemos:

(...) Diante de juventudes cujas sensibilidades não só respondem a padrões construídos pela indústria (no cenário midiático), mas também as formas de sociabilidade (alternativas) que permeiam tanto as atitudes políticas quanto as pautas morais, práticas culturais e gostos estéticos desses atores sociais.

Pais (1993) problematiza que a noção de juventude advém de uma consciência social em que houve um prolongamento entre infância e idade adulta e tornaram-se visíveis os problemas dele decorrentes, esta passagem é denominada por diversos autores como período de re-socialização, momento em que os jovens se preparam para serem incluídos na sociedade como adultos, por isso a formação de grupos e as opiniões externas tornam-se fundamentais para eles neste período.

A necessidade de inclusão revela hábitos e escolhas, como no caso do jovem que conviveu com os delitos do pai no lar em período similar, viu-se às voltas com o aprendizado das técnicas infracionais para tornar-se parte da vida adulta, que tinha como exemplo. O desejo de pertencimento é acirrado pelas representações que a televisão faz dos jovens.

Ou seja, a juventude é o período em que se buscam meios materiais e mentais para a entrada definitiva na sociedade. É neste momento que são aprendidas as relações sociais e é feita a preparação do jovem para o mercado de trabalho (VIANA, 2004, p. 31).

A representação dos jovens apresentada pela mídia pode, em parte, ser baseada na realidade, e no sentido oposto, pode ser fonte de identificação para as atitudes de alguns jovens, já que nesta fase há um desenvolvimento de personalidade e busca de exemplos (REGO, 2008, p. 10).

Os adolescentes estão, portanto, criando suas identidades, compreendendo quem de fato são, o que devem fazer para se tornar aquilo que almejam ao observarem a sociedade, via de regra, por meio dos valores transmitidos pela família, pela escola, pela igreja e pelos meios de comunicação, cuja televisão é exponencial.

Por seu turno, a televisão reforça a identidade e a inserção social confere poder aos adolescentes, que identificam colegas, como é visível na fala de L. V. D.:

Se o cara aparece na TV, dependendo do que ele arrasto. Pô, o cara pega fama, né. Todo mundo qué batê de caminhonete, por exemplo, se ele rouba uma e ficá, sei lá, seis meses rodando, pô, o cara é massa, né? E, se isso caí na TV, pronto o cara fica bem na fita, pra caramba.

E, ainda reitera que comenta com os outros jovens o que assiste na televisão: “Nós comentamos dos outros que aparecem, a gente ri”.

Mesmo aqueles adolescentes que negam o envolvimento com outros jovens que cometem infrações, reconhecem a importância que a visibilidade tem para os grupos. Como no trecho em que J. B. responde: “Não sou envolvido com esse pessoal. Mas existe uma admiração por quem passa no programa. Porque aqui dentro os meninos dão valor a um ato mais complexo, mesmo, roubar um carro, loteria, Correios”.

Não seria correto afirmar que a televisão influencia diretamente no aumento da violência. O que se ouviu sobre a violência na televisão, foi sobre motivação em relação a estar na televisão, ser reconhecido pelo grupo, e o que aprendem com a televisão sobre os crimes.

Segundo Maffesoli (2001, p. 81) “não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos e imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado”. No que pode-se fazer uma referência à mediação técnica em que opera como uma espécie de

sensorium, que conecta as inovações técnicas com os modos de percepção, para usar a expressão de Walter Benjamin, em sua Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica. Tais modos de percepção por sua vez encontram-se relacionados com a ritualidade e a socialidade.

Cada sujeito está apto a ler o imaginário com certa autonomia. Porém, quando se examina o problema com atenção, repito, vê-se que o imaginário de um indivíduo é muito pouco individual, mas, sobretudo, comunitário, tribal, partilhado. Na maior parte do tempo, o imaginário individual reflete, no plano sexual, musical, artístico, esportivo, o imaginário de um grupo. O imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, encruzilhada do racional e do não racional. O imaginário é alimentado por tecnologias. A técnica é um fator de estimulação imaginal. Não é por acaso que o termo imaginário encontra tanta repercussão neste momento histórico de intenso desenvolvimento tecnológico, ainda mais nas tecnologias de comunicação, pois o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação (MAFFESOLI, 2001, p. 81).

Por meio da análise da mediação individual, foi possível observar que sentimentos variados ilustram a preferência pelo programa, que está associada ao interesse pelas infrações e por quem as comete. Também a prática de atos violentos pôde ser associada a formas de socialização e ao desejo de consumo. Mas também a percepção de que há uma recepção ativa que busca verificar se aquilo que está sendo reportado corresponde à realidade ou é somente uma forma de obter audiência, foi um traço revelador para a pesquisa, que justamente se apoia no método das mediações para verificar a problemática da pesquisa.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo central estudar a complexa situação da recepção de imagens e informações de violência junto aos adolescentes em conflito com a lei, que cumpriam medida socioeducativa no Centro de Internação para Adolescentes (CIA), localizado no 1º Batalhão da Polícia Militar, em Goiânia, Goiás, no período entre outubro de 2011 e fevereiro de 2012.

Para proceder ao teste das hipóteses, ao que se denomina fase empírica, buscou-se referenciar a problemática que envolve a juventude e a violência no momento atual. No primeiro capítulo fez-se uma discussão sobre a conceituação da violência e uso dessa disfunção social pela comunicação.

No segundo capítulo, abordaram-se as consequências da globalização para a comunicação. De maneira geral, o fenômeno provocou o aumento da disponibilidade do acesso às informações. Assim, os meios de comunicação viram-se frente à necessidade, ainda maior, de garantir espaço junto ao público. Lembrando que esse é receptor tanto de informações quanto de variadas propagandas que repassam dados sobre um estilo de vida, promoção dos governos e produtos mais variados, ditando moda e de certo modo organizando e pautando a vida de inúmeras pessoas.

A conceituação de juventude foi feita no capítulo três. No qual se definiu juventude como parcela etária da população entre o infantil e o adulto que vive socialmente um processo de reinserção social, denominado ressocialização. Observou-se que os jovens necessitam tanto de apoio material, quanto mental para entrada na idade adulta. Percebeu-se que a mídia exerce sobre esses jovens um poder maior do que sobre os adultos, uma vez que neste período os indivíduos farão a maior parte das escolhas que nortearão suas rotinas futuras.

O poder da televisão está, sobretudo, na oferta de bens mentais para os jovens. Porém, valores, preceitos éticos e morais são apreendidos também na escola, na igreja, na família enfim, na cotidianidade. Ainda neste capítulo associam-se a disseminação de informações com a consolidação da cidadania. Essa concebida neste trabalho enquanto a totalidade que envolve a prática de direitos civis, sociais e políticos. Informações são imprescindíveis para os posicionamentos sociais. Escolhas que influenciarão na conduta civil, social e política dos jovens,

ainda mais necessárias àqueles que estão reformando sua percepção de mundo, compreendendo qual é o seu papel social, econômico e político.

Se são mais vulneráveis à televisão, os jovens também o são às mudanças econômicas, por necessitarem entrar no mercado de trabalho, por exemplo. Assim, a globalização, processo de trocas de informações, produtos e serviços entre os diversos entes dos países, traz consigo problemas econômicos antigos, como a desigualdade social e a tendência capitalista, segundo a qual, aqueles que possuem terra, trabalho e capital tendem a acumular mais, em detrimento de outros com histórias econômicas diferenciadas. As consequências da globalização implicam ainda a disseminação de valores de vida pelos meios eletrônicos. Sentidos sociais que estão ligados ao consumo de determinados produtos, à frequência em certos locais e ao comportamento.

Importante ressaltar que os jovens são diretamente afetados pelos ideais de compras e de maneira muito diferente dos adultos, pois se encontram em processo de ressocialização, necessitando ainda de ajudas materiais para a entrada definitiva na vida adulta, especialmente se são expropriados de condições de educação, saúde e equipamentos de lazer, como o caso dos jovens das regiões periféricas estudadas. No discurso dos adolescentes em conflito com a lei a motivação relacionada ao consumo é elencada para a prática de atos infracionais.

Compreender o jovem como um sujeito capaz de limitar sua experiência com a mídia resulta da escolha metodológica explicitada no capítulo quatro. Segundo a qual se optou pela Teoria da Recepção conjugada com as entrevistas em profundidade para verificar como se dá a interpretação das imagens e informações de violência de modo a obter-se o teste das hipóteses.

Trata-se, portanto, de estudo de comunicação e violência que revelou jovens em conflito com a lei enquanto sujeitos da recepção ativa, capazes de significações e ressignificações, sobretudo quanto a imagens e informações de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso. Percebeu-se, ainda, que, em virtude da guerra pela audiência e do caráter sensacional deste programa, os fatos diferem da cobertura a eles concedida pelo diário eletrônico.

A hipótese central foi confirmada pela pesquisa, ou seja, a superexposição da violência contribui para tornar comum a prática da violência assistida e vivida, mas não de maneira unívoca. Ou seja, por meio da recepção cotidiana das imagens e

informações de violência do diário eletrônico os jovens demonstraram uma tendência para a desvalorização tanto da morte, como de outros casos de violência. Porém, não são insensíveis a todos os tipos de crimes, continuam recriminando aqueles contra a família e os sexuais.

Por outro lado, existe uma admiração pelas infrações que resultam no aumento do armamento, do número de drogas e carros, como parte da cotidianidade de poder entre os membros de um grupo. Nesses casos, existe um não estranhamento das mortes associadas a tais conquistas ideais. Não importa o número de pessoas feridas ou mortas conquanto que haja o sucesso no intento, mesmo que mais tarde resulte em prisões ou ainda no cumprimento de medidas socioeducativas.

As hipóteses secundárias também foram reafirmadas por meio da pesquisa. Isso porque as falas dos jovens denotaram o seu conhecimento com relação à disseminação via discurso feito no programa de que podem perder a vida durante o combate à violência defendido pelo programa, opondo de forma direta e indireta policiais e suspeitos. Oposição também frequente no discurso dos jovens, que revelam o desejo de revidar a violência policial, evitar o confronto, mas também executar aqueles que deveriam oferecer segurança a eles.

A última hipótese deste trabalho testou a percepção dos jovens em conflito com a lei com a busca pela audiência por meio do apelo às sensações, no que se convencionou nominar sensacionalismo. Os jovens têm a percepção de que é por meio do apelo às cenas fortes e à narrativa, por vezes aumentada da realidade, que o programa mantém o número de telespectadores.

Lembrando que o programa foi líder de audiência por diversas vezes no período em que a pesquisa foi realizada. No entanto, tal clareza não impede que os jovens continuem assistindo ao programa. Eles demonstram uma identificação com o cotidiano apresentado, os atores e até mesmo com o apresentador do programa que utiliza uma linguagem popular, com gírias e por vezes palavras de baixo calão.

Observou-se que os jovens assimilam e reproduzem parte das informações do programa. Isto é visível quando em seus dizeres mencionam a impossibilidade de recuperação e o desejo de combater os policiais por meio da violência. No programa Chumbo Grosso o apresentador em geral comenta que os jovens em conflito com a lei não têm solução, com falas como, por exemplo: “bandido bom é bandido morto”.

Ou seja, os lugares comuns e o preconceito são frequentes sinalizando a tríade juventude-pobreza-marginalidade.

A recepção demonstrou também que a principal motivação para a audiência do programa está relacionada com as informações sobre a prática de crimes. Especialmente os noticiários em que há detalhes como o calibre das armas empregadas, o número de envolvidos e o resultado atingido. Interessam-lhes, sobretudo, a ciência sobre quem foi preso, por qual crime, qual a quantidade de droga e materiais roubados apreendidos e com quem.

A percepção clara dessa disfunção sobre o papel singular do programa Chumbo Grosso e também da televisão como um todo aparece de forma clara no discurso dos adolescentes entrevistados. Nota-se que os jovens percebem o sensacionalismo enquanto busca por audiência, especialmente quando manifestam indignação para com a postura adotada pelo apresentador, que faz “enxame” (para usar a mesma metáfora usada por um jovem para se referir à forma como as notícias são repassadas pelo programa). Ou seja, os jovens percebem o uso de determinado palavreado e a exibição de certas imagens com o objetivo mercadológico de atração do público. Também há uma percepção crítica sobre o posicionamento do apresentador sobre a menoridade penal. Os jovens percebem que o programa contribui para o desrespeito da legislação vigente, segundo a qual apenas maiores de 18 anos podem ser julgados e condenados.

Assim, se as chamadas ao vivo, com imagens do local dos crimes e o suspense, criado de forma quase teatral na narrativa dos crimes, são a maneira de trazer sensações para o público, seu objetivo mercadológico, enquanto mediação institucional é claramente percebida pelos jovens em conflito com a lei.

No entanto, a clareza mercadológica sobre a exploração da violência nos programas de cunho sensacionalista não impedem os jovens de prosseguir assistindo, ou seja, respondendo ao estímulo do emissor, que trabalha justamente para conquistar a audiência. As novelas do cotidiano, em que fatos violentos são explorados com a composição de personagens nos quais as informações são desvendadas pouco a pouco, com técnicas cinematográficas, dignas da construção dos melhores suspenses prendem sim, a atenção dos jovens. Via de regra eles acompanham todas as sequencias, identificando-se com as informações e imagens veiculadas, como o seu cotidiano, agendando parte de seus debates. Contribuindo

desta forma para a simplificação da linguagem, sempre coloquial, rápida e simples, que compõe parte da interação dos jovens com a sociedade.

Sobre as mediações, observa-se que as imagens e informações de violência que são constantemente comentadas nos ciclos de amizades dos jovens trazem ressonância tanto na rotina das famílias, como na igreja e na escola, exercendo grande influência no agendamento das discussões e no cotidiano de tais instituições, especialmente aquelas destinadas ao cumprimento de medida socioeducativa, como é o caso do CIA.

A mediação família pode ser apontada como porta de entrada para o início da audiência dos jovens. O hábito de assistir ao programa é adquirido muitas vezes, ainda na infância, com a audiência conferida pelos pais ao correio eletrônico. Pode-se atribuir a credibilidade que tais pessoas concedem ao programa, por identificarem suas realidades sociais de periferia, pelo uso do vocabulário simples e pelas sensações que a violência desperta na recepção, atuando assim também como uma forma de entretenimento.

A escola é outro lugar para a ressonância da audiência do programa, especialmente entre os jovens. Apesar de a audiência invadir as discussões dos jovens no cotidiano escolar. Os entrevistados revelaram que há pouca ou nenhuma reflexão sistematizada sobre o programa no ambiente de ensino formal. Nota-se ainda que existe uma vergonha social ao expor tal tipo de audiência perante professores. Um dos adolescentes expõe o preconceito quanto ao programa quando revela que é uma vergonha um professor assumir tal preferência. Segundo ele, o ideal social seria assistir a outros veículos de comunicação.

Pode-se observar que é nas escolas que os jovens também se entrosam para a prática de delitos e o uso de drogas. Quando expostos na mídia ou reconhecidos nas suas regiões por conta das infrações cometidas, os jovens tendem a abandonar a escola e a igreja enleando-se ainda mais nas práticas infracionais. A falta de reflexões sistematizadas da violência exposta no programa pela escola pode revelar uma negação da realidade que perpassa tal ambiente.

Os locais para aprendizagem da educação formal deveriam contar com programas de apoio específico para reduzir a evasão de jovens em conflito com a lei. No entanto, a exclusão é reforçada pela exposição de imagens e comentários sobre os adolescentes veiculados pelo programa Chumbo Grosso, que, conforme

revelado pelos receptores, tem ampla audiência juntos aos colegas que frequentam as instituições.

Muitos perguntariam, ao final, como se dá a recepção de informações e imagens de violência por jovens em conflito com a lei? As informações e imagens de violência que permeiam o cotidiano de tais jovens são recepcionadas de forma crítica e ativa e inclusive servem de material para as ações futuras dos adolescentes.

Ou seja, os jovens percebem que o sensacionalismo do programa nada mais é do que a busca por mais público. Utilizam as informações para melhorar sua sobrevivência nas ruas e no CIA. Assim demonstram interesse sobre as técnicas empregadas nos crimes, o local das apreensões, entre outras informações. Importa saber, por exemplo, quem foi preso, por que delito, pois poderá ser seu colega de internação, isto para garantir sua segurança, a maneira de comportar-se com o outro e perante certo grupo.

Enfim, nota-se que as informações e imagens de violência são utilizadas pelos jovens para aprimorar-se nas práticas infracionais e informar-se sobre delitos cometidos por outros jovens. O programa Chumbo Grosso é visto pelos adolescentes como um reforço para a permanência nas práticas infracionais, inclusive, pois, serve para reforçar a situação de exclusão social dos jovens e a falta de perspectivas de empregabilidade e reinserção social, após o cumprimento da medida socioeducativa.

A pesquisa de recepção revelou que o imaginário dos próprios jovens sobre adolescentes em conflito com a lei está permeado pela condução que o programa dá à exposição de imagens e informações de violência, sobretudo quanto à falta de expectativa de reintegração social. Por conseguinte, reforça-se a prática de atos infracionais como único papel social para aqueles que cometeram delitos, ainda que antes de completar a maioridade penal, excluindo os jovens do acesso à cidadania.

Lembrando que tais adolescentes muitas vezes nem chegarão à maioridade penal, pois serão vítimas de violência, seja dos outros jovens em conflito com a lei, das vítimas que fazem, ou da própria polícia, retrato assinado pelos relatos da audiência do programa Chumbo Grosso.

Deve-se ainda observar que o jornalismo (ou os programas, que têm a informação como principal produto) deveriam primar pela busca da consolidação da

cidadania, entendida enquanto direitos civis, políticos e sociais desfrutados por todos de forma igualitária, independente de raça, de religião, de classe social, e quaisquer outras diferenças.

Importante recordar que a televisão traz inegável sentido de realidade aos fatos mostrados, justamente por ter conjugadas imagens e sons que induzem ao sentido de veracidade. Tal força é aumentada quando se trata de acontecimentos sociais, como assassinatos e roubos, que denotam violência.

O que pode revelar disfunções extremamente perigosas. Tais como o reforço sumário à violência, como forma de resolução de conflitos. O apelo para a pena de morte, mesmo que ilegal, quando incita os policiais contra os suspeitos, desrespeitando assim, o primeiro direito civil, o direito à vida.

Desta forma, percebeu-se que a televisão, poderoso instrumento de disseminação de informações com incrível potencial para beneficiar a população, sobretudo com informações para a consolidação da cidadania, pode caminhar na contramão dos direitos humanos ao veicular programas marcadamente sensacionalistas e discriminatórios, que servem de material mental para o reforço de preconceitos, a aprendizagem sobre os crimes e o distanciamento entre os indivíduos e a segurança pública.

Assim, tem-se que a maneira como os jovens em conflito com a lei lidam, vivenciam e relacionam-se com o programa Chumbo Grosso exerce relação direta com a percepção que criam de si mesmos, dos outros e das perspectivas de suas vidas. Percebeu-se que o programa pode afetar e influenciar o conjunto de informações e conhecimentos que os jovens adquirem, assim como seus projetos pessoais. A recepção das imagens e informações de violência pelos jovens aponta uma oposição entre o geral e o particular. Os jovens fazem um recorte da realidade como se fora uma bricolagem, uma soma de fragmentos, em que, muitas vezes, o programa surge como unidade totalizadora.

A representação da violência exposta pelo programa em parte baseada na realidade, constitui para alguns jovens fonte de identificação para futuras atitudes. Eles são especialmente afetados, pois se encontram em processo de ressocialização, ou seja, não sendo mais crianças preparam-se para a entrada na vida adulta, necessitando de bens materiais e mentais. Encontrando muitas vezes suprimento inadequado, como a rotina da criminalidade, como alternativa para a

inclusão na vida adulta. Ou mesmo, colaborando para o reforço de preconceitos sociais contra populações expropriadas, das quais são parte integrante.

O sensacionalismo é o gênero que norteia o programa Chumbo Grosso que está estritamente vinculado com as necessidades econômicas que são um imperativo da televisão, algo que se justifica pela exigência técnica do meio eletrônico, com rotinas de produção próprias do campo jornalístico.

Percebe-se dentro do espaço social do jornalismo e projeção da televisão, que ao associar palavras a imagens dá um inegável sentido de realidade ao conteúdo que veicula, por características próprias como por sua facilidade de compreensão pelos receptores, que não exige alfabetização, por exemplo. Ademais, por sua capacidade de difusão de informações a televisão exerce dentro do campo jornalístico forte influência sobre outras mídias.

Uma característica marcante desta mídia é o seu dispêndio financeiro, o que leva a uma dependência mercadológica maior que outras. A lógica do capital alimenta o uso das técnicas para atrair o público. Como é o caso do programa Chumbo Grosso que usa do sensacionalismo para manter a audiência, recurso percebido pelos jovens, que, no entanto, identificam-se com o meio eletrônico, pelo uso de uma linguagem simples, direta e coloquial e também por assistirem colegas em cena, o que retrata de certa forma o cotidiano das periferias.

A identificação com a violência, enquanto faceta de sua realidade, denota também a falta de espaço midiático para dar visibilidade a outras faces da realidade juvenil, especialmente a da periferia. Sim, há artistas, há inventores, há potencial para a não violência e principalmente, há sonhos, que poderiam e precisam ter espaço na programação televisiva. E, sim, há recepção para a construção de diferentes realidades, sobretudo para a consolidação da cidadania no Brasil.

Considera-se, portanto, na determinação das possibilidades próprias à imagem da violência, depara-se com essa estrutura central que é a dimensão referencial sobrecarregada. A sedução produzida pelo espetáculo das imagens de violência, com essa intensidade referencial, aliada à informação em fluxo contínuo, anula, pelo excesso, a capacidade mobilizadora que este repertório imagético poderia exercer, para alavancar a luta pela cidadania.

O que se assiste, na maioria das vezes, não são imagens de acontecimentos de violência, mas sua descrição em discursos imagéticos reordenados que

produzem o extraordinário. Os adolescentes percebem isto quando falam da busca da verdade no que assistem. A gravidade do extraordinário, a avidez por sua intensidade, distende o cotidiano em manchete, fazendo com que seus traços múltiplos sejam enfeixados dentro da uniformidade do corte.

De outro lado, observa-se nesta estratégia narrativa o uso de formas de representação como motores para (reconstituir) audiovisualmente os acontecimentos de violência tomando por empréstimo de formas da ficção, com simulação de atores, infografia fixa ou animada, o recurso à serialidade discursiva e o uso abundante de efeitos especiais.

Essa serialidade é a capacidade que detém um discurso de promover repetições de um tema explorado de forma recorrente com novas variantes. Identifica-se também o uso de plano sequência (prolongado) com a finalidade de ampliar a empatia com o telespectador recorrendo à simultaneidade com os acontecimentos encenados, à frente da câmera produzindo efeito de verdade.

Desta forma, enreda-se a sociedade num duplo espetáculo da mídia e do Estado que dramatizam a criminalidade e excitam a demanda por um endurecimento penal, desviando atenção, com o espetáculo da violência, dos problemas estruturais dos quais também derivam a criminalidade, tais como a distribuição desigual da riqueza, a marginalização e a exclusão social que são criadas também pelas escolhas econômico-políticas advindas da escolha de um modelo econômico, o neoliberal.

Diante de uma imagem parcial da violência e da criminalidade representada pela mídia, a sociedade constrói formas de resolução paliativas que não alteram as estruturas sociais, reivindicando o aumento efetivo de policiais, de equipamentos e armas de combate ao crime. Esse espetáculo da criminalidade e sua representação na mídia infundem um caráter profundamente conservador e tecnocrático. A mídia, por seu turno, através da repetição de estereótipos sobre a criminalidade e violência, expostos numa linguagem emotiva e dramática pede somente à sociedade civil que legitime as ações da elite política.

O medo e a ameaça permanentes que marcam a história de vida da população que vive em áreas de risco, sendo generalizados para a sociedade – servem à criação de um clima difuso de insegurança, o que favorece a adoção de medidas repressivas e autoritárias, balizadoras do uso da força policial.

Trata-se, portanto, de uma lógica circular: a sociedade termina refém das estratégias de exploração do sentimento de insegurança coletiva. A violência expressa assim, um contexto e um processo de dominação e não simplesmente ou necessariamente um conjunto de atos brutais.

Entende-se, portanto, que, toda esta problemática associada à representação midiática da violência constitui um episódio de luta de ordem política para persuadir a maioria social de algo que ela não parece estar de todo convencida.

Os atos violentos podem ser gerados mediante uma demanda de poder que, para se instaurar ou manter-se, precisa de instrumentos, ferramentas que o legalizem. Nesta perspectiva, a violência assume um caráter institucional, dependendo sempre da orientação e legitimação de uma outra coisa para ser utilizada de forma racional e atingir objetivos que a justifiquem.

A violência midiática é assim uma relação que produz significados porque a ação violenta é um valor, e o ato de agressão agrega valor ao ser comunicado e transferido para ser objeto de circulação e intercâmbio. As imagens e informações de violência e sua espetacularização geram ansiedade pública ao mesmo tempo que fomentam uma demanda de mais proteção policial e jurídica.

A proliferação midiática da violência garante paradoxalmente, uma distância, um estranhamento. Daí porque os processos de mobilização contra a violência são efêmeros, pontuais, fragmentados e sua permanência na cena pública e midiática esgotam-se tão logo os meios de comunicação passem a priorizar outras temáticas. Daí surge nossa hipótese principal de trabalho em que a exposição contínua de imagens e informações de violência podem conduzir os receptores a aceitarem tal fenômeno como algo do cotidiano e, portanto, comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Caleidoscópio das violências nas escolas**. Brasília: Missão Criança, 2006.

ALMEIDA, S. **Violência urbana e constituição de sujeitos políticos** in: RONDELLI, E. (Org) *Linguagens da violência*, Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Editora Summus, 1995.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Sobre violência**. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

BENTES, I. **Imagens**. São Paulo: Editora Unicamp, n.2, 1994.

BERNARDES, W.L.M. **Da nacionalidade: Brasileiros natos e naturalizados**. Belo Horizonte: Edições Del Rey, 1995.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Lisboa: Porto, 1994.

BOUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mitos e ironias da era virtual e das imagens. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Contrafogos**. Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989, p. 59-73.

_____. Questions de sociologie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980, p. 113. *Apud* BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 51-130.

_____. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989, p. 17-58.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.) **Pierre Bourdieu. Col. Grandes cientistas sociais**. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-81.

_____. A dinâmica dos campos. In: **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2007, p. 212-240.

_____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 27-78.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, A. A.; GASTALDO, E. **O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “recepção, Usos e Consumo Midiáticos”, do XVIII Encontro da Compôs, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

BUCCI, Alfredo & KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo, Boitempo, 2004.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1996.

BUCHALLA, Anna Paula. **A juventude em Rede**. In veja, São Paulo, 18 de Fev 2009, pp.84-93.

CANCLINI, Néstor G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CANCLINI, Néstor G. **Diferentes, Desiguales y desconectados**. Barcelona: Gedisa, 2004.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Juventude e Televisão – um estudo das representações de jovens sobre televisão**, 1999. Dissertação de Mestrado apresentada na PUC-RJ. Disponível em; <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/12345678/2230>. Acesso em 23/02/2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CASASÚS, J. M. **Teoria da Imagem**. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

CHAMPANHE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre (org.) **A miséria do mundo**. RJ: Vozes, 2003, p. 63-79.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder: uma análise da mídia**. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 2. edição, São Paulo: Moderna, 1997.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio- organizadores- **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. 2ª edição, São Paulo: Nacional, 1974.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2ª edição, Porto Alegre: Bookman 2004.

GARCIA, S; Ramos, L. **Médios de Comunicación y Violência**. Instituto Mexicano de Psiquiatria y Fondo de Cultura Económica: México, 1998.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W., GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A.Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOMES, Wilson. **Transformações da Política na Era da Comunicação de Massa**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioreira Thomson Learning, 2005.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: Ensaio Sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. São Paulo: Difel, 1998.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia: entre faticidade e Validade**. Vol II. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, J. **Teoria de la Acción Comunicativa: Complementos y studios previos**. Madrid: Cátedra, 1989.

HAMBURGER, Éster. **Diluído Fronteiras: A televisão e as novelas no cotidiano**. In NOVAIS, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, vol. 4.

HERSCHMANN, Michael. **Música e cidadania dos jovens das periferias e favelas: a crescente relevância do hip hop no Brasil**. In Barbosa, Marinalva; Morais, Osvando J. de (organizadores). **Comunicação, Cultura e Juventude**. Coleção Intercom de comunicação, v.24. São Paulo: INTERCOM, 2010.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. 2. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.

JESUS, Altair Reis de. **A imagem como mercadoria e a juventude no universo midiático do consumo**. In: O Olho da Historia, ano 12, nº 9, Dezembro, 2006.

JACKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

JACKS, Nilda. **Pesquisa de Recepção e Cultura Regional**. In SOUSA, Mauro Wilton de (Org.) Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense/ECA-USP, 1995.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e Audiências: a emergência dos estudos recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

KANT, Emmanuel. **Doutrina do Direito**. São Paulo: Editora Ícone, 1993.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MARQUES DE MELO, José. **Estado, sociedade civil e comunicação na América Latina**. In Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo: IMS, n.º 12, out./1984.

MARQUES DE MELO, José, GOBBI, Maria Cristina, SATHLER, Luciano. (orgs.) **Mídia Cidadã: utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2006.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michéle. **Pensar as Mídias**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

MARTÍN-BARBERO, J. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidade, tecnicidades e subjetividades entre os jovens**. São Paulo: EDUC, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J. **Comunicação e Cidade: entre Meios e Medos**. Novos Olhares, n1, ECA-USP, 1998.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

MARTÍN-BARBERO, J. **ofício de cartógrafo: Travesías latinoamericanas de La comunicación en la cultura**. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos. Comunicação e Jornalismo**. São Paulo: Hacker, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária. ensaio de antropologia política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. In Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 15, agosto 2001, PP. 74-81.

MEDEIROS, Magno. **Educação face à mídia: interacionismo e mediações in Comunicação & Informação/UFG, Faculdade de Comunicação**. V. 1, n2, (jul/dez. 1998). Goiânia: UFG, Facomb, 1998.

MEDEIROS, M. **Análise interpretativa de audiências infanto-juvenis em situação de rua**, 2001, Goiânia.

Disp. em <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1189.pdf>. Acesso em 17 abril 2011.

MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MICHAULT, Y. **Violência y Política**. Barcelona: Ediciones Ruedo Ibérico, 1980.

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo como sistema perito. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. São Paulo: Universidade de S11 (1), maio, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX - o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

MOTA, Célia Ladeira. **O gesto e a palavra: representações sobre cidadania no telejornal**. In VIZEU PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. O lado oculto do telejornalismo. Coleção Biblioteca J. Florianópolis: Calandra, 2005. p. 125-143.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **La audiència frente a la pantalla: una exploración del** proceso de recepción televisiva. Lima: Diálogos de la comunicación, n.30, 1993.

OROZCO GÓMEZ,Guillermo. **Televisión y audiencias: Un enfoque cualitativo**. Madrid: Ediciones de la Torre/Universidad Iberoamericana,1996.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo, CERU e FFLCH/USP, 1983.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. **Estética da violência: por uma arqueologia dos vestígios**. Data. 1997, 285 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, Local. São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Ciro Marcondes Filho.

ROCHA, Maria Cristina. **Juventude: apostando no presente**. Imaginário, jun.2006, vol.12, nº 12, p.205-233.

RUGE, P. **Práticas de periodismo televisivo**. Pamplona: Universidade de Navarra, 1983.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2000.

SALAMA, Pierre. **Pobreza e exploração do trabalho na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2002.

SANTOS, Boaventura. **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SETZER, Valdemar. **Tv e violência: um casamento perfeito**. Calendário de cultura e extensão da Universidade de São Paulo. São Paulo, ago. 2000, p. 9-12. Disponível

em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/TVeViolencia.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2010.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 1977.

SODRÉ, Muniz. **O social irradiado**: violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo: Cortez, 1992.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Cultura**. A comunicação e seus produtos. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. EDIPUCRS: Porto Alegre: 2002.

SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense/ ECA- USP, 1995.

SQUIRRA, S. **O século dourado da comunicação eletrônica nos EUA**. São Paulo: Summus, 1995.

STEPHENS, Mitchel. **História das comunicações**: do tantã ao satélite. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

TECGLEN, E. **A Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Salvat, 1980.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pêsoa. **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pêsoa. **Espiando a notícia. A recepção do Jornal Nacional pelos jovens estudantes de Jornalismo**. In (Org) Marialva Barbosa e Osvando J. Morais. Comunicação, cultura e juventude. São Paulo: INTERCOM, 2010.

THOMPSON, John B.A **Mídia e a Modernidade**: Uma Teoria Social da Mídia. Petrópolis: Editora vozes, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1990.

VEBLÉN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa.** São Paulo: Abril Cultural, s/d.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos. **Cidadania e Violência.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

VIANA, Nildo. **A questão da causalidade nas ciências sociais.** Goiânia: Cegraf, 2001.

VIANA, Nildo. **A Dinâmica da Violência Juvenil.** Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

VIANA, Nildo. Neoimperialismo: **Relações Internacionais e acumulação integral.** In: (Org) Alberto Gomes de Oliveira. **Antítese Marxismo e Cultura Socialista 1.** Goiânia: Cepec, 2005.

VIANA, Nildo. **Violência, conflito e controle.** In: (Org) Dijaci David de Oliveira ...[ET AL.]. **50 anos depois relações raciais e grupos socialmente segregados.** Brasília: Movimento Nacional de Direitos Humanos, 1999.

VIGNOLI, J. R. **Vulnerabilidad y grupos vulnerables: um marco de referencia conceptual mirando a los jóvenes.** Santiago de Chile: CEPAL, 2001. (Serie población y desarrollo, n.17)

ZALUAR, Alba M. **integração perversa: pobreza e tráfico de drogas.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Presença, 1995

ANEXOS

Anexo 1 – Modelo de roteiro de entrevista

Roteiro de entrevista- proposta semi-estruturada para início da entrevista em profundidade

- 1- Qual o seu nome? (seu nome será usado apenas para tratarmos durante a pesquisa, pois, terá total sigilo sobre sua identidade na divulgação dos dados obtidos)
- 2- E idade?
- 3- Você quer me contar um pouco sobre a infração te levou para a internação?
- 4- Você deve ficar quanto tempo internado?
- 5- Na época da infração você era usuário de drogas?
- 6- Você gosta de assistir televisão?
- 7- Aqui no centro você costuma assistir televisão?
- 8- Qual é o seu programa favorito?
- 9- Além da televisão, você costuma jogar vídeo game?
- 10- Quais são seus jogos preferidos?
- 11- Com relação à televisão, os programas ou noticiários que tem conteúdo violento chamam a sua atenção?
- 12- (Se, sim) Por que você considera que esses programas prendem a sua atenção?
- 13- Qual é o seu sentimento qual você assiste alguma imagem de violência?
- 14- Por que acha que esse sentimento surge em você?
- 15- Você já assistiu o programa Chumbo Grosso?
- 16- Com que frequência você assiste o programa Chumbo Grosso ?
- 17- Quais são as matérias que mais chamam a sua atenção?
- 18- Qual é a sua opinião sobre as imagens de violência veiculadas pelo programa?
- 19- Você já reconheceu algum colega seu nas matérias do programa Chumbo Grosso?

- 20- O que você acha sobre o tratamento dado aos menores que cometeram infrações pelo programa Chumbo Grosso?
- 21- Essas imagens de violência que são mostradas no programa Chumbo Grosso, o que elas despertam em você?
- 22- Os seus colegas costumam comentar as informações de violência que foram expostas no programa?
- 23- E, sobre a violência em si, tem algo que você gostaria de falar?
- 24- E, sobre o tratamento que a televisão costuma dar á violência?
- 25- O que você pensa sobre o tratamento das imagens de violência no programa Chumbo Grosso?
- 26- Mas, afinal o que é violência para você?

Anexo 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Meu nome é **Núbia da Cunha Simão**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Mestrado em **Comunicação, Cultura e Cidadania**, pela Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável no telefone: 8586-3538. Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

1- TÍTULO: Mídia, Violência e Cidadania: Estudo sobre a recepção do programa Chumbo Grosso junto ao menor em conflito com a lei na cidade de Goiânia.

2- RESUMO: (justificativa, objetivos e os procedimentos utilizados da pesquisa);

A pesquisa objetiva estudar como os menores em conflito com a lei, que cumprem medida de internação no Centro de Internação para adolescentes (CIA) do 1º Batalhão da Polícia Militar de Goiânia, re-interpretam e re-elaboram as representações das informações e imagens de violência veiculadas pelo programa Chumbo Grosso, exibido de segunda a sexta-feira, pela TV Goiânia. Para estudar a recepção das informações de violência opta-se neste estudo pela metodologia da entrevista em profundidade. Buscando-se verificar de que forma as informações de violência influenciam no cotidiano dos jovens em conflito com a lei.

3- Dos riscos e benefícios decorrentes da participação nesta pesquisa:

Os participantes desta pesquisa não serão identificados ficando livres de quaisquer desconfortos e riscos possíveis. Seus nomes serão trocados e jamais fornecidos para a sociedade.

Porém, os participantes terão uma importante contribuição para a consolidação das pesquisas sobre a influência da transmissão da violência pela televisão, por meio dos estudos de recepção.

4- Do direito de pleitear indenização em caso de danos decorrentes de sua participação na pesquisa;

Caso a pesquisa rompa com os termos de livre esclarecimento aqui mencionados o participante terá o direito de pleitear indenização buscando seus direitos na Justiça Federal.

5- Do ressarcimento das despesas decorrentes da participação da pesquisa;

O participante não terá quaisquer custos para participar da pesquisa, sendo que caso comprove gastos com esta pesquisa terá direito a ressarcimento.

6- Do pagamento ou gratificação financeira pela sua participação;

O participante não terá direito a nenhum tipo de gratificação financeira pela sua participação na pesquisa, sendo esta considerada completamente voluntária.

7- Da garantia do sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa;

O participante terá total confidencialidade e privacidade quanto aos dados envolvidos na pesquisa. Seu nome e idade serão resguardados para evitar sua identificação.

8- Da garantia expressa de liberdade do sujeito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;

Os entrevistados gozam do direito de se negar a continuar concedendo entrevistas, e ou participar desta pesquisa a qualquer momento, sem qualquer tipo de penalidade e/ou prejuízo.

Termo de Consentimento

Eu, _____, RG/ CPF
_____, abaixo assinado, responsável por
_____, autorizo sua participação no estudo
_____, como sujeito. Fui
devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a)
_____ sobre a pesquisa, os procedimentos nela
envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da sua
participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer
momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção do
acompanhamento/ assistência/tratamento prestado ao sujeito pesquisado.

Local e data

Nome e Assinatura do responsável: _____

ATENÇÃO: para pesquisas envolvendo crianças e adolescentes, portadores de perturbação mental ou doença mental e sujeitos em substancial diminuição em suas capacidades de consentimento, cujo Termo de Consentimento será assinado por seus representantes legais:

Anexo 3 – Entrevistas

Roteiro de entrevista respondido

ENTREVISTA

1- Qual o seu nome? (seu nome será usado apenas para tratarmos durante a pesquisa, pois, terá total sigilo sobre sua identidade na divulgação dos dados obtidos)

L. P.

2- E idade?

17 anos.

3- Você quer me contar um pouco sobre a infração te levou para a internação?

Roubo de carro e tráfico de drogas.

4- Por que você fez essas coisas?

5- Você deve ficar quanto tempo internado?

Faz nove meses que eu tô preso.

6- Como era a sua relação com seus pais?

Meu pai era pintor e minha mãe era diarista. Acho que minha mãe não fica agradada com esse trem não, ela fica chorando falando que eu fui preso. Meu pai nem vem aqui me vê. Ele falava para mim, que eu chegava lá em casa com carro roubado, com arma, ele falava que quando eu chegasse a cair e ficar aqui muito tempo, ele não vinha me ver não.

7- Em qual setor você morava?

Novo Mundo

8- Você estava frequentando a escola antes de cumprir medida socioeducativa?

Acho que é assim só na escola pública. Num sei, o ensino meio fraco, os colega traficante e os professô meio desligado. Ninguém aprende nada num lugar desse não. Mas, eu assim, ia, na verdade até hoje eu vô e tudo, sou dos mais esforçado. Mas, na real? A escola num ajuda muito não, você num vê um professô mesmo assim que acha bom, sabe? Dar aula, ninguém acha e nós atenta demais...então fica nisso mesmo.

9- Você tem religião?

Nossa, eu ia muito na igreja adorava. Mas, assim, igreja gasta um tempo louco, viu? Depois eu fui preso, né? É chato você falá que é de de Deus e os PM te pegá fazendo coisa errada, num tem jeito não, ocê vai ficá falado. Passou no Batista apresentador do Chumbo Grosso, cê sabe, né? Então, o povo vê mesmo. Daí você chegá na igreja, só se for pra mudar de vida. Agora assim, e o povo às vezes vai lá só mentir e pegá uns contato pros ganho.

10- Você deve ficar quanto tempo preso?

Mais três meses. O juiz bonzinho saiu e ficou só o ruim mesmo. Então pra mim foi ruim demais.

11- Na época da infração você era usuário de drogas?

Não, só vendia. E maconha de vez em quando.

12- Você gosta de assistir televisão?

Bem, eu assisto muita TV. Bom quando dava, né? E, antes mesmo, porque agora é regrado. Gosto de TV de madrugada e assisto o Chumbo Grosso para saber dos acontecimentos mais perto de casa. Assim eu mesmo gosto bastante de TV. Você já viu que quando a gente assiste TV parece que o mundo parou? Nossa é bom, viu?

13- Aqui no centro você costuma assistir televisão?

Uai, meio difícil. Eu to no isolamento agora então é meio raro, né; Tentei matá uns cara, mas infelizmente num morreu, né?

14- Qual é o seu programa favorito?

Gosto de Chumbo Grosso e de Oloares.

15- E o programa favorito da sua família?

De igreja e os jornais, tipo do Oloares, mesmo.

16- A sua família comentava o que passava na TV?

Às vezes, dependia do assunto.

17- Na escola as pessoas comentavam sobre o programa?

Ah, num sei, os muleque falá né? Do programa diretão, todo mundo vê, mas acho na real que os professo deve ter o que fazê e num vê isso não. Teve uma vez que um tal de Gabrielzim que gosta quase de explicá matéria pros professor falô se nós num podia fazer um seminário sobre Chumbo Grosso, mas era pra falá mal do programa. Aí né, ele era muleque dos estudo, tinha nível a professora ficô toda animadinha. Mas, aí eu caí. Vim pra cá, eles transfere você pruma escola perto, pra

facilitá, né? Porque é duas horas da minha casa aqui, no mínimo. Então, deve tê tido o seminário, mas foi só essa vez, que eu lembro de resto era conteúdo e pronto, que até é muito, né? A gente tem maió dificuldade pra acompanhá.

18- E, na igreja tinha comentários?

Não tinha muito não.

19- Além da televisão, você costuma jogar vídeo game?

Muito raro.

20- Quais são seus jogos preferidos?

Nenhum especial.

21- Com relação à televisão, os programas ou noticiários que tem conteúdo violento chamam a sua atenção?

Chamam sim, porque é bom ficar informado.

22- (Se, sim) Por que você considera que esses programas prendem a sua atenção?

Por conta das informações sobre roubo.

23- Qual é o seu sentimento qual você assiste alguma imagem de violência?

Normal. Não sinto nada.

24- Por que acha que esse sentimento surge em você?

Uai, porque de certa forma todo mundo é meio violento, né?

25- Você já assistiu o programa Chumbo Grosso?

Muito, né? Todo mundo assiste.

26- Com que frequência você assiste o programa Chumbo Grosso ?

Sempre, quando dá.

27- Quais são as matérias que mais chamam a sua atenção?

De roubo, pra ver como a pessoa fez.

28- Qual é a sua opinião sobre as imagens de violência veiculadas pelo programa?

Acho normal, né? Meio exposição, mas, né? Fazê o quê?

29- Você já reconheceu algum colega seu nas matérias do programa Chumbo Grosso?

Infelizmente.

30- O que você acha sobre o tratamento dado aos jovens que cometeram infrações pelo programa Chumbo Grosso?

O Batista pega pesado. Normal, né? Não é com ele, então ele quer que fique pior que tá.

31- Essas imagens de violência que são mostradas no programa Chumbo Grosso, o que elas despertam em você?

Acho normal, né?

32- Os seus colegas costumam comentar as informações de violência que foram expostas no programa?

Todo mundo fala de gente que foi preso, morreu, normal, né? Tá na televisão.

33- E, sobre a violência em si, tem algo que você gostaria de falar?

Não, né? O que eu ia falá.

34- E, sobre o tratamento que a televisão costuma dar á violência?

Na televisão é igual na vida. Cada um conta a sua história. Ocê conta a verdade se for prum padre, um pastor, um amigo muito íntimo. Agora, se for pra quem ocê num gosta, ou pra quem ocê num tem relação nenhuma, ocê vai querê mais é crescê. É assim, nos programa de TV, os apresentado tudo que crescê, aí já viu...inventa...

35- O que você pensa sobre o tratamento das imagens de violência no programa Chumbo Grosso?

Eu acho um abuso, ô povo abusadão, viu?

36- Mas, afinal o que é violência para você?

É fazê o que os outro não querem, né?

37- Tem violência aqui?

Algumas vezes tratam bem, algumas vezes tratam mal, aqui é meio complicado. Aqui você chama hoje para eles (os educadores) virem, e eles vêm só amanhã. Ainda mais que agente tá aqui no isolamento, chama hoje só vêm amanhã. Demora muito, eles ficam sentado aí fingem que não tão ouvindo.

38- Depois de cumprir a medida socioeducativa o que você pensa em fazer?

Num pensei ainda não.

ENTREVISTA

1- Qual o seu nome? (seu nome será usado apenas para tratarmos durante a pesquisa, pois, terá total sigilo sobre sua identidade na divulgação dos dados obtidos)

L. V. D.

2- E idade?

16 anos

2- Você quer me contar um pouco sobre a infração te levou para a internação?

Uns problemas que eu tive, gosto de falá disso não. Mas tipo assim acabei matando um povo e tals, coisas da vida, que acontece, sei lá.

3- Por que você fez essas coisas?

Uai, na hora né? Você num pensa eu vô matá, mas mata, sei lá, num tem muita causa, o povo fica na sua frente e se impõe, sei lá.

4- Você deve ficar quanto tempo internado?

Então uns seis meses mesmo.

5- Como era a sua relação com seus pais?

Normal, né? De vez em quando uns problema, mas o povo lá de casa é tranquilo, eu é que sô nervoso, viu? Precisa ver.

6- Qual setor você morava?

No Novo Mundo, na verdade

7- Você estava frequentando a escola antes de cumprir medida socioeducativa?

Na verdade pra quê estudar, né? Cê manja seu destino, mas tudo bem, às vezes o povão faz pra agradá mãe, eu nem acho ruim. Mas, ou? Tem umas escola ruim, viu? Moço CE chega pra aula, aí o povo já te avisa, que num vai ter primeira aula. Pô! Tem dia que cê vai igual besta, uai não hoje só tem a sexta aula...tomá banho desse povo. Nossa tia, desculpa eu sô impaciente demais cum tudo. Escola então me tira do sério, viu? Ali eles tinha que levá um corretivo, do porteiro ao diretô, ô povim fraco.

8- Você tem religião?

A minha puxa muito pra Deus, é evangélica, mas eu não, num tenho cara pra esses povo que fala que a vida é boa, que tem que acredita. Eu acho é que tem que fazê acontecê e ponto.

9- Na época da infração você era usuário de drogas?

Não, mas já ajudei a passá para frente.

10-Você gosta de assistir televisão?

Uai, gosto né? Acho que todo mundo gosta. Diversão de pobre é televisão mesmo.

11-Aqui no centro você costuma assistir televisão?

Sempre, sô bem comportado. Igual eu te falei, os problema que eu tive foi tudo lá fora.

12-Qual é o seu programa favorito?

Ah, gosto do Batista mesmo. Chumbo Grosso, e também o Oloares. O bom mesmo é ocê vê os zoto caí, é bão demais. Tens uns que acha que é os sabichão e você vê eles caí igualzinho você, é isso, por isso a gente gosta de vê essas bobagens igual Chumbo Grosso mesmo.

13-E o programa favorito da sua família?

Então, a gente assiste Chumbo Grosso e Oloares, dá pra ver porque os horários são alternados. Mas, o pior jornalismo pra mim é o da TV Anhanguera, sinceramente prefiro ver o pica-pau na Record, do que aquele lixo. Aquela gordinha em pé, jornalista, meu Deus primeiramente alguém tinha que dá um toque nela, que pra aparecê tem que tê aparência, né? Se bem que o Batista e o Oloares são uns gordim fei, mas são bons, sei lá moça, que trem difícil falá dessas coisa, ai ai...

14-E, a sua família comentava o que passava na TV?

Uai, eles falava pra mim que eu ia ter aquele mesmo futuro dos morto e dos preso, bom eles tava certo, né?

15-Na escola as pessoas comentavam sobre o programa?

Ai ai, meu saco. Eles (professores) custa passar matéria, ir né? Porque têm muitos que nem vai. Agora, se eles num qué dá nem conteúdo, ocê faz o cálculo se eles vão falá de mundo real, pessoas e tals, mas é nunca. É um povin alienado. Porque a planta germina e nasce o fruto. Tomá banho cumas merda dessa. Ninguém em sã consciência tendo um monte de problema vai querê sabe disso. Imagina ocê cum polícia, bandido e o escambal tornando sua vida um inferno, não? E, pra completá tendo aula de Biologia, é muito pra mim viu? Ah, meu Deus, esses professo é tudo tão bobo que num sabe nem que que é chumbo Grosso. Pergunta lá pro cê vê, aqui nós tamo mais culto que eles, da vida real pelo menos a gente manda, né?

16-E na igreja?

A senhora tem uma pergunta, imagina né? Tá lá o pastor daí ele vai falá: gente ocêis viu o Chumbo Grosso de ontem, o cara que caiu, então, a mãe dele tá na terceira fileira. Pensa um pouco. Quem tá lá na igreja é os parente do povo que passa no Chumbo Grosso. Porque só tem nós que o Batista pode falá das mãe. Direto quando cê é preso, cê vê os cara riquinho, mas num chega uma câmera perto. Aqui mesmo de vez em quando cê vê um rico. Mas, assim os pasto num fala porque é chato né, nem tem que falá, o papel deles já tá definido é de dividir quem vai pro céu e pro inferno e isso eles faz bem e já é muito viu? (risos)

17-Além da televisão, você costuma jogar vídeo game?

Ahan.

18-Quais são seus jogos preferidos?

Num lembro muito não.

19-Com relação à televisão, os programas ou noticiários que tem conteúdo violento chamam a sua atenção?

Uai todo mundo gosta disso, num sei, bom eu gosto, mas é da vida mesmo essas coisas.

20-(Se, sim) Por que você considera que esses programas prendem a sua atenção?

Por conta das cenas, né, vai contando a história devagar, você vai empolgando.

21-Qual é o seu sentimento qual você assiste alguma imagem de violência?

Uai fico achando nada, uai acho normal, é normal, né? Todo mundo morre um dia, a gente às vezes antecipa, ou alguém nos antecipa, mas nosso lugar é debaixo da terra.

22-Por que acha que esse sentimento surge em você?

Porque eu não sinto nada? Num sei, não, isso daí eu tinha que fazê uma pesquisa né? Igual você.

23-Você já assistiu o programa Chumbo Grosso?

Já, sempre igual eu te falei eu gosto, independente de ter outros jornais, eu gosto é desse, tá claro né?

24-Com que frequência você assiste o programa Chumbo Grosso ?

Antes era todo dia, eu acordava pra ver a cara feia e gorda do Batista, aff, caboco difícil, viu, mas o programa é muito bom...

25-Quais são as matérias que mais chamam a sua atenção?

Morte né, e as cenas, antes no programa tinha cenas mais fortes, mas agora tá devagar, viu? Ficou tudo embaçado. Deve sê o povo que não gosta da verdade, que pede pra escondê. Paciência desse povo.

26-Qual é a sua opinião sobre as imagens de violência veiculadas pelo programa?

Muito boas, já foram mais nítidas, né?

27-Você já reconheceu algum colega seu nas matérias do programa Chumbo Grosso?

Moço, a gente assiste é pra vê quem mata e quem morre mesmo. Se o cara aparece na TV, dependendo do que ele arrasto. Pô, o cara pega fama, né. Todo mundo qué batê de caminhonete, por exemplo, se ele rouba uma e ficá, sei lá, seis meses rodando, pô, o cara é massa, né? E, se isso caí na TV, pronto o cara fica bem na fita, pra caramba.

20- O que você acha sobre o tratamento dado aos jovens que cometeram infrações pelo programa Chumbo Grosso?

Na TV passa que a gente é tudo marginal, que mata mesmo, que rouba muito. Mas, é assim né? O que passa na TV faz a fita da galera, tá na mente das pessoa tudo. É meio triste você vê o cara colocá suspeito como julgado. Mas, jovem mesmo na TV é tudo condenado, ainda mais que a gente nem qué falá, pra num mostrá a cara, então fica do jeitinho deles mesmo, nós os bandido e eles os moço falador da verdade. A senhora bem que podia botá no seu trabalho sobre jovem e TV aquela música do Charles Brown Júnior: “eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério. Eu sempre quis falá, nunca tive chance, tudo que eu queria estava fora do meu alcance. Já faz um tempo, mas eu gosto de pensá, cada um, cada um, cada lugar um lugar”. Tá vendo a TV é isso daí, num é só no Chumbo Grosso que eles desce a mutamba ne nós é em tudo que é programa que tem, é só eles tê espaço. Moço, o cara num tem dó de nós não. Fala dum jeito que nunca vi, parece mãe quando fica com ódio. Pega mal demais, ele sendo homem das letra tinha que sê um pouquinho mais letrado, ocê num acha não?

21- Essas imagens de violência que são mostradas no programa Chumbo Grosso, o que elas despertam em você?

Hummm, eu acho boas em primeiro lugar e em segundo, não esquece de falá isso na sua pesquisa tá? Tem que mostrá, viu porque senão a gente fica igual palhaço sem sabê de nada achando que a vida é boa, e não é, viu?

22- Os seus colegas costumam comentar as informações de violência que foram expostas no programa?

É tem neguinho que fica revoltado, viu? Quer ver nada mais, falar nada mais, fica sem almoçá que viu parceiro morto, assim, é difícil...

23- E, sobre a violência em si, tem algo que você gostaria de falar?

Violência é coisa da vida, moça, pai e mãe espanca filhinho pequeno e ninguém fala nada, num fala, porque é normal, a gente precisa entender a vida, um pouquinho, senão sofre demais, qualquer coisinha tá chorando pelos cantos. A gente tem que sê forte que o mundo é violento.

24- E, sobre o tratamento que a televisão costuma dar á violência?

Eu acho errado, devia mostrar mais igual no Batista mostra.

25- O que você pensa sobre o tratamento das imagens de violência no programa Chumbo Grosso?

Eu acho ótimo, não tinha o Batista a gente achava que lugar de pobre era na presidência, igual os povo do PT mente que o Lula era pobre quando ganhô, mas é mentira lugar de pobre é diferente de rico, ele só ganhô porque antes ficô rico, num vem me enganá não, que eu tenho ódio, viu?

26- Mas, afinal o que é violência para você?

É a vida, ela é isso, violenta, você num acha?

27- Tem violência aqui?

Ah, cê tá de brincadeira né? Se cadeia num fosse violenta, aqui dentro ia ter era padre e pastor, mas aqui desde dos tio educado até os preso é todo mundo ruim, por isso tá aqui junto, passando mal os dia. Mas, num fica com cara de dó não, que bandido num fica com dó de vítima, nem escolhe o que mata não, só vai lá e matá, a senhora acorda, tá?

28-E, depois que você sair? O que você pensa em fazer?

Eu num vô respondê isso que vai chocá, eu num gosto de menti, então eu vou passar essa pro próximo.

ENTREVISTA

1- Qual o seu nome? (seu nome será usado apenas para tratarmos durante a pesquisa, pois, terá total sigilo sobre sua identidade na divulgação dos dados obtidos)

K. R. S.

2- E idade?

17 anos

3- Você quer me contar um pouco sobre a infração te levou para a internação?

Essa é a terceira vez que passo por aqui. Eu tenho seis passagens. A última foi no dia 17 de outubro (2011), por duplo homicídio. Foi assim, um amigo meu, que fiz aqui dentro, estava preso e enquanto a gente tava preso, um cara ficou com a mulher dele. O meu amigo saiu da cadeia e espancou a mulher até ela falar quem tinha ficado com ela. Eu já tinha saído também. Ele me chamou e fomos atrás do cara, ele tava com um colega e matamos os dois, os cara folgado ficar com a mulher do meu amigo foi demais. A gente foi pego por bobeira dele, porque ele voltou na rua do acontecido. Tenho mais passagens por tentativa de homicídio, roubo a posto, supermercado, garagem de moto, essas coisas. Foi assim, a primeira vez, em 2009, por 157, fiquei 43 dias preso. Em 2009 mesmo de novo, 157, fiquei nove meses. A terceira vez fiquei 43 dias, em 2010, pela mesma coisa, daí eu fiquei solto e voltei passei mais 21 dias neste ano, só que foi por tentativa de homicídio, tava na porta de casa, um cara passou me encarando, daí eu fui atrás dele, mas não acertei, não. E agora em 2011, que devo ficar 6 meses, por duplo homicídio.

4- Por que você fez essas coisas?

Uai, quando você vende droga, ou puxa um carro zero, você pode tirar até 10 mil por semana, chega a 30 mil no mês, dinheiro que gasto com mulher. Essa bermuda que eu to usando custa 400 reais, só uso roupa de marca, também comprei uma moto, mas tirei os retrovisores e a policia pegou, também nem tinha carteira.

5- Como era sua relação com os seus pais?

Sabe tia, meu pai usava drogas, ele emprestava a moto para o povo roubar. Eu olhava pela janela, via os colegas de “ganho” dele conversando e pensava quando eu crescer eu quero ser assim. Eu pegava a arma dele escondido para dar tiro. Um amigo dele me ensinou a usar. Ele desconfiava. Minha mãe foi para a Espanha para ficar um ano e ficou quatro.

6- Qual setor você morava?

Eu morava no finsocial, agora por último com minha mãe, padrasto e irmã e irmão mais novos, eles não têm passagem não.

- 7- Você estava frequentando a escola antes de cumprir medida socioeducativa?
Uma época morei com minha vó, ela me obrigava a ir pra escola. Eu pulava o muro da escola. Nem, negócio de ficá estudandinho, igual bocó. Eu fazia 5ª série mesmo. Ah, na escola mesmo eu ia, mas tinha muita droga, o povo usa, sabe, as professoras são impacientes, a gente fica até tarde na rua, chega cedo com sono e tals, então vai pra noite, aí o ensino fica bem pior do que a gente imagina.
- 8- Você tem religião?
Evangélica. Minha mãe ia, meu pai de vez em quando. Deus é tudo, sem ele a gente não vive. Tem que ter Deus no coração.
- 9- Você deve ficar quanto tempo internado?
Pelo jeito vou ficar uns 6 meses internado. O outro juiz era bonzinho, mas esse daí é ruim, viu?
- 10-Na época da infração você era usuário de drogas?
Quando tinha 15 anos eu usei um ano direto cocaína e maconha, mas parei. O povo falava que eu não tinha coragem de matar, sabe fazer as coisas sem usar drogas, mas eu tenho.
- 11-Você gosta de assistir televisão?
Às vezes eu gosto de assistir televisão, de jornal, para ter uma informação, de novela.
- 12-Aqui no centro você costuma assistir televisão?
De vez em quando, eu fiz muita bagunça aqui, estou no isolamento, lá não tem televisão.
- 13-Qual é o seu programa favorito?
Não tenho nenhum programa de televisão preferido, nenhum especial.
- 14-E o programa favorito da sua família?
Minha mãe vê de tudo, meus irmãos desenhos. Meu pai gostava muito de filmes de ação e tals, também jogava um pouco.
- 15-A sua família cometava o que passava na TV?
Direto, né? Todo mundo fala da roupa da novela e tals.
- 16-Além da televisão, você costuma jogar vídeo game?
Quando eu estava solto, nossa eu jogava demais da conta.

17-Quais são seus jogos preferidos?

Residente Evel, tem tiro, zumbi.

18-Com relação à televisão, os programas ou noticiários que tem conteúdo violento chamam a sua atenção?

A violência atraí, você fica jogando, fica louco para ter uma arma. Daí você vai vender droga e depois arruma uma arma. Uma vez eu roubei um revólver de um segurança.

19-(Se, sim) Por que você considera que esses programas prendem a sua atenção?

20-Qual é o seu sentimento qual você assiste alguma imagem de violência?

21-Eu via as armas na televisão, eu pensava eu vou matar desse jeito, era fácil matar, na vida real também.

22-Por que acha que esse sentimento surge em você?

Acho normal a violência na televisão, como se fosse comum, não sinto nada, eu acho.

23-Você já assistiu o programa Chumbo Grosso?

Já assisti.

24-Com que frequência você assiste o programa Chumbo Grosso ?

Sei lá, o povo lá de casa assistia e eu via. De vez em quando, na hora do almoço.

25-Quais são as matérias que mais chamam a sua atenção?

Ver quem foi preso, ver a carinha que ele faz, carinha de coitado. A gente tem que fazer de humilde na frente da TV.. Gosto das matérias de homicídio, para ver se aquela pessoa que morreu já cometeu crime.

26-Qual é a sua opinião sobre as imagens de violência veiculadas pelo programa?

Ensina o crime na TV. Você vê e pensa queria ter aquele revólver, as pessoas ficam interessadas nas drogas presas. Você fica com vontade de ter aquelas coisas. As pessoas acham bom ir preso, passam na TV, ficar considerado.

27-Você já reconheceu algum colega seu nas matérias do programa Chumbo Grosso?

Direto eu vejo os colegas. Penso ele foi um vacilão, se fosse eu não tinha caído. Já vi vários amigos na TV, morto no jornal. Você fica falado depois que passa no jornal. As pessoas admiram a gente. Eu fui preso mesmo, por causa dos colegas. Eu ia para Caldas, fugir depois do homicídio, mas ele quis voltar. Quando fui preso passou na televisão, programa do Batista Pereira. Minha mãe falou que o povo me reconheceu. Uma pessoa ficou sabendo que tá no *youtube*. Quando eu sai, eu vou ver no *youtube*, igual das outras vezes que eu fui preso.

28-Na escola as pessoas comentavam sobre o programa?

Às vezes. Gente falava, assim os colega mesmo, agora professora nunca vi comentar não, é meio feio assistir esses programa o povo fala que vê Fantástico, e uns da Globo, sem ser novela e tals, senão queima.

29-E na igreja?

Acho que fala, na verdade a minha mãe que vai, mas o pastor já vi ele falar que nós tá tudo perdido, que num tem muito jeito, vai descer pro inferno mesmo.

30-O que você acha sobre o tratamento dado aos adolescentes que cometeram infrações pelo programa Chumbo Grosso?

Batista Pereira é folgado, fica falando dos bandidos e prejudicando, tem que morrer, tem que ficar preso. A lei é diferente para menor. Não temos culpa do jeito que nós somos julgados. Nós temos que ficar presos apenas o tempo da lei.

31-Essas imagens de violência que são mostradas no programa Chumbo Grosso, o que elas despertam em você?

Ensinam o crime.

32-Os seus colegas costumam comentar as informações de violência que foram expostas no programa?

Nós comentamos dos outros que aparecem, a gente ri.

33-E, sobre a violência em si, tem algo que você gostaria de falar?

É meio violência. Tirar a vida da pessoa. Morreu, já era, lamentar não dá, que esteja num lugar bem. É ruim tirar as coisas de quem trabalhou. Mas, tem gente muito pior, porque quem estupra, pode estuprar o povo da sua família, não escolhe vítima.

34-E, sobre o tratamento que a televisão costuma dar á violência?

A televisão colabora com a violência, incentiva alguns e alerta outras pessoas.

35-O que você pensa sobre o tratamento das imagens de violência no programa Chumbo Grosso?

Mostra pessoa morta, agressão, estupro roubo, só.

36-E, de agora em diante, o que você pensa fazer?

Aqui num muda ninguém. Esse amigo que matamos juntos. A gente se conheceu aqui em 2009, fizemos os planos aqui. Construiu uma amizade.

37-Tem violência aqui?

Só uma vez que um policial bateu um cacete no meu braço, fiquei com esse braço ruim muitos dias. Os colegas são violentos entre si.

1- Qual o seu nome? (seu nome será usado apenas para tratarmos durante a pesquisa, pois, terá total sigilo sobre sua identidade na divulgação dos dados obtidos)

J. B.

2- E idade?

18 anos (cometeu a infração antes de completar esta idade, por isso está cumprindo internação, mesmo com esta idade, a infração pode ser penalizada com internação de até 3 anos)

3- Você quer me contar um pouco sobre a infração te levou para a internação?

É a minha primeira vez, fui preso por 157. Assalto a *lan house* em Trindade. Eu tô aqui por conta das amizades. Comecei a andar com um rapaz e dentro de 3 meses estava obcecado pela droga. Usava de tudo e muito. Cocaína, crack, tudo o que vier. Daí comecei a roubar para usar drogas. Sabe, eu tinha emprego e m Goiânia, num negócio de insulfilm para carros. Mas, depois eu já não tinha forças para trabalhar.

4- Por que você fez essas coisas?

Eu via a minha realidade. Quando eu era pequeno queria ser militar. Aos 16 anos comecei a ver que eu estava em outro lugar. Eu não tinha amigos para me ajudar. Eu pensava mais longe, mas eu não tinha como chegar lá, por causa da minha situação financeira, da minha mãe mesmo, ela trabalha de doméstica em Trindade. Meu pai largou da minha mãe, foi melhor mesmo , eu batia de frente com o meu pai, ele não aceitava a minha opinião.

5- Como era sua relação com os seus pais?

Meu pai largou da minha mãe, foi melhor mesmo , eu batia de frente com o meu pai, ele não aceitava a minha opinião. Era por aí mesmo.

6- Qual setor você morava?

Eu morava na Vila Nova em Trindade.

7- Você estava frequentando a escola antes de cumprir medida socioeducativa?

Tava sim, uma lá perto de casa, só que as amizades me afastou, e tals. Tava no caso na 9ª série. Minha última escola era boa, particular, melhor que as públicas que eu toda vida estudei. Na escola particular, essa que eu tô te falando mesmo, os professores e os colega era tudo paciente, davam uma atenção pra tudo que ce queria. Mas, nas escolas, como a Professor José

Luciano, antes eu tava, tinha muitas más influências. Tinha colega que usa droga, vende rouba. Eu aprendi desse mundinho na escola, que que tem que faze pra consegui o que qué. Eu ia na escola sempre quando a minha mãe era casada, mas depois virou tudo.

8- Você tem religião?

Católico, mas não frequento

9- Você deve ficar quanto tempo internado?

Vou ficar 6 meses, mas falta duas semanas para a audiência, acho que vou sair.

10-Na época da infração você era usuário de drogas?

Usava muito, tanto que tive que ficar internado 2 meses para melhorar.

11-Você gosta de assistir televisão?

Eu gosto.

12-Aqui no centro você costuma assistir televisão?

Sempre que dá a gente assiste. A TV no centro passa desenhos, filmes, a gente ajuda a escolher o que mostra a nossa vida.

13-Qual é o seu programa favorito?

Eu acho interessante o Chumbo Grosso, porque ele mostra o que muitos não mostram que é a verdade, que é a morte, são assassinatos, que tem a ver com o nosso mundo. O Chumbo Grosso era um jornal que eu assistia e nunca achava que ia ser preso. Quando eu fui preso minha mãe falou que deu para me reconhecer na televisão.

14-E o programa favorito da sua família?

Sabe, lá em casa todo dia os meus pais assistiam Chumbo Grosso. Todo mundo é fã desse trem. Aprendia a ver, sei lá, num sei.

15-A sua família comentava o que passava na TV?

Às vezes, né? Quando se via um conhecido, era demais, todo povo falava.

16-Além da televisão, você costuma jogar vídeo game?

Jogava bastante.

17-Quais são seus jogos preferidos?

Guitar Hero.

18-Com relação à televisão, os programas ou noticiários que tem conteúdo violento chamam a sua atenção?

Nos filmes mostra a inteligência, como os roubos de banco, no filme 007. A gente aprende algo, quando eu estava sem drogas eu tinha sonhos, eu já estava entrando nesse mundo de alguma forma.

19-(Se, sim) Por que você considera que esses programas prendem a sua atenção?

Você aprende muito, entra neste mundo.

20-Qual é o seu sentimento quando você assiste alguma imagem de violência?

Eu sentia remorso, ver as pessoas morrerem por nada, por drogas.

21-Por que acha que esse sentimento surge em você?

Por causa do jeito que mostrava não tinha respeito depois que a pessoa morre. Um traficante, por exemplo, depois que morre ninguém tem respeito.

22-Você já assistiu o programa Chumbo Grosso?

Sempre.

23-Com que frequência você assiste o programa Chumbo Grosso ?

Quando eu não tava em casa, a gente assistia no serviço mesmo.

24-Quais são as matérias que mais chamam a sua atenção?

Mais chamava a atenção as matérias de morte. Acho que hoje as imagens são mais saudáveis. Isso foi uma reivindicação de alguma família, sobre as imagens, né?

25-Qual é a sua opinião sobre as imagens de violência veiculadas pelo programa?

A violência tem que passar na televisão porque as pessoas aprendem a não cometer crimes, já eu tive que passar por aqui para aprender. Acho importante passar violência na TV, pois ela está em todos os lugares, é um pai que bate no filho, a pessoa que grila e ameaça a outra. Existe uma violência que você vê acontecendo.

26-Você já reconheceu algum colega seu nas matérias do programa Chumbo Grosso?

Não sou envolvido com esse pessoal. Mas, existe uma admiração por quem passa no programa. Porque aqui dentro os meninos dão valor a um ato, mais complexo, mesmo roubar um carro, loteria, Correios.

27-Na escola as pessoas comentavam sobre o programa?

Uai igual to falando só as coisa que chama atenção mesmo, os ato mais complexo todo mundo fala, agora professor num fala disso n

28-E na igreja?

Num frequente muito, mas fala de Cristo, as coisas errada reprová.

29-O que você acha sobre o tratamento dado aos adolescentes que cometeram infrações pelo programa Chumbo Grosso?

Esse negócio que polícia tem que matar bandido eu acho erradíssimo. Se o bandido tinha chance de refletir ele mudava, se for a primeira vez. Bandido reincidente já não tem conserto. Até hoje não conheci nenhum adolescente que não tinha duas passagens. O programa do Batista é do jeito que é por conta da diferença da realidade, se ele passasse por uma situação igual a essa que nós passamos ele tornaria o seu telejornal bem diferente do que é. Situação que eu falo, de falta de dinheiro, drogas, depois uma internação aqui.

30-Essas imagens de violência que são mostradas no programa Chumbo Grosso, o que elas despertam em você?

Remorso, igual eu falei mesmo.

31-Os seus colegas costumam comentar as informações de violência que foram expostas no programa?

A gente conversa.

32-E, sobre a violência em si, tem algo que você gostaria de falar?

Não.

33-E, sobre o tratamento que a televisão costuma dar á violência?

A TV ensina a violência, muitas crianças aprendem a violência por meio da televisão.

34-E, de agora em diante, o que você pensa fazer?

Meus planos depois é trabalhar, cuidar da minha filha, eu tenho uma, sabe, cuidar da minha mãe.

35-Tem violência aqui?

Todo lugar tem, tia.

ENTREVISTA

01-Qual o seu nome? (seu nome será usado apenas para tratarmos durante a pesquisa, pois, terá total sigilo sobre sua identidade na divulgação dos dados obtidos)

H. M.

02-E idade?

18 anos (cometeu a infração antes de completar esta idade, por isso está cumprindo internação, mesmo com esta idade, a infração pode ser penalizada com internação de até 3 anos).

03-Você quer me contar um pouco sobre a infração te levou para a internação?

Eu tenho duas passagens pela polícia, uma por roubo de carro e a outra por homicídio. O homicídio, na verdade foi um acidente, eu disparei o revólver na minha mulher, sem querer. Na primeira vez que fui internado peguei 3 meses, e agora por último peguei 6 meses. Sabe, da minha mulher, eu fui preso no hospital, ela foi conversando comigo no carro. Nem sangrar, ela sangrou.

04-Por que você fez essas coisas?

A gente faz porque fica com mais raiva, por estar aqui dentro. O tempo que eu tava aqui só pra pegar contato, só pra conhecer mais vagabundo. Aqui a gente fica muito tempo na tranca. Tinha tempo para ficar pensando em roubar melhó, matar melhó. Mas quando eu sair quero ficar de boa, quero cuidar da minha filha, que perdeu a mãe, naquele acidente que eu te falei.

05-Como era sua relação com os seus pais?

Minha mãe trabalha numa confecção, e meu pai trabalha num almoxarifado.

06-Você estava frequentando a escola antes de cumprir medida socioeducativa?

Não, tia, já fui na escola muito já. Tava na 5ª série. Tem o problema de conhecer os meninos e eles já têm planos pruns ganhos, então a gente enturma e começa, e isso na escola mesmo. Até porque num tem muita coisa pra fazer na escola, né? É meio sem função. Bom, eu nunca achei função naquilo.

07-Qual setor você morava?

Finssocial, em Goiânia, mesmo.

08-Você estava frequentando a escola antes de ser preso?

Eu ia, né?

09-Você tem religião?

Eu ia com a minha mãe na Assembléia, depois parei.

10-Você deve ficar quanto tempo internado?

Dessa vez 6 meses a previsão.

11-Na época da infração você era usuário de drogas?

Não.

12-Você gosta de assistir televisão?

Gosto de ver TV, Jornais, tipo Batista, Oloares, esse pessoal.

13-Aqui no centro você costuma assistir televisão?

Quando dá.

14-Qual é o seu programa favorito?

Chumbo Grosso é o meu programa de TV preferido.

15-E o programa favorito da sua família?

Bom, a minha mãe gosta do Oloares e eu gosto do Batista, cada um gosta de um, né mesmo?

16-A sua família comentava o que passava na TV?

Aham, sempre, né?

17-Na Escola as pessoas comentavam sobre o programa?

A gente, falar de Chumbo Grosso na escola, eu nunca vi não, as professora não fala disso, quando alguém falava, essas falava que num assistia, num sei não, acho que elas vê, mas fala que não vê, igualzinho quem compra roupa na feira, mas fala que só compra de marca, sei lá.

18-Além da televisão, você costuma jogar vídeo game?

Aham.

19-Quais são seus jogos preferidos?

Maníacos, tudo que for jogo de fase

20-Com relação à televisão, os programas ou noticiários que tem conteúdo violento chamam a sua atenção?

O sucesso é porque os apresentadores falam revoltados. E, outra para ver as pessoas que estavam sendo presas. Ver quem era, que tava dando trabalho

21-(Se, sim) Por que você considera que esses programas prendem a sua atenção?

O apresentador, conversa demais, fala até demais, o jeito que ele conversa, acontece de um jeito e eles mostram do jeito deles..

22-Qual é o seu sentimento quando você assiste alguma imagem de violência?

Sentimento de justiça, a lei estava sendo cumprida. Passou esses dias dois rapazes que roubaram uma Hilux (modelo de Caminhonete) e mataram atropelados os donos. Tá roubando, para quê matar?

23-Por que acha que esse sentimento surge em você?

Não sei.

24-Você já assistiu o programa Chumbo Grosso?

Quando dava tempo, três vezes na semana.

25-Com que frequência você assiste o programa Chumbo Grosso ?

Então pra mais de três vezes na semana.

26-Quais são as matérias que mais chamam a sua atenção?

Ver os amigos meus do setor, pra saber quem está dando trabalho. Já vi uns bichos do setor que foi preso, o ato, as armas, as drogas, ficar conhecendo, pra ver quem fica conhecido.

27-Qual é a sua opinião sobre as imagens de violência veiculadas pelo programa?

Quando da minha mulher, eles falaram que eu era matador. Acho errado. Mostrou meu rosto na TV, maior enxame que eles fizeram. Minha mãe até guardou as filmagens. Acontece uma coisa, o apresentador fala outra, eles mostram as cenas do jeito deles. O Batista fala isso, de eu ser matador, para fazer fama, enxame, que as PM tá na rua pra prender e matar, eu acho errado a PM matar, não é porque tá errado que tem que matar, não. Faz pra ganhar o povão.

28-Você já reconheceu algum colega seu nas matérias do programa Chumbo Grosso?

Já. Desses jornais muitas pessoas reclamam, você foi preso por uma coisa, inventam, falam coisas que você não fez, que você estava roubando carro.

29-Na escola as pessoas comentavam sobre o programa?

Ah, tia é meio feio falá de Chumbo Grosso. Imagina você chegar na escola e alguém falá olha a professora tava comentando que jeito que o Batista falou de você da última vez que foi preso, meio paia, né? É melhor mesmo a escola ficá de fora. Tem coisa que num combina, igual televisão e escola mesmo, bom eu acho, vai que alguém discorda, né?

30-E na igreja?

Uai! O povo fala entre si que viu? Vira a maior coisa, quem comete ato e passa na TV tem lugar na igreja não, a num ser que vai dá depoimento, num sei.

31-O que você acha sobre o tratamento dado aos adolescentes que cometeram infrações pelo programa Chumbo Grosso?

Várias pessoas reclamam do jeito dele falar. Pessoas que se virem o Batista na rua, matavam. Ele mesmo falou que todos os homicídios da região era eu que tava matando. Isso daí é errado. Até quando ele falava de outras pessoas eu achava errado.

32-Essas imagens de violência que são mostradas no programa Chumbo Grosso, o que elas despertam em você?

Um sentimento igual quando acontece um acidente, aquele lá.

33-Os seus colegas costumam comentar as informações de violência que foram expostas no programa?

Todos os colegas comentam o Chumbo Grosso, falam do aumento das coisas, dos crimes.

34-E, sobre a violência em si, tem algo que você gostaria de falar?

Nem concordo com violência. Para mim não é vantagem, ficar machucando ninguém. Nem penso em brigar aqui. O que mais dá guerra de rua é dentro da cadeia, os cara descobre onde você mora para te matar.

35-E, sobre o tratamento que a televisão costuma dar á violência?

Por um lado é ruim porque tem menores assistindo com a família, pessoas que tá morrendo, criança tá vendo, quer roubar também, é sem cabeça.

36-E, de agora em diante, o que você pensa fazer?

Quero sair daqui, ficar de boa.

37-Tem violência aqui?

Bater e matar esses trem aí é ruim. O que mais tem é violência. Ah, e anota ai, o apresentador comete muita violência da maneira como ele trata as pessoas.

ENTREVISTA

01-Qual o seu nome? (seu nome será usado apenas para tratarmos durante a pesquisa, pois, terá total sigilo sobre sua identidade na divulgação dos dados obtidos)

R. T. S.

02-E idade?

17 anos

03-Você quer me contar um pouco sobre a infração te levou para a internação?

Tenho 5 passagens, tráfico, porte de arma, homicídio. Devo ficar 6 meses preso.

04- Por que você fez essas coisas?

Por causa do convívio com as outras pessoas, usei cocaína, mas não viciiei, mas é pra gastar dinheiro em festas. As mulheres nós pagávamos tudo pra elas. Pagava só o consumo. Ah, roupa de marca Maresia, MCD, tênis. Toda semana eu ia no Shopping, gostava muito de ir no Shopping. Já ia já comprava. Comprava roupa pras mulher também, sandália.

05-Como era sua relação com os seus pais?

Meu pai é falecido há 14 anos, minha mãe mora no Madre Germana em Aparecida, ela é pensionista e costureira.

06-Você estava frequentando a escola antes de cumprir medida socioeducativa?

Eu ia lá, né, num era muito minha praia, o povo falava eu não entendia. Sabe, as professoras mesmo. Eu tava na 7ª série, mas agora num reprova mais né, capaz que eu ia pra 9ª direto, quando sair vou ver isso.

07-Qual setor você morava?

Eu morava no Papillon em Aparecida com minha namorada Andressa.

08-Você tem religião?

Minha mãe é crente, eu era músico da igreja tocava clarinete. Parei de ir na igreja eu tinha 14 anos. Por conta de amizades eu não queria ir mais. Daí o pastor falou comigo e eu ia de vez em quando. Quando eu queria ir, sentia vergonha. Comentaram com a minha mãe no mundo que eu tinha entrado, que eu era “menino bom”.

09-Você deve ficar quanto tempo internado?

Agora 6 meses.

10-Na época da infração você era usuário de drogas?

Usei cocaína, mas não viciei.

11-Você gosta de assistir televisão?

De vez em quando vejo televisão.

12-Aqui no centro você costuma assistir televisão?

Aqui também às vezes.

13-Qual é o seu programa favorito?

Filmes de ação, terror, jornais tipo Chumbo Grosso.

14-E o da sua família?

Minha mãe vê programa de crente, de todo tipo.

15-A sua família comentava o que passava na TV?

Aham, falava sim.

16-Além da televisão, você costuma jogar vídeo game?

Quase não jogava.

17-Quais são seus jogos preferidos?

Não lembro.

18-Com relação à televisão, os programas ou noticiários que tem conteúdo violento chamam a sua atenção?

Prendia mais atenção no Chumbo Grosso “as notícias locais”. O programa é bom, mas o apresentador conversa demais, xinga as pessoas. Fala coisas que não aconteceu e ele fala que aconteceu.

19- (Se, sim) Por que você considera que esses programas prendem a sua atenção?

Por isso, mesmo que eu falei.

20-Qual é o seu sentimento qual você assiste alguma imagem de violência?

Sentimento de raiva. Porque o jeito que ele (Batista Pereira) trata as pessoas não é jeito de tratar ninguém.

21-Por que acha que esse sentimento surge em você?

Porque o que eles fazem é errado, eu fico com raiva.

22-Você já assistiu o programa Chumbo Grosso?

Aham.

23-Com que frequência você assiste o programa Chumbo Grosso ?

De vez em quando eu acho, três vezes na semana.

24-Quais são as matérias que mais chamam a sua atenção?

Quando a pessoa passa na TV é chato porque o apresentado fala demais, xinga e porque a pessoa fica muito falada, atrapalha a vida da pessoa. Quando eu fui preso passou no programa, eu não vi. Todo mundo comentava, falava que ele tava me xingando, que eu devia morrer. Mas, eu nem ligo. Minha mãe ia no supermercado, ou até mesmo no ônibus tava todo mundo comentando, eu tinha vergonha.

25-Qual é a sua opinião sobre as imagens de violência veiculadas pelo programa?

Sobre imagens eu não falo nada não.

26-Na escola as pessoas comentavam sobre o programa?

Tia, ninguém gosta de falá disso não, só a senhora, só, que fala assim, natural, tipo que conhecesse, ou tinha sofrido. Lá na escola isso era assunto proibido, quando nós falava isso, as professoras tudo ficava com raiva, que não era da matéria nossa e tudo mais, mas nos corredores da escola tudo que era menino comentava de outros que tinha visto na TV, como que era e tudo mais, tudo era assunto nosso.

27-E na igreja?

Na igreja fala só mal mesmo.

28-Você já reconheceu algum colega seu nas matérias do programa Chumbo Grosso?

Já. Todo mundo comenta esse negócio, fala do apresentador, tem jeito de ver não tia, tem que ver mesmo.

29-O que você acha sobre o tratamento dado aos adolescentes que cometeram infrações pelo programa Chumbo Grosso?

Eu acho ruim. Cadeia é para maior. Ruim demais falar da redução para 16 anos. E, outra incentiva os policiais a violência, eles se sentem incentivados. Policia também mata.

30-Essas imagens de violência que são mostradas no programa Chumbo Grosso, o que elas despertam em você?

Admiração. Coisa boa que o programa fez, que a PM fez, quando faz direito.

31-Os seus colegas costumam comentar as informações de violência que foram expostas no programa?

Comentam muito o que passa no Chumbo Grosso. Eu comentava, quando é colega ou pessoa que você conhece. Pra mim o que mais chamou a atenção foi o caso André Daia. No começo do ano (2011). Ele assaltou a PM, deixou em cima de um prédio. Ele era daqui, foi preso no Rio de Janeiro. Era o maior ladrão. Assisti tudinho no Chumbo Grosso, demais, viu?

32-E, sobre a violência em si, tem algo que você gostaria de falar?

Violência, conceito, ficar batendo nos outros, as pessoas sempre se encontram, dá nisso, encontra os inimigo, eu rezo pra num encontrar.

33-E, sobre o tratamento que a televisão costuma dar á violência?

A TV contribui pra a violência dos policiais contra nós. Incentiva, só piora. Vai ver você não tá fazendo nada. O PM te viu na TV, quer julgar você, bate em você. Tem vez que você tá na sua casa dormindo, os PM ia lá em casa, me batia, buscava droga, arma. A polêmica é grande eles querem acabar com ela, quer prender, eles derrubam a porta.

34-O que você pensa sobre o tratamento das imagens de violência no programa Chumbo Grosso?

De imagem eu num entendo muito bem não. Agora não passa nenhuma imagem no Chumbo Grosso sobre o que os PM faz né? A PM é mais violenta que o povo que comete crime, porque a PM faz ela não é punida. Quando a PM mata um bandido, inclusive fazem festa, ganha medalha, mostra o cadáver do bandido, sem dó nenhuma. Muitos PM's saem quando vão presos. A PM mata 10 fica preso 1 ano. O resto mata 1,2, fica muito tempo.

35-E, de agora em diante, o que você pensa fazer?

Num sei. Parei de estudar porque fui preso e tinha aparecido na TV, fiquei com vergonha de voltar. Mas, se eu tivesse na rua tava fazendo coisas piores. O povo, os PM's estão seguros. Esse negócio de cumprir pena...A noite é difícil porque demora a passar. A gente não dorme direito, pensa muito na rua. Apaga todas as luzes e fica escuro. Eu num gosto de maltratar ninguém, porque um dia a gente se encontra.

36-Tem violência aqui?

Todas as vezes que fui preso os PM me bateram. Eles me bateram com cacete, pedra. Acho isso ruim, um dia você pega revolta, se ver um dia na rua um cara desse, sua reação é matar eles. Ninguém vai atirar em policia, a

gente se rende e eles querem bater mesmo assim, xingar a mãe dos outros. Aqui é ruim, é muito tempo na tranca (preso). Muito dentro da cela, só fica maquinando coisa ruim. Conhecia muitos daqui, já tinha visto na rua. Já vi uns deles e conheci pela TV.

ENTREVISTA

01-Qual o seu nome? (seu nome será usado apenas para tratarmos durante a pesquisa, pois, terá total sigilo sobre sua identidade na divulgação dos dados obtidos)

M. C.

02-E idade?

18 anos

03-Você quer me contar um pouco sobre a infração te levou para a internação?

Tô internado pela 1ª vez. Foi roubo de carro, um Polo, foi com um amigo de maior, no setor Celina Park.

04-Por que você fez essas coisas?

Por conta da grana a gente repassa os carro a 1.500-2000 reais, geralmente. Pra comprar roupa de marca MCD, Maresia, e sair com os amigos pro Banana Café, pro Bola Sete. Tô internado desde junho, o amigo meu foi pego também.

05-Como era sua relação com os seus pais?

Eu morava no bairro Santa Rita, em Goiânia, morava com o meu pai. Eles estão separados, ela morava no Jardim América. Meu pai dava a maior liberdade.

06-Você estava frequentando a escola antes de cumprir medida socioeducativa?

Sou matriculado numa escola lá do Santa Rita mesmo.

07-Qual setor você morava?

Então no Santa Rita, igual eu falei.

08-Você tem religião?

Religião eu parei de ir. Não tinha tempo. Nem interesse. Por causa da rua, das coisas que não prestam, tipo drogas, maconha, cocaína, papel (LSD).

09-Você deve ficar quanto tempo internado?

6 meses né, eu entrei em junho, já tamos em novembro, então até hoje eu já cumpri 5 meses e 15 dias, puxado, viu?

10-Na época da infração você era usuário de drogas?

Usava tudim, igual te falei, mas tipo, não viciiei. Era usuário, um dia antes (da infração) eu tava desandado na cocaína, fui preso de manhã não tinha dormido noite anterior.

11-Você gosta de assistir televisão?

Gosto de televisão. Jornal, filme, muita coisa. Raramente assisto televisão, filme, clipe, música, mas eu gosto queria ver mais.

12-Aqui no centro você costuma assistir televisão?

Quando dá, né tia, vai depender muito do comportamento, do humor dos tio, é foda.

13-Qual é o seu programa favorito?

Televisão de madrugada. Teleseriados do SBT. Aqui em Goiás Balanço Geral e Chumbo Grosso.

14-E o da sua família?

Meu pai assiste todo dia. Ele vê, o povo todo lá do setor vê isso todo dia.

15-A sua família comentava o que passava na TV?

Aham, quem morreu, né, quem foi preso, essas coisa.

16-Além da televisão, você costuma jogar vídeo game?

Jogava demais. Quando eu jogava na máquina Fufaiter, Medalha de honra, Deus da honra, Residente Evil.

17-Quais são seus jogos preferidos?

Então esses mesmos, os de luta, né.

18-Com relação à televisão, os programas ou noticiários que tem conteúdo violento chamam a sua atenção?

Porque, não sei não.

19- (Se, sim) Por que você considera que esses programas prendem a sua atenção?

Por conta de chacina, homicídio, aí prende sua atenção. O Chumbo Grosso chama atenção, porque o apresentador é realista, porque mostra as imagens do jeito que elas é, não oculta das imagens, mostra tudo. Ele mostra a realidade cruel.

20-Qual é o seu sentimento qual você assiste alguma imagem de violência?

Achava engraçado, meio comédia. Achava graça, achava bom a violência.

21-Por que acha que esse sentimento surge em você?

Sentimento, né, num sei.

22-Você já assistiu o programa Chumbo Grosso?

Igual a gente tá conversando mesmo, sempre.

23-Com que frequência você assiste o programa Chumbo Grosso?

Se der todo dia.

24-Quais são as matérias que mais chamam a sua atenção?

De homicídio, pra ver quem morreu, se é conhecido, quem matou e porquê.

25-Qual é a sua opinião sobre as imagens de violência veiculadas pelo programa?

Imagens, as mais chocante é as coisas que você vê, mas que quase ninguém vê, tipo sangue, cadáver.

26-Na escola as pessoas comentavam sobre o programa?

Os colega, né, mas falava se conhecesse alguém.

27-E na igreja?

Assim, eu num sou de ir né, então eu sei pelos outros que falam tudo uns mal do outro.

28-Você já reconheceu algum colega seu nas matérias do programa Chumbo Grosso?

Já, né, um monte.

29-O que você acha sobre o tratamento dado aos adolescentes que cometeram infrações pelo programa Chumbo Grosso?

Fala mal, né? Umas fala são verdadeira e outras não são verdadeiras, (o apresentador)fala do que não sabe, fala o que a pessoa não era. Falaram de mim a verdade, só a verdade. Fizeram perguntas, filmaram, não respondi, meu colega respondeu. Nunca deu certo de roubar com ele, quando eu saia com ele pra roubar, o nome dele é Matheus, eu te falei, né? Mesmo assim, no dia eu tava preparado tinha um 38 e uma 32, eu tava com duas blusas e dois shorts pra fuga, também, mas...

30-Essas imagens de violência que são mostradas no programa Chumbo Grosso, o que elas despertam em você?

31-Os seus colegas costumam comentar as informações de violência que foram expostas no programa?

Acho graça, acho mesmo.

32-E, sobre a violência em si, tem algo que você gostaria de falar?

Eu acho que não tem solução mesmo não. Fica 15 dias na rua e volta a fazer tudo. Eu tenho vontade de mudar, mas sem estudo, sem perspectiva de vida nenhuma, poucos têm uma família boa, estruturada, que bota pra estudar, que bota pra arrumar um emprego. Falta de dinheiro, viu? Uns tem só a mãe, só o pai, o pai trabalha, mas num tem tempo de ficar com o filho. O filho é adotado pela rua. Eu acho que comigo foi assim.

33-E, sobre o tratamento que a televisão costuma dar á violência?

Sobre os menor, ele (o apresentador) fala isso porque os menor volta e ia preso, saia da audiência e ia roubar nunca ficava preso.

34-O que você pensa sobre o tratamento das imagens de violência no programa Chumbo Grosso?

O jeito que a TV fala da violência não ajuda nada, porque só fala que tem que prender e matar, com umas imagens horríveis.

35-E, de agora em diante, o que você pensa fazer?

Eu quero ficar de boa, voltar a estudar, quero voltar. Cuidar da minha filha. Sabe, eu tenho uma filha de oito meses, a Alice Vitória, eu namorava na verdade eu fui juntado com minha ex-namorada por dois anos e meio, eu tinha 15 anos e a Jéssica 17, na época. Antes de ficar preso eu não importava, mas fico vendo ela chegar grande aqui, ela me estranhava, da última vez que ela ficou de boa comigo.

36-Tem violência aqui?

Violência pra mim. As drogas geram violência, elas são o início de tudo, de roubar, de matar, se não tivesse drogas o mundo seria diferente.